

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO

**REPENSANDO O RURAL SOB O PRISMA DAS URBANIDADES,
EM NOVA FRIBURGO, RJ**

Victor Pereira de Oliveira

Niterói, RJ

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Victor Pereira de Oliveira

**REPENSANDO O RURAL SOB O PRISMA DAS URBANIDADES,
EM NOVA FRIBURGO, RJ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Doutor.

Orientador: Professor Dr. Carlos Alberto Franco da Silva

Niterói, RJ

2007

O48 Oliveira, Victor Pereira de
Repensando o rural sob o prisma das urbanidades, em Nova
Friburgo, RJ / Victor Pereira de Oliveira. -- Niterói :[s.n.], 2007
112 f.
Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal
Fluminense, 2007

1.Ruralidades. 2. Nova Friburgo (RJ) - Planejamento regional.
3.Desenvolvimento Rural. 4.Urbanidades
I.Título

CDD 20ª - 301.363098153

Victor Pereira de Oliveira

**REPENSANDO O RURAL SOB O PRISMA DAS URBANIDADES,
EM NOVA FRIBURGO, RJ**

Aprovada em 18/12/2007

Prof. Dr. Carlos Domingos da Silva
UFRRJ

Prof. Dr. Jacob Binsztok – UFF

Prof. Dr. João Rua – PUC-RJ

Prof. Dr. Ruy Moreira - UFF

Prof. Dr. Carlos Alberto Franco da Silva
UFF

DEDICATÓRIA

Dedico a todos os guerreiros e guerreiras que enfrentam os embates da existência humana contra as poderosas e destrutivas forças do poder visível e invisível, que se entranha nas profundezas do ser e se faz presente sob diversas formas de domínio. Aos homens e mulheres que não cessam de lutar pela harmonia de viver, quer seja através do intelecto ou da presença física, mas que perseveram, mesmo perante o desequilíbrio das forças.

Nova Friburgo, RJ 18 de novembro de 2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta e indiretamente proporcionaram imprescindíveis ajuda para a realização dessa tese. Primeiramente, dedico a Lena, Marcelo e Marquinho, que vêm acompanhando os momentos doces e amargos da maior parte da trajetória da minha vida, e sem eles não sei se encontraria forças para prosseguir. E agora, a presença de Miguel, uma luz com um pouco mais de um ano que nos enche de alegria e ternura.

Particularmente julgo de vital importância a presença do meu orientador, Professor Dr. Carlos Alberto Franco da Silva, não apenas para o desenvolvimento deste trabalho mas, principalmente, pelo amparo nos momentos difíceis, revelando e fortalecendo um grande elo de amizade.

Agradeço, também, a contribuição dos Professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, especialmente aos Professores Dr. Ruy Moreira e Jacob Binsztok pelas orientações sobre o tema nas bancas de avaliação, além das considerações apontadas pelos também Professores Dr. Jorge Luiz Barbosa e Ester Limonad.

Não poderia deixar de agradecer, ainda, a Professora Dra. Maria José Carneiro, do CPDA da UFRRJ, tanto pelos seus conhecimentos quanto pelas discussões e gama de informações bibliográficas apresentadas na disciplina “rural e ruralidades na sociedade contemporânea” e que ajudaram muito para o aprofundamento desse tema.

Agradeço a presença de Deus que rege a tudo e a todos.

RESUMO

Para repensar o rural, pesquisou-se mudanças e processos do passado e em curso, que revelam diferenciações e permitem descortinar a existência de diversos rurais. Para a pesquisa em tela, realizada no Município de Nova Friburgo, analisou-se peculiaridades de duas áreas rurais, sendo uma delas referente ao Distrito de Campo do Coelho, e a outra feita em conjunto com os Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra, pela proximidade e semelhanças nos atributos locacionais. As urbanidades chegadas a essas áreas são apresentadas como fator de transformação desses rurais, capaz de alterar as relações sociais e culturais e, ainda, promover diferenciações perceptíveis quanto à reprodução econômica. Verificou-se, também, que atributos naturais característicos de cada uma dessas áreas, quando sofrem a interferência do poder público e do capital privado ocasionam transformações no cotidiano das pessoas que habitam essas localidades rurais, redundando em alterações da paisagem. Sendo que, em alguns casos, propicia a expressão de novas ruralidades. Os processos que levam as urbanidades às áreas rurais se apresentam atrelados a símbolos que trazem tecnologias e informações sob o domínio do capital e, contrariamente ao processo de urbanização, não oferece inicialmente condições de percepção das alterações que causam nessas áreas. Em face desses dois rurais de Nova Friburgo encontraram-se dentro de um processo em transformação, utilizou-se, geograficamente, a categoria fronteira justamente pela presença de um estado não consolidado dessas localidades. As novas ruralidades surgem expressando a essência do rural e os anseios dos seus moradores para a melhoria das condições de vida que possibilite melhores perspectivas futuras e que concretize um rural imaginário, a partir de apoios públicos e privados, mas que não descaracterize o sentido de rural. O objetivo geral dessa pesquisa tem como premissa analisar os processos que promovem a redefinição do rural que se apresenta sob o prisma das urbanidades, nas áreas rurais dos Distritos de Campo do Coelho, de Lumiar e de São Pedro da Serra. Para tanto, verificou-se determinante observar as relações que se sucedem a partir das urbanidades, e ainda trazer para o bojo dessa discussão a emergência das novas ruralidades que se apresentam em decorrência desses processos.

Palavras-chave: Ruralidade; Nova Friburgo; Desenvolvimento rural; Urbanidades.

ABSTRACT

In order to redefine the countryside, research was done on both past and ongoing changes and the processes that reveal these differences and the existence of several types of countryside. For the research on screen, done in Nova Friburgo, the peculiarities of two areas were analysed - one is Campo do Coelho and the other consisted of two districts: Lumiar and of São Pedro da Serra. These two latter districts are grouped together due to the proximity and similarities of both places. The urban aspects that are now present in these areas are considered a factor for transformation of these rural areas, which are able to change the social and cultural relationships and also of noticeably changing the economic reproduction. It was also noted that natural attributes of each area, suffering interference from public and private investment, cause transformations in the everyday lives of the inhabitants of these rural areas, which then cause changes in the landscape. In some cases, this has brought the appearance of new rural aspects in these areas. Some symbols of urbanization, such as outside investment in technology and information, are not readily recognized as agents of change within these areas. Because these two rural areas of Nova Friburgo are in the midst of a transformation process, the borders were defined considering non-consolidated state of these places. The new rural aspects are brought to life expressing the essence of the countryside and the expectations of their inhabitants for an improvement in their living conditions and future prospects through public and private investments, but without losing the rural characteristics. The goal of this research is to analyse the processes that cause the redefinition of the countryside, which appear under the influence of urban aspects, in the rural areas of Campo do Coelho, Lumiar and São Pedro da Serra. For such, it was essential to observe the relationships that develop from the urban aspects, and also to bring to this discussion the emergence of new rural characteristics from these processes.

Keywords: Rural characteristics; Nova Friburgo; Countryside development; Urban aspects.

Relação de Figuras

	página
Figura 1 – Mapa do Estado do Rio de Janeiro destacando a localização geográfica do Município de Nova Friburgo, 2000.	35
Figura 2 – Mapa do Município de Nova Friburgo apresentando a distribuição geográfica das localidades e as principais vias de acesso, (IBGE, 2000).	41
Figura 3 – Divisão político-administrativa do Município de Nova Friburgo, (IBGE, 2000)	43
Figura 4 – Uso do solo para plantio de hortaliças no Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ (OLIVEIRA, 2002)	45
Figura 5 – Infraestrutura das moradias dos agricultores do Distrito de Campo do Coelho, em Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	45
Figura 6 – Mercado do Produtor de Conquista, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	47
Figura 7 - Unidade do IBELGA, em Baixada de Salinas, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	48
Figura 8 – Vista parcial do Parque Estadual dos Três Picos, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. 2005.	50
Figura 9 – Encontro dos rios, atrativo turístico do Distrito de Lumiar, Nova Friburgo, RJ. 2007.	52
Figura 10 – Recentes construções em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	54
Figura 11 – Mudanças no rural de São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ (OLIVEIRA, 2007)	54
Figura 12 – Chegada à localidade de São Lourenço, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	56
Figura 13 – Localidade rural de produção agrícola, Baixada de Salinas, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	57
Figura 14 – Indicações de suporte ao turismo em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	58
Figura 15 – Informações sobre localidades e pontos turísticos em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005).	59
Figura 16 – Aproveitamento do entorno da casa para cultivos, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo (RJ). (OLIVEIRA, 2002)	62

Figura 17 – Cultivo de hortaliça, próximo ao asfalto, no Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	62
Figura 18 – Antiga sede de fazenda transformada para o atendimento ao turismo, em Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	79
Figura 19 – Aparência bucólica de São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	80
Figura 20 – Retratando a atração de Lumiar pela juventude, nos anos de 1980. Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 1981).	87
Figura 21 – Localidade de Lumiar no ano de 1981. (OLIVEIRA, 1981)	88
Figura 22 – Construções com lojas para o atendimento ao turismo, em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	89
Figura 23 – Preservação do coreto na reforma da praça de Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	90
Figura 24 – Sinalizações para o atendimento ao turismo em Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	91
Figura 25 – Serviços requintados para atendimento ao turismo, São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)	91
Figura 26 – Alternativas do rural: cultivos hidropônicos, Florlândia da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	95
Figura 27 – Alternativas do rural: piscicultura em Florlândia da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)	96
Figura 28 – Produção da agricultura orgânica do Sítio Cultivar, em Nova Friburgo, RJ. 2007	103
Figura 29 – Novas ruralidades, produto da Oficina das Ervas, Galdinópolis, Distrito de Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2007)	104

SUMÁRIO

Resumo	v
Abstract	vi
Relação de figuras	vii
APRESENTAÇÃO	01
1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O RURAL	11
1.1. Representatividade de um espaço rural	13
1.1.1. Identidades rurais em crise	15
1.2. O rural sob o prisma das urbanidades	19
1.2.1. O rural como um processo social	25
2 – DIFERENCIAÇÕES DOS RURAIS DE CAMPO DO COELHO, LUMIAR E SÃO PEDRO DA SERRA	34
2.1. Dimensão sócio-econômica e histórica de Nova Friburgo	34
2.2. As singularidades do rural nas áreas em questão	40
2.3. Diferenciações de áreas nos processos rurais das localidades de Nova Friburgo	55
3 – FRONTEIRAS: PROCESSOS EM TRANSFORMAÇÃO DO RURAL EM CAMPO DO COELHO, SÃO PEDRO DA SERRA E LUMIAR	64
3.1. Fronteiras e Urbanidades	72
3.2. Discutindo um perfil para o rural	87
3.3. Ruralidades sobre o prisma das urbanidades	82
4 – UM RURAL IMAGINÁRIO: PARA NÃO CONCLUIR	99
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	108

APRESENTAÇÃO

Repensar o rural requer a busca dos diversos rurais que ocupam as heterogêneas relações humanas existentes nos mais diferenciados lugares. A busca de homogeneidade se atrela às questões de domínio, de facilidades para o exercício do poder, do favorecimento das vias de produção e de exploração. O mundo rural é diverso tal qual o urbano. Os dois “mundos” se interagem, se complementam e fazem parte de um processo dinâmico, histórico que ao longo do tempo alternam em significativas importâncias para a sobrevivência humana. Assim como, nos últimos anos, ocorreu um esvaziamento das áreas rurais em face da tecnologia, dos interesses, da política, das coisificações modernas (MARTINS, 1981) e da atração pelas cidades como *lócus* da modernidade; na atualidade, e pelas perspectivas que se apresentam em algumas dessas áreas, o rural passa a ser uma opção para viver e trabalhar. Para alguns, o retorno carrega um “modo de vida”, agora impregnado por “urbanidades”.

Projeta-se para a construção de um novo tecido, segundo Lefebvre (1976), para a urbanização total, onde a espacialidade poderá ser reconfigurada. Discordâncias e discussões sobre essa teoria partem do princípio de que o rural também recebe o olhar de um espaço dinâmico e complexo, e que pode apresentar-se dentro de processos como o de uma via de mão dupla, pois passa a oferecer opções de convivência social, ocupação e lazer, não se restringindo basicamente ao agropecuário. Nele podem ocorrer estruturas sociais tão adiantadas como nas áreas urbanas e sem perder as marcas que o caracterizam como tal. A viabilização de áreas rurais vai depender tanto dos indivíduos, ou

seja, das pessoas que se relacionam ou se identificam com o rural e mesmo daquelas que não vivem diretamente no campo, mas que de alguma forma se vinculam a ele, quanto dos atributos inerentes e contidos nessas áreas.

A mobilidade espacial das coisas e dos indivíduos que percorrem essa mesma via, e que conferem a existência de mão dupla, apresenta-se como um fator de interferência capaz de alterar hábitos e a paisagem e, nesse caso, concorre para apresentar uma reestruturação da vida cotidiana.

Para o estudo sobre a existência de marcações que possa justificar a dicotomia rural-urbano, recorre-se a um universo de posicionamentos que, muitas vezes, se perde na tentativa de conceituação sobre o rural e sobre o urbano, principalmente quando relega ao rural, o atraso, o primitivo, um *continuum* do urbano ou um processo em evolução (PAHL, 1966). Evolução para onde, para o urbano? E o urbano, o que é o urbano, também evoluiu? Como se deu e se dá à construção do rural? Quais parâmetros devem ser utilizados para a determinação do(s) espaço(s) rural(is)?

O objetivo da pesquisa tem como premissa analisar os processos que promovem a redefinição do rural que se apresenta sob o prisma das urbanidades, nas áreas rurais dos Distritos de Campo do Coelho, de Lumiar e de São Pedro da Serra, e que pertencem ao Município de Nova Friburgo, RJ. Para tanto, verificou-se determinante observar as relações que se sucedem entre o urbano e o rural, e ainda trazer para o bojo dessa discussão a emergência das novas ruralidades que se apresentam em decorrência desses processos.

No capítulo 1, o recorte teórico procura discutir a existência das representatividades rurais e a complexidade de se estabelecer critérios para defini-las como tal. As relações entre os indivíduos e a sociedade se apresentam dentro desse contexto como um fator preponderante para o desenvolvimento do tema, haja vista que a simbologia do rural se expressa através dos indivíduos, das ações e dos contornos materiais e imateriais que eles identificam e se interagem. Portanto, as relações entre indivíduos e sociedade são capazes de gerar crises em face dos processos de transformação que são inseridos nas áreas rurais.

Para o contexto da pesquisa em tela, procurou-se destacar, inicialmente, as contribuições de Candido (1975) sobre as análises dos processos que mostravam características de um rural do final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 e que resultaram em transformações sociais, em um período que se iniciava mudanças significativas nas áreas rurais, sob a égide da atração industrial. Para as considerações na atualidade, as pesquisas de Carneiro (1998) e os ensaios de Rua (2002) apresentam-se necessários para a discussão do tema, uma vez que ambos expressam em trabalhos, relevantes considerações sobre os processos de transformações em curso nos Distritos, objeto desse estudo, localizados no Município de Nova Friburgo.

Definir um espaço como rural, a princípio, pode levar a determinar condições intrínsecas ao que se denomina de contexto rural, de modo que permitirá investigar as formas de cultura, estilo de vida, reprodução econômica, mobilidade social etc. Essa busca de definição do rural leva a refletir sobre a simples utilização desses atributos, ainda mais que a maior concentração de diversidades construídas pela vivência humana, até então atribuídas ao urbano, também passam a ser encontrada em áreas rurais. Da mesma forma, em um ambiente urbano das grandes cidades encontra-se diversos segmentos de origem rural que de uma forma ou de outra se agrupam e preservam características próprias das chamadas áreas rurais.

Investigar a diversidade desses conceitos apresenta-se de fundamental importância para que se possam pesquisar identidades diferenciadoras e os formatos de aproximação que marcam essas novas formas de interação entre o urbano e o rural. Quer seja, nas formas da organização espacial, quer seja na adoção de novos objetos e ações, dentro das especificidades relativas a cada meio social.

As transformações socioespaciais das áreas rurais revelam a necessidade de análise dos processos que envolvem as peculiaridades nelas existentes e que as diferenciam uma das outras. As especificidades de uma área rural representam a expressão das ruralidades, que são desenvolvidas a partir do indivíduo e das relações que nela existem e que com ela é realizada. Todavia, as informações e o

consumo derivados de outros meios diferentes do rural, carregados de signos e símbolos processam mudanças que são externados na paisagem, e nisso incluem-se, os próprios indivíduos representando os anseios da sociedade. Nesse contexto, a definição de rural mostra uma complexidade acentuada ao considerar-se que o rural é heterogêneo e possuidor de múltiplas interações entre os seus sistemas de produção, consumo e ambientes sociais e culturais.

No capítulo 2, são apresentadas informações sobre o Município de Nova Friburgo, com um pouco da história entremeada por dados socioeconômicos, que o revelam a uma posição de destaque no Estado do Rio de Janeiro, na região serrana, como centro de referência entre os municípios do seu entorno. Revelam-se características da colonização por imigrantes, dos atributos dos recursos naturais e das atividades produtivas. Nesse capítulo, apresentam-se as áreas rurais, objetos dessa pesquisa, em que são ressaltadas as complexidades do rural, abrangendo duas representações distintas, que passam por processos de transformação. Numa delas, que envolve o Distrito de Campo do Coelho, verifica-se, como fator essencial, o predomínio da atividade agrícola e, na outra, representada pelos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, a pouca representatividade do agrícola. Em face da proximidade física e da similaridade do processo que neles se manifestam, São Pedro da Serra e Lumiar foram analisados em conjunto.

A história, a geografia e as dimensões sócio-econômicas do Município de Nova Friburgo são apresentadas em escalas do passado e do presente, que se apresentam como fatores determinantes para a formação de singularidades que diferenciam os processos em transformação dessas áreas rurais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, considera-se a relevância dos processos que promovem as transformações em curso nesses Distritos. Sendo assim, cumpre-se no capítulo 3, sob a categoria fronteira, a análise da entrada das urbanidades no âmago das ações que se apropriam das representações dos símbolos rurais. Verificou-se que os processos em curso e sob o domínio das urbanidades expressam o estado não consolidado dessas áreas rurais, o que caracteriza um dos aspectos das fases de fronteira. Observou-se, para o

desenvolvimento desse contexto, que as urbanidades possibilitam circunstâncias capazes de produzir interferências no modo de vida dos indivíduos que nelas convivem, habitam e interagem, e que se manifestam, nos costumes, na paisagem e na ocupação do espaço.

A análise de um perfil para o rural discute a criação de estereótipos e de sistema de produção, permitindo observar, como um senso comum, utilizado de uma forma geral, que o rural seja atrelado ao agrícola e até mesmo ao atraso, ao precário. Quando então não se vislumbra que determinados atributos possibilitam externar essências do rural que os diferenciam e que possibilitam a manifestação das pluriatividades existentes nesses domínios e distribuídos sob os mais diversos contextos.

A diversidade do rural pesquisada no Município de Nova Friburgo mostra a manifestação de diferentes rurais existentes sob o domínio de um mesmo município. Revelando-se assim a impropriedade de se construir um perfil para o rural, mesmo sob o impacto das urbanidades e da tentativa do poder hegemônico de se homogeneizar os costumes e a atuações das sociedades.

A busca de alternativas de viver em cidades ou no campo leva a construção imaginária de uma via de mão dupla, que vem alternando o contingente do fluxo migratório com o decorrer dos períodos e dos interesses. O ciclo de esvaziamento das áreas rurais está atrelado aos atrativos e ao domínio do urbano e do apelo industrial, principalmente das grandes cidades. Tal situação, no entanto, vem chegando a um ponto crítico em que a sociedade em geral se pergunta sobre qual o melhor lugar para se viver.

Em São Pedro da Serra e Lumiar verifica-se, nesse processo de transformação, a influência dos novos moradores sobre os antigos, tanto nas construções de moradias, quanto na exploração de atividades de serviços como hotéis, pousadas, sítios de lazer, restaurantes, lojas etc. Por outro lado, verifica-se uma mobilidade maior dos antigos moradores em função da melhoria das infra-estruturas das estradas, dos transportes e dos meios de informações. Esse entrelaçamento de costumes no cotidiano dos indivíduos rurais propicia o surgimento de novos hábitos, de mudanças de comportamentos, mas que não

altera o sentido de rural nela existente. Da mesma forma, observam-se transformações nas áreas rurais de Campo do Coelho, predominantemente agrícola, mas que manifesta as suas ruralidades, mesmo sob o impacto das urbanidades. Portanto, verifica-se que as urbanidades, tanto em São Pedro da Serra e Lumiar quanto em Campo do Coelho, necessariamente, não promovem o fim do rural, podendo inclusive contribuir para a manifestação das novas ruralidades.

Quando tal processo produzir o entendimento da necessidade da permanência do rural, permitir-se-á que se possa desenvolver e criar oportunidades para o uso dos atributos existentes nesses rurais. Pode-se promover a entrada para uma outra fase da fronteira, uma fase de ressignificação do rural, pois não se anulará a continuidade e o valor das representações simbólicas então existentes, e ainda se possibilitará a mescla com outros valores e avanços tecnológicos, inclusive de origem urbana, capaz de traduzi-las e externá-las como novas ruralidades.

As novas ruralidades, portanto, expressam a continuidade do rural e ainda permitem que, quando bem trabalhadas, transformem-se em atrativos pelas suas peculiaridades e valores agregados. Oferece-se, assim, um caráter diferenciado para os atributos pertencentes ao rural e que formam a singularidade da construção dos referenciais, até então existentes e que possibilitam a sustentabilidade social e produtiva a que elas pertencem.

No capítulo 4, procurou-se vislumbrar a possibilidade de apresentar um rural imaginário, ou seja, uma condição que permite contemporaneizar o conhecimento e os valores pré-existentes nessas áreas. Associá-los a ações de apoio das esferas de comando político, administrativo e econômico, preservando bens e atributos das riquezas naturais e dos indivíduos que constituem as sociedades. Promove melhorias nas infra-estruturas e incentivando o desenvolvimento das pluriatividades que ajudem a sustentá-las efetivamente e não por fórmulas mirabolantes e milagreiras que se tentam implantar, generalizando as áreas rurais em formato comum, desrespeitando as individualidades e peculiaridades inerentes a cada uma delas.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, reuniram-se recortes teóricos que perpassam por outras áreas de conhecimento, interagindo assim, com os conceitos e categorias da geografia que serviram de base para a análise dos processos de transformação dos rurais existentes nos Distritos de Campo do Coelho, São Pedro da Serra e Lumiar, no Município de Nova Friburgo, RJ.

Por essa forma, a discussão de conceitos sobre o rural, ruralidades, urbano e urbanidades foram o ponto de partida para o entendimento dos processos em transformação desses Distritos e sobre a influência das urbanidades. Para tanto, a contribuição da sociologia rural trouxe o debate sobre análises das transformações que se sucedem no mundo rural e que questionam conceituações utilizadas num passado não muito distante, onde alguns autores discutem e definem o rural. Nesse aspecto, algumas contradições e afirmações são observadas, contestadas, revistas e complementadas durante as observações do estudo em tela.

Da economia e da agronomia, pôde-se verificar que as interveniências do poder econômico, político-administrativo e das técnicas produtivistas apresentam-se como fatores de impactos para a transformação rural, onde o homem fica à mercê do criacionismo ditado pela força do capital. Nesse contexto, observou-se que os atributos naturais e a criação de infra-estruturas nas áreas rurais são preponderantes para a instalação das atividades de exploração econômica e que estas ficam sujeitas aos investimentos e interesses dos centros do poder, que se localizam nos grandes centros urbanos.

As análises ambientais contribuíram para formar contextos sobre os limites das atividades de exploração e sobre a idealização e a concretização de novos estilos de vida.

Da história, foi pesquisado o objetivo, a trajetória e o assentamento da colonização européia no Município de Nova Friburgo, os percalços por que passaram os imigrantes, as transformações e a influência que exercem na atualidade sobre o cotidiano dos indivíduos da sociedade rural desses Distritos.

Consubstanciando o agrupamento dessas áreas de conhecimentos na pesquisa, buscou-se, na categoria fronteira, da geografia, o elo apropriado para a análise do processo de transformação que se desenvolve nesses Distritos, trazendo

ainda, para o bojo dessas discussões, algumas contribuições teóricas da geografia pertinentes ao tema e envolvidas com as questões rurais.

O destaque para a influência das urbanidades mostrou-se adequado à discussão, uma vez que estas representam a ferramenta principal que se movimenta na diversidade de escalas do mundo moderno e pós-moderno capaz de, através dos meios tecnológicos e da informação, alcançar objetivos que visam a mudanças de comportamento social, da paisagem e da produção, inculcidos nos hábitos do cotidiano dos indivíduos e atrelados à imposição das necessidades de consumo.

O Município de Nova Friburgo foi escolhido como *locus* dessa pesquisa por reunir em um mesmo município características distintas do rural, representadas pelos Distritos de Campo do Coelho, São Pedro da Serra e Lumiar e ainda porque, a partir da observação dos processos em curso, então existentes nessas áreas, possibilita a compreensão e a discussão das transformações ocorridas nos domínios rurais, pesquisadas sob o prisma das urbanidades. Ressaltam-se as diferenças nos processos existentes, uma vez que, nas áreas rurais do Distrito de Campo do Coelho, impera a atividade de produção agrícola, enquanto que nos rurais dos Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra, as pluriatividades se destacam, principalmente por aquelas ligadas ao turismo.

Para as análises e o recorte teórico desta fase de consultas bibliográficas, buscou-se, nos conceitos das categorias geográficas, o enquadramento da discussão para essas transformações do rural, até chegar-se ao ponto referencial atribuído a fronteira. Para isso, diversos autores contribuíram e estão referenciados no escopo desta pesquisa, outros não foram citados, mas se apresentaram de grande importância para a construção teórica dos trabalhos e estão referenciados como bibliografia consultada, pois de alguma forma ajudaram no sentido do desenvolvimento das idéias e para o norteamento do tema.

Na segunda etapa da pesquisa, os procedimentos metodológicos envolveram várias atividades relacionadas diretamente às áreas rurais de Campo do Coelho, São Pedro da Serra e Lumiar. Procedeu-se o levantamento de informações sobre características da formação histórica, econômica, política e

geográfica de cada uma delas, desde a chegada dos colonos e a constituição do Município de Nova Friburgo, o surgimento dos distritos e das aglomerações rurais, as transformações decorrentes até os dias atuais. Foram realizadas análises do conjunto das atividades produtivas agrícolas e não agrícolas, os conflitos sócio-ambientais, então existentes, e em função da constituição de uma Área de Proteção Ambiental que envolve os Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra, e em relação a questões da sustentabilidade dos pequenos agricultores em face ao sistema de produção agrícola adotado nas áreas rurais de Campo do Coelho.

As alterações na geografia foram observadas pelas modificações estruturais que vêm acontecendo nessas áreas e que trouxeram ainda, a reboque, um novo contingente de pessoas para São Pedro da Serra e Lumiar. Mostrando-se assim, que tais fatores permitem transformações que interferem na paisagem e no comportamento dos indivíduos que habitam essas áreas rurais, mesmo que as atividades produtivas sejam diferentes, como a que se desenvolve no Distrito de Campo do Coelho. Em ambas, foram pesquisados os efeitos da atuação das urbanidades nos meios produtivos e no cerne das sociedades rurais.

Para a análise dos impactos causados pelas urbanidades, foram realizados trabalhos de campo, através de observações e entrevistas, considerando-se os depoimentos tanto de indivíduos moradores e nascidos nessas áreas, quanto daqueles moradores não nascidos sob esses domínios, além de visitantes freqüentes de fins de semana e feriados, e de turistas eventuais. Essas entrevistas não tiveram caráter formal com o preenchimento de questionários, mas foram feitas ao longo dos anos de contato com a diversidade de segmentos sociais que se vinculam a esses Distritos. Ressalta-se ainda que algumas dessas áreas rurais vêm se constituindo como objeto de pesquisa desse autor e também despertando o interesse de outros pesquisadores.

Para substanciar o desenvolvimento do tema, procurou-se utilizar mapas, fotografias, imagens de satélites e informações censitárias que acompanharam a geografização das áreas desses Distritos. As variáveis pesquisadas se apresentam fundamentais para a observação dos processos que promovem as transformações das áreas em tela.

Para tanto, pesquisou-se informações do IBGE, do CIDE, da Prefeitura Municipal, da EMATER, da PESAGRO, de ONGs, de Universidades e de diversos autores.

Seguiu-se a classificação do IBGE (2007), referente aos conceitos de localidades, ao considerar-se que, mesmo em face da diversidade de classificações, o conceito como “ *...sendo todo lugar do território nacional onde exista um aglomerado permanente de habitantes*”, mostra-se adequado para a definição dessas áreas rurais de Nova Friburgo. Verifica-se que o termo Vila apresenta-se apropriado para as Sedes Distritais de Campo do Coelho, Lumiar e São Pedro da Serra. Quanto às demais localidades pertencentes a cada um desses Distritos, o enquadramento mais apropriado requer classificá-las em Aglomerados Rurais, subdividindo-se em Povoados e Aglomerados Rurais Isolados.

Para o Distrito de Campo do Coelho, as localidades de Barracão dos Mendes, Centenário, Baixada de Salinas, Salinas, Três Picos, Santa Cruz e São Lourenço enquadram-se na classificação de Povoados enquanto que Conquista, pelas características apresentadas e diferenciadas das demais, ajusta-se à classificação como um Aglomerado Rural Isolado, uma vez, que entre os vários elementos que sinalizam caracteres de rural, está distanciada a cerca de 10 Km da Sede Distrital e 20 Km da Cidade de Nova Friburgo.

Em relação aos Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra, a localidade de Boa Esperança situa-se como um Aglomerado Rural Isolado e as demais, Macaé de Cima, Rio Bonito de Cima, Rio Bonito de Baixo, Santa Luzia, Galdinópolis, Cascata, São Romão, Vargem Alta e Colonial 61, como Povoados.

CAPITULO 1

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O RURAL

O ponto de partida para o referencial teórico dos estudos de áreas rurais e suas transformações envolve diversas contribuições. De início, destaca-se Candido (1975), que pesquisou o universo caipira do interior do Estado de São Paulo, ao enfatizar as alterações ocorridas no meio rural, atribuídas à materialização da lógica capitalista e redefinindo características sociais, econômicas e espaciais até então presentes e peculiares daquela região e da cultura caipira. Ainda, segundo ele, tais características a situavam como uma sociedade pré-capitalista, rural, mestiça, porém não tão rude ou rústica como uma “sociedade folk” de Redfield (1984).

A pesquisa de Candido sobre aquela parte do rural paulista revela que, por sofrer interferências do “novo mundo urbano”, ela passou a adquirir contornos que a levaram a uma nova configuração. Mas que, mesmo assim, preservou características culturais que lhes eram peculiares e atribuídas ao sentido de rural. Novos hábitos, relacionados às formas de produção e as relações sociais, passaram a fazer parte daquela sociedade com o passar dos anos.

Para a análise histórica das influências que podem transformar os modos de vida de uma sociedade é preciso nunca perder de vista a presença, no interior do corpo social, de fatores que ajudam a admitir ou a rejeitar a intrusão de hábitos, condutas, técnicas e instituições estranhos à herança de cultura. Longe de representarem aglomerados inânimes e aluviais, sem defesa contra sugestões ou imposições externas, as sociedades, inclusive e sobretudo entre povos naturais, dispõem normalmente de forças seletivas que agem em benefício de sua unidade orgânica, preservando-as de tudo quanto possa

transformar essa unidade. Ou modificando as novas aquisições até ao ponto em que se integrem na estrutura tradicional. (CANDIDO, apud Sérgio Buarque de Holanda, 1975, p.37)

A passagem de uma economia auto-suficiente para o âmbito da economia capitalista revela tensões que se manifestam por sintomas de crise social e cultural, em que a influência da expansão capitalista nas áreas tradicionais de culturas de subsistência proporciona um ajuste de difícil resistência, capaz de alterar o equilíbrio. Tamanha ruptura pode proporcionar mudanças no equilíbrio econômico, social, cultural, psíquico e ecológico, o que não quer dizer que o leva necessariamente ao fim, podendo alterá-lo ou até mesmo levá-lo a persistência, ou seja, de algum modo influencia no modo de vida do sujeito, de uma sociedade. Para Martins (1981), essa é uma questão que caracteriza a dimensão das subjetividades presentes nos processos estabelecidos pelas relações invisíveis.

A busca de conceituação do rural revela um grau de complexidade que remete a limites de ação, percepção e compreensão da realidade, além da temporalidade e da representação social, econômica e política do objeto que se estuda. O rural não é somente o agrícola, assim como não deve ser analisado tão somente pelo viés econômico e dele extrair-se traços das influências mercadológicas dos interesses do capital como verdade única. O rural possui complexidades que vão além da visão homogeneizadora da ocupação agrícola do espaço.

A dinâmica das sociedades rurais que se mostra através das pluriatividades do campo permite vislumbrar, de certa forma, o caráter inovador e criativo do rural, capaz de aprimorar as próprias especificidades. Nessa perspectiva, as novas ruralidades, pesquisadas por Carneiro (1998), apresentam-se dentro de um valioso contexto, alicerçados em trabalhos de campo e fontes de pesquisas desenvolvidas no Brasil e em países que presenciaram as transformações do rural.

Conhecer as dinâmicas das sociedades rurais ou os entranhamentos dessas sociedades rompe as barreiras do quantitativo, daquilo que é estabelecido por critérios político-administrativo, do anacronismo institucional brasileiro citado por Veiga (2003) ao discutir a divisão de lugares como rurais e urbanos, e

atribuídos a parâmetros quantitativos ao criticar o ainda vigente Decreto-Lei 311, de 1938, que define como cidade todas as sedes de municípios brasileiros.

Conhecer o rural necessita entender o significado de ruralidade, o que expressa o rural, o que cria sentido de rural, é o caso de dar voz, de ir além do evidente ou ostensivamente real que Freyre (1987) utilizou para apresentar a sociedade “rurbana brasileira”, além da necessidade de pesquisar e contextualizar conceitos. Mesmo enfatizando mais a questão do desenvolvimento econômico das regiões rurais, Abramovay (2003, p. 24), ao abordar a definição de ruralidades, traz à luz da discussão o fato de que “*as cidades não são definidas pela indústria nem o meio rural pela agricultura*” recomenda examinar-se a definição da FAO/SDA, de 1998:

Ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há crescente evidência de que os domicílios rurais (agrícolas e não agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. Além disso, conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura. Finalmente, existem empreendimentos agropecuários, em alguma medida, nas áreas urbanas. A implicação é que em vez de uma definição setorial de áreas rurais, é necessário uma definição espacial. Portanto, a unidade de análise não são os sistemas agrários nem os sistemas alimentares, mas as economias regionais e, mais especificamente, aquelas nas quais as pessoas vivem em áreas de povoamento menos denso que o restante do país. Em outras palavras, desenvolvimento rural é um conceito espacial e multissetorial e a agricultura é parte dele.

1.1 Representatividade de um espaço rural

A caracterização de uma área pode ser definida pelas circunstâncias da natureza e/ou pelas ações ocorridas no passado, por aquilo que vem sendo desenvolvido no presente e, logicamente, pelas interações dos indivíduos entre si e com o meio. Para tanto, deverão ser considerados os fatos históricos, as posições geográficas, a dinâmica social e cultural, os envolvimento e interesses econômicos, políticos e administrativos. Nesse emaranhado de parâmetros, a

variação das escalas existentes nas relações objetivas e subjetivas entre as diversidades de atributos ou “coisificação das relações sociais” (MARTINS, 1981), que compõem a área, poderá mostrar características próprias para defini-la. Dentre essas diversidades estão incluídas as interferências externas capazes de provocar alterações no modo de vida dos indivíduos e da sociedade em geral.

Em um passado não muito distante, aproximadamente na metade do século passado, a representatividade de uma área como rural, no Brasil, mostrava marcas que se apresentavam mais acentuadas do que no presente. Elas eram atreladas ao modo de vida dos seus habitantes e das formas de ocupação. As mudanças no sistema produtivo, a atração pelos ambientes urbanos para a busca de melhores condições de vida são fatores que proporcionaram o esvaziamento de muitas áreas rurais e, conseqüentemente, interferiram na sua identidade. A busca para conceituar-se uma área como rural, na atualidade, revela um alto grau de complexidade, ainda mais quando se verifica que esse rural encontra-se atrelado a um processo em transformação, tanto da sua paisagem quanto das pessoas que nela vivem. Os atributos dessas mudanças estão envolvidos em uma multiplicidade de variáveis que vão desde as facilidades de acesso aos meios de informação até as recentes formas de ocupação do espaço, resultando em alterações comportamentais de conteúdos sociais e culturais.

A determinação das características de uma área necessita que se identifiquem as relações existentes entre os elementos que a constituem e, nesse contexto, encontram-se a distribuição física do espaço, o ordenamento da paisagem, o sistema produtivo e as relações humanas, então presentes.

Segundo George (1982), ao conceituar geograficamente o termo *habitat* e *habitat rural*, traz referência a essa discussão, pelo fato de que o lugar não se apresenta dissociado do “conteúdo humano” e logicamente das relações que ocorrem internamente dentro de uma mesma sociedade, entre os próprios indivíduos que a constituem e externamente com outras áreas, rurais ou não. Uma área rural não deve ser entendida apenas por critérios quantitativos, assim como, na atualidade, não se apresenta especificamente ligada ao trabalho da terra, ao sistema de produção agrícola. Existem áreas rurais que se inserem na diversidade

de produções, nos setores de serviços e comércio, nas pequenas indústrias, sem perder o cunho de rural, onde as relações entre os indivíduos e a sociedade permanecem no modo de vida, na cultura, na expressão, como sujeito delas.

Chama-se *habitat* o modo de distribuição dos lugares habitados no interior de uma determinada região. Sendo a noção de lugar inseparável, neste caso, da noção de seu conteúdo humano, pode-se igualmente escrever que *habitat* é o modo de distribuição da população no interior de um espaço considerado. (GEORGE, 1982, p. 123)

A dinâmica espacial de determinadas áreas rurais caracteriza-se por apresentar processos de fluxo e refluxo, tanto do contingente populacional quanto do sistema produtivo, processando mudanças que se refletem na paisagem do lugar. Em algumas delas pode ocorrer um empobrecimento econômico e social, um esvaziamento nas relações de produção que se refletem no arranjo social. Em outras, um processo contrário de incremento a partir da reorganização dos seus atributos ou pela introdução de novidades que podem gerar uma outra condição, diferenciada da primeira, e que também se refletirão nas relações do lugar, sem deixar que elas percam as características de rural. Esse processo pode estabelecer-se nos diversos *habitats* humanos e estará ligado a questões de interesse de exploração ou não dos recursos potenciais então existentes. Observa-se a ocorrência desse fato na investigação de George (1982) sobre a Itália Meridional, quando passa a vincular à revolução industrial com as funções urbanas introjetadas nas áreas rurais, ou no “*habitat rural ou cidades rurais*”.

1.1.1 Identidades rurais em crise

A crise da identidade humana em relação a um lugar e ao sentido de pertencimento pode ser avaliada, segundo Bourdin (2001), pelas alterações na diversificação e rapidez comportamental das sociedades, conduzidas pela mobilidade dos indivíduos, dos bens e das informações. No contexto desta avaliação, é analisada a dinâmica do funcionamento das forças e dominações que

a “*mundialização pós-moderna*” impõe, ao mesmo tempo sendo capaz de construir proximidades e distâncias. Isso dificulta precisar um contorno territorial, uma vez que se rompe parte das estruturas existentes nas relações interacionistas entre pessoas e grupos. Por outro lado, Bourdin (2001) admite que um conjunto de regras comuns da vida diária e de bens culturais constitui os únicos meios de ancoragem realmente eficazes a resistir.

As comunidades locais, construídas na ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, são fontes específicas de identidade. Mas essas identidades, na maior parte dos casos, são reações de defesa contra a imposição da desordem global, da mudança rápida e inevitável. Elas constroem refúgios, não paraísos. (CASTELLS, 1997, p. 64)

As áreas rurais sob o predomínio das atividades agropecuárias, sob certo aspecto e de um modo geral, apresentam-se predizíveis pelas formas de produção e mostram-se esvaziadas demograficamente resultando em mudanças estruturais, inferindo perdas sociais e culturais. O declínio das velhas identidades associado ao processo de mudanças nas estruturas produtivas se apresenta como um fator de descentração ou de deslocamento do sujeito, atingindo, de algum modo o sentido de pertencimento, quando o indivíduo é levado a separar-se das suas costumeiras práticas e passa a adotar outras diferentes dos seus antigos modos de vida. Essa fragmentação da identidade desestabiliza as ligações que o indivíduo possuía, seja com a terra, seja com os seus pertences, e seja com a paisagem.

A transição cultural de uma sociedade rural se apresenta como uma decomposição da tradição, pois aquilo que se mostrava como fixo, coerente e estável se desloca pela experiência da dúvida e da incerteza. Geralmente tende a transmutar-se para outras formas, que aparentemente, pensa-se que expressa o moderno ao assemelhar-se aos modelos usuais ditados pelos meios que criam novos símbolos e ditam as formas de comportamentos. Essa afirmação encontra amparo na ênfase de Hall (2003) ao referir-se, de uma forma geral, sobre a identidade cultural, em crise na pós-modernidade, que pode ser destinada também aos indivíduos que habitam em áreas rurais, haja vista que, cada vez mais, as

peças estão conectadas ao mundo globalizado pelos avanços dos meios de comunicação.

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático. (HALL, 2004, p. 12)

A complexidade das sociedades mostra-se capaz de desestabilizar a uniformidade das identificações, ao possibilitar à adoção de tendências, que podem levar o indivíduo a pôr em prática aquilo que se apresenta factível ao momento de sua vida, proporcionando-o caminhos para diferentes direções. Nesse ponto, salienta-se a instabilidade da sociedade em geral e paralelamente, sobre a existência de processos em transformação nas áreas rurais, alterando e refletindo nas questões sociais, econômicas e políticas, relacionadas à produção, a ofertas de trabalho e às infra-estruturas de apoio.

O esvaziamento demográfico das áreas rurais reflete um período de crise de identidade do indivíduo para com o seu meio, quando os seus símbolos pré-existent já não são tão representativos e necessariamente seguros para provê-lo. Da mesma forma, a migração dos ambientes urbanos para os rurais também reflete essa crise de identidade com as cidades, porém, ainda com um fluxo em menor proporção.

... à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2004, p. 13)

A todo instante, induzem-se estímulos, dos mais variados possíveis. Utilizando-se os sentidos, muitas vezes, os próprios sentimentos são colocados à prova. Tais estímulos veiculados pelos diversos meios de comunicação chegam de

forma direta e indiretamente trazendo informações e criando necessidades. Em algumas delas, a indução é tão forte que não se pensa mais em viver sem um determinado produto ou de criar-se condições para obtê-lo. Essa situação apresenta-se como um fator comum à diversidade humana, está inerente ao mundo moderno, ou pós moderno, e acontece tanto nas cidades quanto no campo.

As diferentes escalas, existentes entre o mundo virtual e o mundo real, possibilitam o aparecimento de um estágio de confusão nos indivíduos capaz de gerar situações de conflitos e crises de identidades, tanto nas cidades quanto no campo. Porém, nas áreas rurais, essa situação mostra-se, até certo ponto, com algumas particularidades inerentes a ela e que as diferenciam. Apresentam-se facilmente perceptíveis pela influência marcante dos meios de comunicação, em que o rádio rivaliza com a televisão e em menor escala com o uso da internet. O fluxo de informação contido nesses meios possui a capacidade de induzir, nas pessoas que vivem sob um contexto rural, a adoção de alguns tipos de comportamentos nada usuais do seu cotidiano, principalmente nos jovens, transparecendo aspectos que desarmonizam com a realidade em que vivem. O conflito se estabelece e pode proporcionar o momento de crise quando se desconecta o mundo imaginário e se descortina a realidade.

A desconstrução das identificações das pessoas para com os parâmetros que representavam as relações sociais e de produção nas áreas rurais mostra-se capaz de alterar as interações e os sentidos de existência de riquezas culturais, apresentando-se como um fator relevante para o estabelecimento de crise social e de esvaziamento de grupos, de eventos, e da valorização dos costumes que identifica os indivíduos. Em parte, tal situação se deve à criação de estereótipos que infunde o pressuposto de que as pessoas que não aderem às novas informações e tecnologias passam a ser desconectadas do modismo e do conhecimento. Caricaturalmente são apresentados vestidos como as personagens das festas juninas, vivendo em casas de pouco conforto e distanciados das novidades. As caricaturas apresentadas sobre os indivíduos rurais possuem a capacidade de provocar, em alguns casos, principalmente nos jovens, certa rejeição ao sentido de pertencimento à sua origem rural, provocando o desejo de

mudanças nos hábitos, nas atividades produtivas e na busca da realização das fantasias incutidas constantemente pelos meios de comunicação.

1.2 O rural sob o prisma das urbanidades

Da organização espacial extrai-se aquilo que é produzido e reproduzido, o que permite conhecer características intrínsecas de um grupo, de uma sociedade, de uma região. Porém, quando esse fato prima pelo conhecimento daquilo que é denominado de rural surgem questões, sob a égide do desenvolvimento capitalista, inerentes à relação urbano-rural marcada por múltiplas interações que influenciam novas formas, novas funções e novas estruturas da organização espacial. O rural é um processo na construção do espaço em contínuas mudanças, em que alternam posições hegemônicas que se apresentam em tempos como dominador e como dominado. No passado, tais posições exercidas pelo dominador, ficaram a cargo do poder dos senhores feudais, dos senhores de engenho, dos coronéis etc... Na atualidade, com os aparatos tecnológicos existentes nas grandes fazendas exportadoras, o rural pode nivelar-se ao urbano quando faz uso das informações por meios das conexões via internet nas mais variadas formas, tanto sobre cotação de produtos, aquisição de bens de consumo, conhecimentos, condições climáticas, realização de eventos, novas tecnologias e pesquisas, entretenimentos, enfim, tudo o que está disponível para os habitantes de qualquer região, independentemente da definição do espaço como rural ou urbano.

Tanto no espaço rural quanto no urbano, dentro daquilo que se identifica como atribuições da pós-modernidade, as fronteiras se aproximam ou simplesmente desfazem as relações espaço-tempo, porquanto que se integram às redes, ao movimento, ao fluxo do meio técnico-científico e informacional (SANTOS, 1994).

A mobilidade a que Candido (1975) se referia estava atrelada ao deslocamento do indivíduo, ao mínimo necessário que levava para outros lugares, o que difere da mobilidade dos tempos atuais, quando os signos, os símbolos se deslocam pelos meios de comunicação cada vez mais rápidos e com um fluxo de

informações estabelecido pelo poder do capital, do aprimoramento do marketing que conduz a maior probabilidade de aceitação. Esse olhar para a mobilidade encontra amparo em Haesbaert (2004), ao referir-se sobre as novas territorializações e ao considerar que o “elemento fundamental na formação do território é a rede”, haja vista que atribui à mobilidade um caráter que perpassa pelo viver em rede.

Talvez, seja esta a grande novidade da nossa experiência espaço-temporal dita pós-moderna, onde controlar o espaço indispensável à nossa reprodução social não significa (apenas) controlar áreas e definir “fronteiras”, mas, sobretudo, viver em rede, onde nossas próprias identificações e referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na (sempre relativa) estabilidade, mas na própria mobilidade – uma parcela expressiva da humanidade identifica-se no e com o espaço em movimento, podemos dizer. Assim, territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento.” (HAESBAERT, 2004 p. 279)

O rural que se apresenta sob o prisma das urbanidades assemelha-se a condução dos processos de territorialização estudados por Haesbart (2004), pois atinge caracteres qualitativos induzidos pela “*comunicação instantânea globalizada*”, isto é, vai além do fluxo material conduzido pela rede. Em ambos, permite-se vislumbrar intencionalidades que encontram, no espaço a ser explorado, o ambiente propício para expandir-se e trazer consigo uma carga “imaterial” acompanhada de ritmo, ação, movimento dotado de significação e de expressividade, capaz de proporcionar mudanças comportamentais nos indivíduos que vivem no e do lugar.

Os meios de comunicação cada vez mais intensos e condutores comportamentais das sociedades hegemônicas interligam-se e interagem com as mais recônditas regiões e levam consigo, atrelados aos processos produtivos, uma gama de informações e ao mesmo tempo recolhem, armazenam, estudam, processam, readaptam o que é do seu interesse, desenvolvem formatos que facilitam o controle e redistribuem para os diversos lugares. Esses processos, aparentemente, criam uma via de mão dupla entre o rural e o urbano onde manifestações de um e de outro ocorrem e se desenvolvem no meio social,

materializado por uma infinidade de tipos. Entre esses pode-se citar a música, vestuários, alimentos, aparelhos domésticos, veículos, meios de produção etc.

A hegemonia do urbano sobre o rural se faz presente pelo poder de gerir e gerar os meios desses processos. Por outro lado, o rural esvaziado espacialmente no seu contingente populacional se redistribui nas áreas urbanas e traz consigo modos de vida característicos que ainda permanecem e afloram quando encontram espaço para manifestar-se.

O rural em termos de ocupação do espaço se define pela paisagem, pelos meios de produção e pela delimitação territorial atribuída aos municípios e órgãos oficiais, como o IBGE que adota critérios de quantificação populacional para fins de organização político-administrativa. Mas, social e culturalmente, o rural extrapola essas fronteiras e se interage com o urbano e permite, para alguns autores, como Freyre (1987), a formação de uma sociedade miscisógena ou “rurbana”, apresentando-se como um meio fértil para estabelecer os critérios de aceitabilidade da ordem de influência sobre o rural.

As “urbanidades” constituídas por uma variedade de elementos vinculados ao processo produtivo carregam, em face da continuidade de uso, propriedades que influenciam comportamentos e passam a fazer parte do meio social rural. São pensadas e construídas no meio urbano, onde se estabelece o núcleo de poder e criação das estratégias de disseminação do algo materializado e do algo sensível carregado de simbolismo, incutindo nos seus receptores necessidades para a utilização contínua e permanente do dia-dia. Pode-se relacionar, também, ao sentido de urbanidades as atribuições dadas por Santos (1994) quando se refere aos *objetos e ações* construídos pelo capital monopolista, porquanto que agregam consigo um arcabouço sócio-cultural com forte influência do ambiente urbano carregado de tecnologias e informações.

As observações de Rua (2002) sobre a dinâmica da urbanização em áreas rurais como um processo ligado à lógica capitalista trazem à luz da discussão a questão da *destraditionalização* apontada por Giddens (1991), ao vinculá-la às transformações sociais a partir da ordem industrial imposta pela globalização,

provocando impactos em face das mudanças que ocorrem na vida cotidiana e pessoal, o que resulta naquilo que ele denomina de *sociedade pós-tradicional*.

Diversificações dos impactos podem ser verificadas pelas diferentes manifestações nos processos de reprodução da lógica capitalista que encontram formas de resistência e de adaptabilidade, dependendo de fatores sociais, culturais e espaciais existentes nas áreas rurais.

Ao estudar algumas áreas rurais de municípios do território fluminense, Rua (2002) considera a urbanização um processo em marcha, amplo e generalizado, marcado por processos formais, ao passo que as “urbanidades” ou inovações transformadoras, que também ocorrem nessas áreas, apresentam-se como processos diferenciados de urbanização, que está presente, mas que não as tornam urbanas.

Todas as manifestações do urbano (mas nem sempre de origem urbana), em áreas rurais, sem que por isso, se identifique tais espaços como urbanos. As urbanidades são constituídas por uma enorme gama de manifestações que vão desde a melhoria da infraestrutura e dos meios de comunicação até a aposentadoria e novas formas de lazer. (Rua 2002, p. 41)

A capacidade de criação e os meios utilizados, expressos nas inovações transformadoras de origem rural, têm sido considerado pelo poder hegemônico do capital de pouca relevância para o domínio do mundo das formas, por atribuir-lhes uma imagem de (ultra)passado ou fora do contexto do modismo, que determina os meios de consumo. As pesquisas e o desenvolvimento tecnológico ligado ao sistema produtivo agropecuário, que expressam o interesse do capital, condicionam ao uso dessas formas à existência do rural ou, ao contrário, como já ocorreu em estudos sobre posicionamentos, implicam o fim do rural, ou da totalização para um mundo urbano e até mesmo sobre o renascimento do rural, quando este nunca morreu. Tais teorizações possuem a capacidade de gerar preconceitos e discriminações e ao mesmo tempo desconsiderar a essência do homem, que é parte do mundo natural e de onde o rural mais se aproxima e expressa por intermédio da relação homem-natureza uma gama de sentidos.

A relação homem-natureza processa-se com mais intensidade a partir do envolvimento direto entre as partes. A contemplação realiza um momento desse processo, envolve sentimentos, mas não concretiza a relação. Porém, a percepção e os sentimentos que envolvem essa relação não se dão efetivamente com todos os indivíduos, ocorrem diferenciações para a aceitabilidade do homem que se integra à natureza.

As questões ambientais e os problemas socioeconômicos do mundo atual, preponderantemente nas grandes cidades, cada vez mais preocupantes e ao se vislumbrarem situações piores para o futuro, encaminham para o despertar da relação homem-natureza. O rural já vem apresentando-se como alternativa de vida para algumas pessoas que se sentem desiludidas pelos problemas apresentados nas grandes cidades. Os atrativos do rural, além de possibilitar a convivência e proximidade com atributos da natureza, permitem ainda desenvolverem-se atividades de trabalho que contribuem para a sobrevivência familiar. A essência do rural expressa oportunidades no campo que dificilmente são encontradas nas cidades, e que, ao serem percebidas, revelam sentimentos e práticas que religam o homem a sua origem como parte da natureza. Diversas atividades e sentidos comuns, atribuídas ao rural, podem ser descritos como relações de proximidade entre o homem e a natureza e entre elas, por serem mais perceptíveis, destacam-se: os aromas do campo, os banhos de rios e cachoeiras, as caminhadas dentro das matas, as coletas e consumos de frutas da própria planta, o cultivo de alimentos saudáveis, o cuidar de animais domésticos, a participação de grupos de festejos, de trabalhos artesanais etc, atividades que estão inseridas no tempo lento atribuído ao imaginário sobre o rural e que pouco se afinam ao ritmo acelerado das cidades. Transformá-las em atrativos, disponibilizando formas de utilização agregadas aos sentimentos, ao conforto e ao prazer tem sido uma das características das inovações transformadoras do rural. Por outro lado, em decorrência das atividades que se estabelecem nas áreas rurais, outras são complementares, de suporte e de apoio, ainda que, nem sempre, a preocupação pela manutenção e resgate das características do rural seja preservada. Mesmo com a chegada das urbanidades, a essência do rural sobressai e se manifesta onde encontra espaço.

As áreas rurais assim como as urbanas necessitam de infraestrutura básica com qualidade, como escolas, estradas, atendimentos de saúde, oportunidades de trabalhos e lazer, sem perderem as características de rural. São direitos do cidadão que independem de onde residem.

A essência do rural não se extingue com facilidade e não cessa inteiramente no processo de adaptação ao novo, tanto pela chegada das urbanidades quanto por criar e expressar inovações transformadoras. A melhoria das infraestruturas chega como forma de apoio que propicia o desenvolvimento de atividades locais e permite transformações no cotidiano das pessoas. O poder de idealização do homem apresenta-se inerente ao local de sua existência, mas o suporte que recebe estabelece os meios para a concretização das suas idéias. A proximidade do homem para com a natureza, cria possibilidades para a aquisição de conhecimentos relativos ao funcionamento da vida natural, que se traduz pela diversidade de bens de consumo e que vai do trabalho artesanal à apropriação de saberes e usos da fauna, da flora, de minerais, do solo, da água, da energia do sol, das estações do ano, das fases da lua, e das relações que se processam entre esses elementos e as suas funções.

O saber do homem que vive nas áreas rurais é adquirido, em grande parte, pelas observações sobre o funcionamento da natureza e a partir dela são geradas adaptações, possibilitando o desenvolvimento de técnicas, que são utilizadas para manter e beneficiar as atividades humanas dentro do contexto do seu habitat. Os recursos disponíveis para a implementação das idéias estabelecerão o caráter mobilizador das técnicas apreendidas e, nesse sentido poderão transformar-se nas inovações transformadoras ou nas novas ruralidades.

As urbanidades, quando acrescentadas ao conhecimento do homem rural, poderão transformar-se em novas ruralidades. Considera-se como algo novo, que chega, manifesta-se e sofre adaptações, possibilitando, a partir da sua aceitação, expressar coisas do rural. Da mesma forma, as pessoas vindas do ambiente urbano das cidades e que passam a viver nas áreas rurais poderão adquirir novos hábitos, que perpassam pelo ritmo de vida ali existente, e expressar também a essência do rural, porquanto permanecerem no convívio desse meio. O que não lhes confere a

perda da manifestação das características de urbano quando esse meio se altera, se estas forem marcantes na sua personalidade. Por outro lado, considera-se tais semelhanças com características que marcam, também, o homem rural, quando ele migra para as cidades, passando a manifestar, em alguns aspectos, o modo urbano de viver.

Diante desse contexto, surge a via de mão dupla que, em face ao atendimento das necessidades de sobrevivência e buscas de alternativas de vida dos sujeitos desse processo, estabelecerá como resultante o ato e os efeitos por percorrem os sentidos existentes nos caminhos de uma e da outra via. De qualquer forma, vale ressaltar que as trajetórias percorridas nas vias do urbano e do rural não abrem possibilidades para a construção da figura do homem urbano, ou que até mesmo se manifeste para o surgimento do hibridismo humano, numa mistura de sentidos conexos do urbano e do rural. Isso significaria um estado de mudança para sempre e o homem nunca foi estático, tanto no campo mental quanto pela mobilidade que exerce no espaço físico. Portanto, poderá manifestar códigos diferentes daqueles adquiridos na sua formação, que poderá ser tanto rural quanto urbano, adaptar-se e exercê-lo plenamente, mas voltar a sua origem quando o próprio meio exigir.

Todos os indivíduos possuem uma infinidade de atributos, que são percebidos pelos sentidos, e que podem ser transformados em ações e, numa dessas ações, está inserido o movimento, isto é a capacidade de deslocar-se nas diversas direções e sentidos, de enfrentar desafios, de destruir e construir idéias e objetos. Portanto, estabelecer formatos fechados para o homem e para as derivações do pensamento humano apresenta-se, no mínimo, como uma temeridade, ou seja, recai nas formas de dominação, na subjugação da capacidade criadora do ser humano de transformar, de abstrair-se e de inovar, independentemente de onde esteja localizado no mundo.

1.2.1 O rural como um processo social

O rural como um processo social pode ser analisado pelo âmbito das relações de trabalho e produção e, nesse contexto, o rural agrícola, de um modo geral, torna-se bastante significativo, porém não único. As sociedades agrárias ao inserirem-se nos processos de modernização trouxeram tecnologias e informações para o seu meio, alterando profundamente as relações até então existentes, de mão-de-obra, de produção e de conhecimento. Essas inserções processam modificações nas relações de trabalho e convivência social influenciadas por parâmetros estabelecidos pelo mercado, proporcionando mudanças naquilo que se produz, como se produz e para quem se produz. O esvaziamento demográfico nas áreas de produção é o resultado dessa nova ordem que altera geograficamente importantes processos, até então significativos, que estabeleciam parâmetros para a definição do que é rural.

Surgem propriedades com alto padrão tecnológico que utilizam máquinas e insumos que propiciam recordes de produção e produtividade, com pouca mão-de-obra, quando no passado abrigava um contingente significativo da população rural esvaziado pela desqualificação e conhecimentos desprezados em função da adoção de um novo padrão produtivo. Uma situação que propicia o desfazer das relações até então existentes, quando esse rural passa a ressentir das pessoas que lá viviam, ocasionado pela quebra ou enfraquecimento do elo que os mantinham, resultante da diminuição de ofertas de trabalho e da desvalorização das formas de produção e conhecimento, e em alguns deles denotando aspectos de abandono, de letargia e de estagnação. Por outro lado, tamanha mudança pode ser capaz de promover o surgimento de uma outra sociedade, com formato diferente, adaptado ao padrão tecnológico, introduzido, mesmo com estranhamentos.

A sociedade rural tecnificada tem como preceito adotar, em seu meio, padrão de comportamento que segue a nova ordem modernista, de adaptabilidade para alguns procedimentos do passado com a ingerência de outros modelos, de origem urbana, além do consumo dos insumos e das novas técnicas para a produção, adota também os costumes e objetos da cultura urbana.

Uma outra situação é apresentada com a ocorrência do desmembramento das propriedades rurais por questões econômicas e/ou de heranças. Quando as

subdivisões contribuem para a perda do interesse pela manutenção das formas de produção, principalmente o agrícola, o rural desenvolve um interesse menor para população local, os atrativos são despertados para a busca de alternativas de trabalhos nos meios urbanos, resultando no esvaziamento populacional das áreas rurais. Mas, ao mesmo tempo, e dependendo dos atributos naturais da região, da localização e do seu histórico, o rural ressurgiu, a princípio, no imaginário das pessoas, abrindo novas perspectivas para se viver e possibilitando o despertar de interesses e a promoção da sua reestruturação. Dessa feita, pautada por um outro tipo de urbanidades, mais próximo do processo de urbanização, observa-se as transformações nos padrões de construções das moradias, das lojas, na melhoria das escolas, no calçamento das estradas e ruas. Por essas novas condições, criam-se possibilidades para o surgimento de interesses internos e externos pela produção artesanal, pela cultura existente, pelo clima, pelas alternativas de produção.

Outros elementos das urbanidades são transportados para o espaço rural, desta vez por pessoas vindas de cidades, onde pode ser incluída uma parcela de antigos moradores que retornam à sua origem. Esses novos personagens tornam-se fatores de importância para as mudanças nas paisagens, que são traduzidas pelas aquisições de parcelas de terras, transformando-as em sítios de lazer, pousadas, bares, restaurantes e hotéis. Proporcionam a entrada de recursos financeiros, trazendo um outro contingente de pessoas para visitas de fins de semanas e períodos de férias. Parte dos moradores da região se integra a esse movimento e passa também a construir essa nova sociedade, surgida no meio rural. Para que ela possa viabilizar-se dependerá, em parte, das especificidades regionais que incluem as características espaciais e também a identificação das pessoas com esse rural. Ou seja, dos recursos potenciais, referidos por Remy (1989) ao analisar na França, no contexto das relações entre o rural e o urbano, as identificações e reivindicações da vida cotidiana.

A combinação entre os elementos tradicionais e os modernos, e suas dinâmicas sociais, é considerada por Pongratz (1990) como uma situação crítica que caracteriza um processo de transição cultural de uma sociedade. O processo

cultural passa a ser influenciado pelas urbanidades nas formas da comunicação, no linguajar, na alimentação, nas adaptações das festas, no jeito de se vestir, na música, na intensidade do uso de produtos comercializados nas áreas urbanas, em um formato que promove a massificação de valores que passam a integrar a nova realidade.

Os valores tradicionais expressam diferentes continuidades, temporais, representativos do passado, dentro de uma rígida e vaga retenção de velhos costumes. As urbanidades representam a chegada do novo e se apresentam como parte do processo de adaptação da sociedade ao mundo moderno, e ainda promove significativas mudanças da estrutura social.

As urbanidades também poderão ressaltar a reafirmação do rural, ao propiciar o resgate de antigas tradições, que passam a ser valorizadas pelo que elas representam como atrativos para visitantes. Redescobrem-se as riquezas dos folclores, dos artesanatos, das indústrias caseiras, dos cultivos alternativos aos métodos tradicionais, das ervas medicinais e suas aplicações, das comidas típicas, restaurações de antigas construções etc.

Entre os fatores que contribuem para as diversificações dos impactos das urbanidades nas questões espaciais estão incluídos; a política administrativa dos territórios, o contingente populacional e a exploração dos recursos naturais que, de certa forma, se interligam.

A política administrativa dos territórios determina áreas de interesse para a expansão urbana e desafogo dos grandes centros e, neste caso, estariam relacionados às vias de acesso, que facilitariam os deslocamentos para áreas de trabalho, bem como meios de transportes coletivos; os desmembramentos de propriedades rurais em loteamentos para a instalação de condomínios, o desenvolvimento de projetos de infraestrutura para atender as necessidades da população, tais como água e esgoto, energia elétrica e telefone. O contingente populacional é determinante para o atendimento de questões sociais como escolas, postos de saúde, áreas de lazer e práticas esportivas; os recursos naturais se apresentam apropriados em áreas para a exploração dos atributos paisagísticos e contemplativos nelas existentes, educativos, extrativista e também para o lazer e

práticas esportivas, além de apresentar-se como um fator condicionante para a manutenção da qualidade dos parâmetros ambientais que influenciam a oferta de água, o clima e a permanência da diversidade de espécies.

O rural pode se transformar, mas não perde, na sua essência, valores sociais das relações existentes entre os seus habitantes, podendo transpassar-se por valores de origem urbana, em que se desenvolvem situações que propiciam formas de interagirem-se e recriarem novas expressões, e promoverem a apresentação e redefinições que reformulem a espacialidade. A essência do rural extrapola o sistema produtivo, ele se manifesta nos costumes, na cultura, no conhecimento, nas relações humanas, no lidar do homem com o seu meio, no sentimento de pertencer a uma área rural e na temporalidade para absorção e adaptação ao novo.

As áreas periféricas das cidades brasileiras de médio e grande porte fazem um misto na espacialidade entre o urbano e o rural e tendem a expressar as urbanidades de uma forma mais intensa do que aquelas mais interiorizadas, já que a proximidade do ambiente urbano propicia aos seus habitantes a manifestação de um conteúdo urbano com mais presença na paisagem e no comportamento das pessoas. Aparentemente mais forte, esse conteúdo está representado nos hábitos adquiridos e na imposição dos apelos urbanos existentes, tais como na alimentação, nas modernas moradias, no vestuário, nas formas de trabalho, meios de locomoção etc. Já o rural permanece nos pequenos cultivos e criações, nas relações familiares e sociais, em algumas formas de lazer, nos festejos, nas criações artesanais e nos hábitos alimentares.

As formas na organização do espaço dessas áreas periféricas, de responsabilidade pública, geralmente, apresentam uma infraestrutura precária, deixando a desejar o atendimento básico à população, como água, esgoto, energia, educação, saúde e lazer. Parte dos loteamentos caracteriza-se pelo parcelamento ilegal de imóveis, com invasões de áreas e desmembramentos de lotes rurais. O contingente populacional dessas áreas, de uma forma geral, vem do meio rural e, mesmo trazendo consigo todo um arcabouço da sua origem, absorve com grande ímpeto a materialização e os sentidos das urbanidades. Daí se processa a forte

influência do urbano sobre o rural, mas não apenas como uma expansão territorial natural. A importância de considerar-se o fator social da migração rural pela busca de melhores condições de vida é primordial, ainda mais quando esse contingente da população marginalizado pelas baixas ofertas de trabalho no campo e precárias condições de vida é originário de um modelo de desenvolvimento onde a lógica do capital se sobrepõe às necessidades humanas e encontra, nos meios tecnológicos e informacionais, o disseminador de um sistema produtivo massificador e globalizante.

Entender o rural requer o conhecimento da dinâmica social desse mesmo rural, isto é, do dia a dia das pessoas que lá vivem, dos processos de mudança e o grau de interferências que se desenvolvem nesse cotidiano, além do entendimento das relações com o meio externo, com os recursos da natureza, com os processos de produção e com os tipos de suporte a ele destinado. O simples olhar da aparência é capaz de gerar enganos, quando se pensa que os símbolos externados nas paisagens serão determinantes para caracterizá-las como rural ou não. Ainda mais que, as áreas rurais, mesmo sob a influência das urbanidades, não apresentam um padrão homogêneo com características semelhantes. Os atributos do rural, os sujeitos e as suas relações, aliados aos processos transformadores são fatores que permitem avaliar as diferenças que passam a expressar as novas ruralidades.

Se existem novas ruralidades, o que seriam de fato as ruralidades sem esse adjetivo? Talvez, a formatação das atribuições do rural esteja, em parte, ainda existente no imaginário das pessoas quando se pensa no passado, e nesse caso, sobressai o antigo, aquele que leva para imaginá-lo sob os aspectos do imprevisto, do precário, do “rural profundo” de produção de subsistência e isolamento, existente no caipira de Candido (1975) ou nas grandes fazendas de produções de café, de cana-de-açúcar. Todos eles vinculados à produção agrícola ou, também, sob o contraste destes, àqueles que são atribuídos ao rural tecnológico, derivado da revolução verde, aliado à produção agropecuária com altos índices de produtividade, maquinários, agrotóxicos, transgênicos e com poucas pessoas no campo.

No passado, o campo abrigou grande parte da população, desde os tempos das “cidades” enclausuradas, fechadas, protegidas dos invasores. O campo, provedor do alimento e das riquezas dessas aglomerações humanas, expressava pelo imprevisto e pela precariedade em face da insegurança e falta de proteção. O Brasil, desde o período colonial, além dessas condições de rusticidade, ainda detinha como marca a necessidade da mobilidade dos cultivos, em face da diminuição da fertilidade dos solos pelos processos contínuos de plantio.

As ruralidades ou expressões do rural, no passado, apresentavam-se sob condições de rusticidades que se manifestavam pelo uso de técnicas artesanais, adaptadas ao meio de produção e de vida das pessoas que dependiam de onde viviam. O contato com outras pessoas, regiões e cidades era mais difícil e demorado. As improvisações e o desenvolvimento de atividades sociais ficavam restritos àquele meio social. O mundo rural girava em torno de si, criava e adaptava as condições de viver e produzir. Desse poder de criar e recriar, promove-se o surgimento de diversas formas de conhecimento que passam por adaptações e desenvolvimento tecnológico. Mas, quando são absorvidos pelo interesse do capital para a produção e disseminação em massa, agregam valores e passam a expressar produtos industrializados, que são consumidos tanto no meio rural quanto no urbano. Entre os quais podem ser citados produtos que originaram a fabricação de remédios, cosméticos, maquinários, alimentos, ferramentas e também a disseminação do folclore, da música, de festejos etc.

A manifestação das novas ruralidades expressa coisas criadas do rural além daquelas que, até certo ponto, vieram do meio urbano, mas que foram adaptadas pelo próprio meio rural. De qualquer forma, ocorre a conjugação de uma série de ações e usos de objetos que, independentemente da sua origem, podem sofrer alterações e tornarem-se algo típico das áreas rurais, sem que precise, necessariamente, permanecer totalmente dentro dos aspectos atribuídos às rusticidades que expressavam o rural do passado.

Acredita-se racionalmente que, na busca das pessoas por áreas rurais, tanto para visitação quanto para fixação de residências, deva ser considerado, no mínimo, as questões de conforto e de condições apropriadas para manter-se ou

desfrutar dos atrativos existentes. Nenhum indivíduo em sã consciência, por sua livre vontade ou até mesmo por necessidade, aceitará viver num ambiente em condições de precariedade, mesmo para aqueles que vivem dentro de realidades, em que exista a situação de miséria. A tendência natural será sempre pela procura de melhoria, de conforto, de trabalho, de conhecimentos, de saúde, mesmo naquelas áreas menos favorecidas encontradas nas cidades e no campo, e cada qual desempenhará suas funções ou empregará um determinado ritmo em compasso com a estrutura política, social e econômica destinada a ela.

Portanto, as novas ruralidades que surgem nas áreas rurais se desenvolvem de acordo com a realidade inerente ao processo que ali se encontra, ou seja, estará sujeito aos atributos nela existentes, aos anseios da população e a interferência do poder político e econômico, tanto interno quanto externo. A reunião dessas variáveis possibilita a construção das novas ruralidades ou das inovações transformadoras num elo de interesses capaz de manifestar a essência do rural, que tem em cada um desses rurais fatores que os diferenciam. Podendo, em algum rural, expressar a predominância do agrícola e extrair adaptações das técnicas de cultivos, das necessidades do uso de criações, cultivares e variedades aclimatadas as condições pertinentes a ele, promover o surgimento de agroindústrias, absorver e aperfeiçoar os conhecimentos técnicos através de escolas voltadas para esse perfil, adaptar as construções rurais visando à melhoria das infraestruturas existentes, apoiar às iniciativas comunitárias a partir das formas associativas locais, melhorar as formas da destinação de recursos financeiros para a produção, entre outras diversas iniciativas que permitam expressar os desejos da sociedade. Por outro lado, o rural não agrícola poderá, também, manifestar as novas ruralidades, utilizando-se para isso, os recursos disponibilizados pela natureza, aliado a conservação e preservação de bens materiais e imateriais construídos no seu passado e também adaptados à realidade atual. Considera-se o homem rural como parte dessa natureza quando preserva-se a riqueza do seu conhecimento, valoriza-se a sua cultura e propicia-se adaptações das novas tecnologias ao seu meio de vida, ajudando-o a transpor preconceitos sobre o caráter do atraso, do não acompanhamento das “coisas modernas”. O rural se torna viável quando

considera-se os direitos do cidadão e atrela-se a isso a sustentabilidade dos bens naturais e construídos que carregam a memória do lugar.

O rural pode não deixar de ser rural, mesmo conectado ao resto do mundo. O isolamento, as condições de atraso e de pobreza não devem ser uma feição que predomina e marca o rural e sim pelo fato de estarem abandonadas pelo poder político e econômico subjugado pelo capital, que escolhe e determina áreas, condições e formas de exploração.

No Brasil, o rural economicamente avançado carrega como base a imagem da exploração atrelada ao setor agropecuário de mercado, vinculado às grandes culturas para exportação, para a produção de combustíveis alternativos e do gado de corte. Carrega consigo a disseminação das exposições agropecuárias, que trazem como atrativos, para o grande público, os shows com artistas populares incluindo as duplas sertanejas, que invariavelmente são divulgadas como atração principal, além das apresentações de rodeios e vaquejadas. Essa dinâmica da divulgação do rural segue o modelo country norte-americano adaptado à realidade brasileira, na forma de grandes espetáculos nem sempre de caráter rural, tanto assim que sempre se localizam na proximidade das cidades, dificilmente no campo. O chamamento do público em geral, atraído pelos shows, passa a ser o objetivo principal e fator de repercussão. A grande maioria do público que se dirige para esses eventos não se interessa pelas outras atrações, pois desconhecem e não valorizam o caráter das inovações tecnológicas e produtivistas, tornando-as secundárias, quando elas ainda persistem nessas feiras agropecuárias.

CAPÍTULO 2

DIFERENCIAÇÕES DOS RURAIS DE CAMPO DO COELHO, LUMIAR E SÃO PEDRO DA SERRA.

2.1 Dimensão sócio-econômica e histórica de Nova Friburgo

A história sobre o surgimento de Nova Friburgo, identificada pela colonização de imigrantes europeus, principalmente suíços, alemães e italianos, revela fortes marcas dessa ocupação. Marcas que estão presentes nos sobrenomes, remanescentes de antigas residências, indústrias, encontros de famílias, monumentos e praças, apresentando por intermédio desses elementos características singulares da formação do Município, que ainda são preservadas. Tais características associadas às condições do clima, do relevo, da permanência de relevante percentual da Mata Atlântica e das explorações econômicas do espaço contribuem para a formação de especificidades que a distingue na região e no Estado.

Na figura 1, destacam-se os contornos do Município de Nova Friburgo no Mapa do Estado do Rio de Janeiro. Verifica-se, também, o distanciamento do Distrito de Campo do Coelho em relação aos Distritos de São Pedro da Serra e de Lumiar. Não existem vias que possam interligá-los sem a passagem pelo Centro de Nova Friburgo, o relevo que os separa é bastante acidentado. Essa falta de contato permite revelar-se como um dos fatores que promove a existência de algumas diferenças .

MAPA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

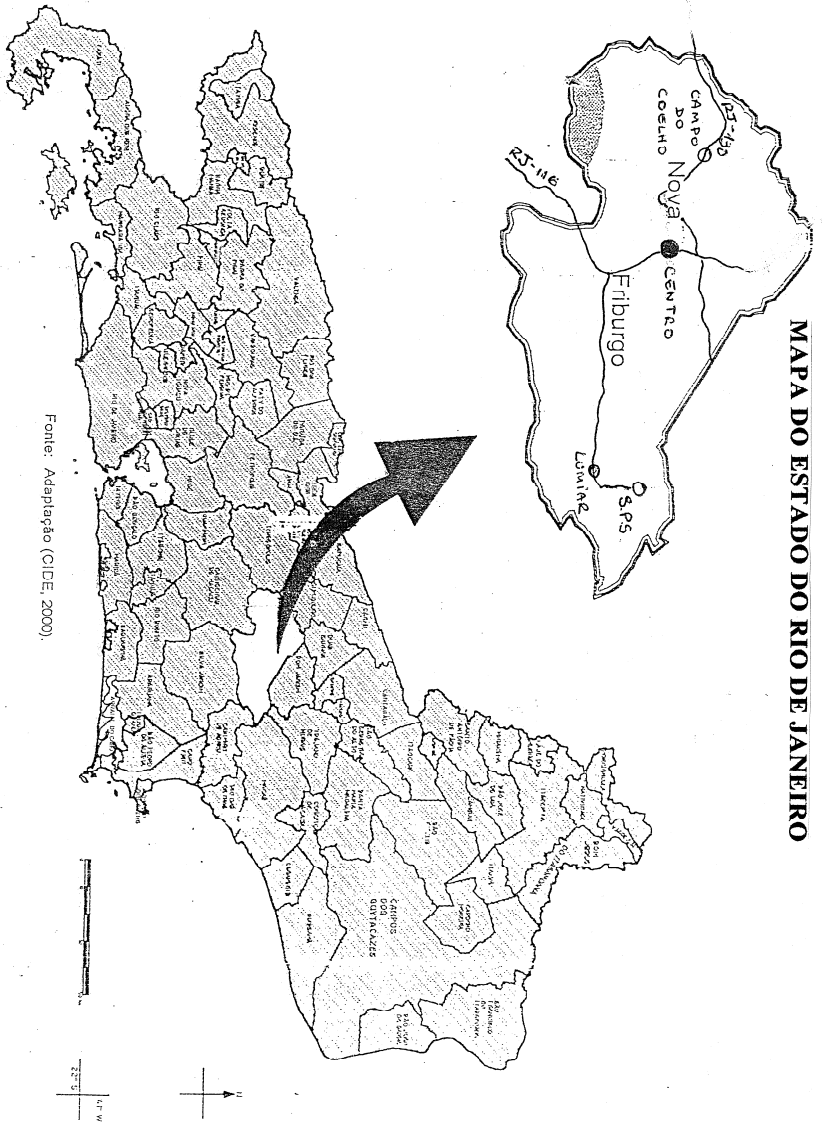


Figura 1: Destacando a localização geográfica do Município de Nova Friburgo

Pesquisou-se que, no ano de 1840, os contornos do Município de Nova Friburgo chegavam às margens do Rio Paraíba do Sul, abrangendo áreas que abrigavam fazendas de café e que na atualidade pertencem aos Municípios de Sapucaia e Sumidouro. Ressaltando que a formação do Município de Nova Friburgo, desvelada nos diversos artigos publicados em Araújo (2003), revela a significativa presença de escravos no início do povoamento que trabalhavam nessas propriedades. Inclusive em maior contingente que o dos colonos, no ano de 1828, concentrado nas fazendas de café de proprietários luso-brasileiros. Relatam também a existência de alguns quilombos que se distribuía em áreas de difícil acesso dentro dos limites municipais.

Nesse contexto, evidencia-se a participação da cultura negro-africana no conjunto dos elementos que constituíram Nova Friburgo.

No universo dos índices econômicos e demográficos do Estado do Rio de Janeiro, Nova Friburgo situa-se como um município de porte médio, com um contingente populacional estimado pelo IBGE (2006) de 177.388 habitantes. Ainda, segundo informações do IBGE, o PIB do ano de 2002 apresentou como resultado o valor de R\$ 1.441.237,00, sendo que os segmentos que mais contribuíram para esse montante foram os setores de serviços e comércio e o da indústria, o setor agropecuário aparece com apenas 2,5%. O fraco desempenho apontado pela agropecuária não é compatível com o volume de produção, principalmente pelo significativo plantio de olerícolas e flores e pode ser justificado, de acordo com Oliveira (2002), pela falta de controle na comercialização daquilo que é produzido no município.

A averiguação dos dados referentes ao PIB de Nova Friburgo e apresentados pela Prefeitura Municipal (PMNF, 2006) revela que este representa apenas 0,76% do total do Estado do Rio de Janeiro. Porém, em relação aos municípios que fazem parte da Região Centro-Norte Fluminense, a situação de Nova Friburgo apresenta-se sob outra ótica, mais marcante, ultrapassando a metade do PIB regional com 54,5%. A renda per capita conforme informações do CIDE (2001) representou o valor de R\$ 6.429,82, que situou o Município um

pouco abaixo da média estadual, porém em relação à posição regional é apenas suplantado pelo Município de Cantagalo. O CIDE revela ainda que o Município encontra-se posicionado em 25º lugar no ranking estadual do Índice de Qualidade Municipal – IQM, que avalia indicadores de desempenho e qualidade de vida. Mas, Nova Friburgo possui atrativos que o posiciona como um centro de referência regional e, por essa razão, consegue exercer algum tipo de influência sobre os demais municípios de sua vizinhança.

No que se refere aos índices demográficos regional e estadual, Nova Friburgo posiciona-se como o Município mais populoso e com a maior densidade demográfica, atingindo 184,7 hab/Km². Porém, na década do ano de 1990, a taxa de crescimento da população com 3,7%, ficou bem abaixo da média estadual que era de 12,8% e abaixo também da média regional que representou 6,2%, revelando uma tendência para a estabilização da população friburguense.

Os dados do CIDE (2001) revelam ainda que o Município possuía no ano 2000 uma taxa de urbanização de 87,6%, o que representa a supremacia da população urbana sobre a rural, mas abaixo do índice estadual.

Ao analisar-se a distribuição da população do Estado do Rio de Janeiro, verifica-se que ocorre uma concentração demográfica bastante significativa na Região Metropolitana, com cerca de 75,0% do total estadual de 14.367.225 habitantes (IBGE, 2000). Destaca-se nesse núcleo metropolitano a Capital do Estado, ou seja, o Município do Rio de Janeiro que revela assim o seu poder de atração populacional. Segundo Ribeiro (2002), o Estado do Rio de Janeiro apresenta a mais elevada taxa de população urbana no País, com mais de 95,0% vivendo em áreas reconhecidas pelo censo demográfico do IBGE como urbanas. Esses dados sobre o quadro demográfico do Estado do Rio de Janeiro, quando confrontados com os questionamentos de Veiga (2003) sobre a urbanização no Brasil, mostram situações contraditórias, haja vista que diversos municípios do interior, inclusive da Região Centro-Norte Fluminense (Duas Barras, Sumidouro, Santa Maria Madalena, Trajano de Moraes, Macuco, São Sebastião do Alto) apresentam baixo índice populacional, mesmo nas sedes, e características bem diferentes da região metropolitana e de outras cidades interioranas. Por outro lado,

em face da ainda aplicabilidade dessa avaliação censitária, que segue utilizando as determinações do Decreto-Lei nº 311, de 1938 da Era Getúlio Vargas, revela uma situação que representa o domínio incontestável da população urbana sobre a rural (VEIGA, 2003). Assim sendo, os critérios que determinam a existência das áreas urbanas e rurais tendem a homogeneizar os espaços, porquanto não considerem as diversidades existentes em cada uma delas, ainda mais naquelas relativas aos municípios do interior.

O espaço territorial de Nova Friburgo abriga uma área com 933 Km², localiza-se na Região Centro-Norte Fluminense e está inserido na condição de município serrano do Estado. A sede municipal encontra-se a 867 metros acima do nível do mar e com uma distância de 136 Km da Cidade do Rio de Janeiro. Os limites territoriais confrontam-se com os Municípios de Cachoeiras de Macacu, Silva Jardim, Casimiro de Abreu, Macaé, Trajano de Moraes, Bom Jardim, Duas Barras, Sumidouro e Teresópolis. Apresenta uma expressiva concentração populacional para um município do interior.

Pelo censo demográfico do IBGE (2000), cerca de 12,4% da população faz parte do contingente que constitui a população rural ou seja 21.567 habitantes, preponderantemente distribuídos nos distritos de Campo do Coelho, Riograndina, Amparo, Lumiar e São Pedro da Serra, dentre o total de oito divisões que compõem a jurisdição político-administrativa municipal (PMNF, 2006).

A colonização de Nova Friburgo por imigrantes europeus, iniciada com a chegada dos suíços em 1820 e dos alemães em 1824, tinha como fundamento o assentamento das famílias em pequenas propriedades para a exploração da agricultura e produção de gêneros alimentícios com técnicas mais avançadas do que aquelas praticadas no Brasil colonial. A produção do campo tinha como intuito o atendimento das necessidades do mercado que enfrentava graves problemas de abastecimento de gêneros alimentícios da Cidade do Rio de Janeiro. Naquela época, tais entraves proporcionavam o surgimento de uma fase crítica para a cidade, já que ocorria o aumento significativo do contingente populacional na Capital, inversamente à demanda de alimentos. No entanto, nos relatos encontrados em Araújo (2003) verifica-se uma certa frustração na idealização de

que os colonos pudessem trazer técnicas agrícolas superiores e cultivos do hábito alimentar europeu tal como o trigo, a aveia, a cevada, pois a realidade mostrou uma adaptação para as culturas da mandioca e do milho, ainda que algumas técnicas produtivas fossem colocadas em práticas.

De qualquer maneira os suíços pareciam preparados para uma economia pré-industrial, em que grande parte da produção mesmo artesanal era de origem doméstica. Traziam fios, tecidos, demonstrando familiaridade com a indústria têxtil doméstica. No quadro de uma economia pouco integrada como a brasileira, a produção para a subsistência em nível agrário e artesanal seria fundamental. (ARAUJO, 2003, p. 43)

Os relatos de Araújo (2003) enfatizam ainda que, no “*âmbito do capitalismo industrial e financeiro*”, o processo de industrialização de Nova Friburgo, iniciado em 1911, por empresários alemães e sem qualquer tipo de ligação com o setor cafeeiro, representou um momento de intensas e profundas mudanças, quando “(...) *Nova Friburgo tornou-se uma cidade de perfil, também industrial, assumindo contornos de cidade moderna.*” A alcunha de “*Suíça brasileira*” procurou associar o passado histórico, o clima agradável e o relevo montanhoso de relevadas belezas naturais como atributos essenciais para o desenvolvimento da atividade turística.

Na atualidade, diversas atividades nos setores de serviços, comércio e indústria dominam a economia de Nova Friburgo. Após um período conturbado e recessivo, o setor industrial ainda ressentido busca fôlego para se adaptar às novas tecnologias e exigências de mercado. Mesmo enfraquecidas, as indústrias metal-mecânica e têxteis são responsáveis por uma parcela significativa dos níveis de empregabilidade e arrecadação do município. A economia informal traduzida pelo surgimento e crescimento das confecções da moda íntima apresenta-se como um recente e importante fator de transformação sócio-econômico não somente de Nova Friburgo, mas também com influência em toda a região. O incremento no setor de ensino superior também se mostra como um dos parâmetros de relevada significação para as mudanças no cotidiano da cidade, em face do aumento do

contingente de estudantes universitários na cidade, vindos de outros municípios e estados, além de propiciar à população das áreas rurais oportunidade de cursar a faculdade, buscar informações, conhecimentos e meios de estar atualizando-se em relação as novas tecnologias

2.2 A singularidade do rural nas áreas em questão

A composição distrital do Município de Nova Friburgo apresenta-se dividida por oito unidades, sendo que em quatro delas, Campo do Coelho, Amparo, Lumiar e São Pedro da Serra, são atribuídas pelo IBGE (2000) como pertencentes a áreas rurais. Dentre elas, o Distrito de Campo do Coelho é considerado o de maior concentração da população rural, conforme dados do IBGE (2000), apresentando cerca de 36,0% do total dos indivíduos distribuídos em alguns núcleos rurais denominados por localidades pelo município (PREFEITURA, 2007), ou seja, uma estimativa de 8.091 habitantes. Esse Distrito, localizado ao longo da rodovia RJ-130, que é mais conhecida por Estrada Friburgo-Teresópolis, possui como característica principal a presença marcante da atividade agrícola, responsável por quase toda a produção de olerícolas do Município de Nova Friburgo. Campo do Coelho, um dos maiores distritos friburguense, distribui-se por várias localidades rurais e em todas elas prevalece a atividade agrícola, além da Sede Distrital, destacam-se os povoados denominados por: São Lourenço, Baixada de Salinas, Três Picos, Centenário, Santa Cruz, Patrocínio, Salinas, Barracão dos Mendes, Florlândia da Serra e o Aglomerado Rural Isolado denominado por Conquista, compondo assim grande parte da Bacia Hidrográfica do Rio Grande.

A figura 2, composta pelo Mapa de Nova Friburgo, apresenta de uma forma geral, as diversas localidades do Município evidenciando características do relevo, a localização do Centro e das Sedes dos Distritos, distinguindo-as das outras localidades, mas sem a preocupação de apontá-las de acordo com os parâmetros de classificação censitária estabelecido pelo IBGE.

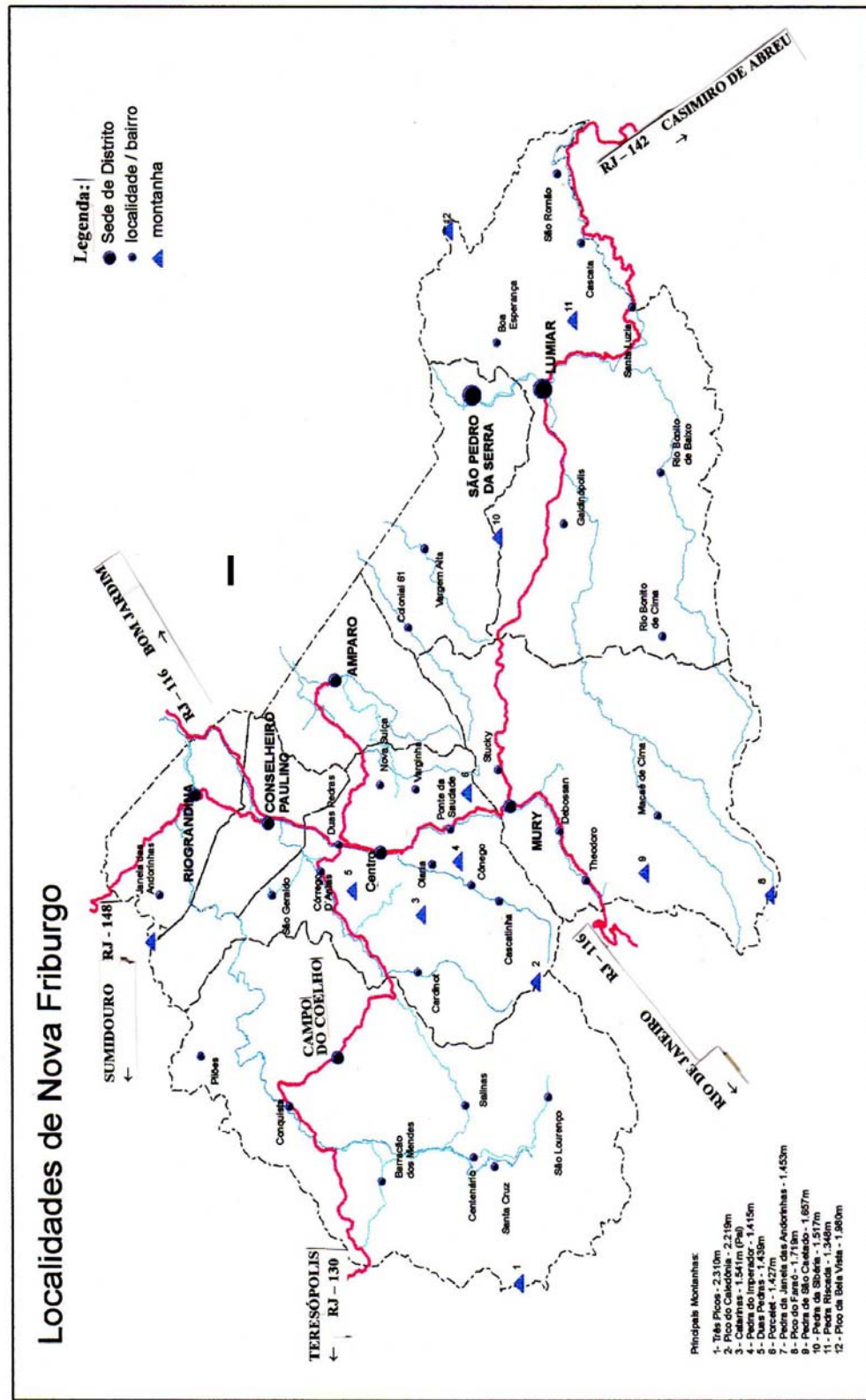


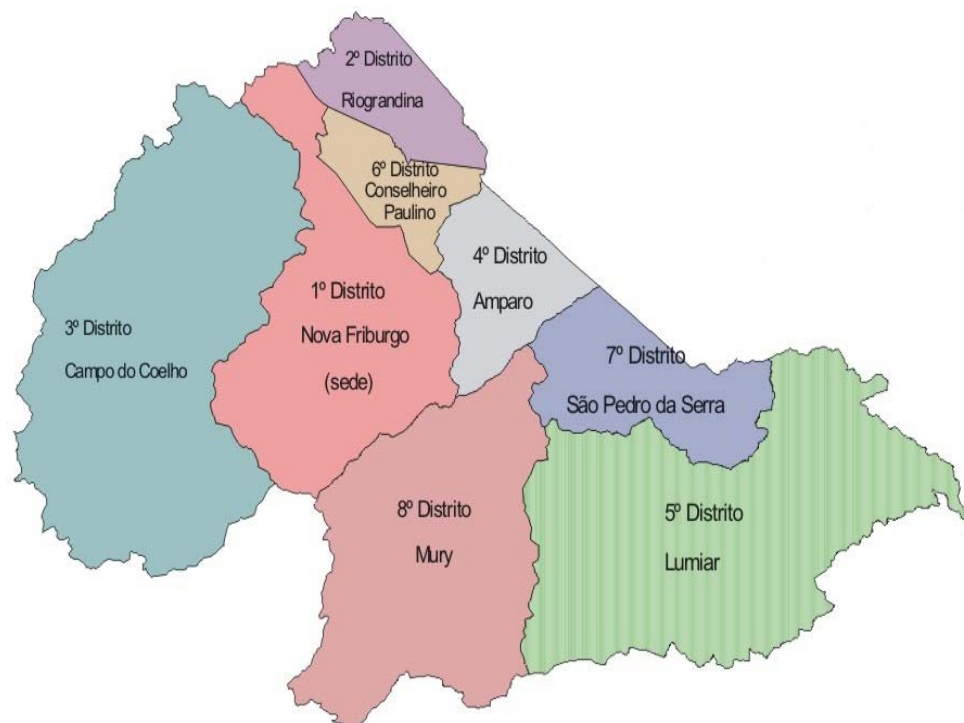
Figura 2 – Distribuição das localidades por Distritos do Município de Nova Friburgo com as respectivas vias de acesso. (adaptação do IBGE, 2000)

Verifica-se ainda que, Nova Friburgo é entrecortado por algumas rodovias estaduais e estradas municipais, representando uma malha rodoviária com razoável conservação que permite o transporte regular tanto dos veículos de passeios quanto dos veículos de cargas, bem como o tráfego de coletivos. Isso facilita a movimentação de pessoas, do comércio e o incremento das atividades existentes nas localidades mais distantes, proporcionando, também, o deslocamento dos moradores das áreas rurais para o Centro do Município. Essa infraestrutura básica mostra-se fundamental para o incentivo e a exploração dos circuitos turísticos, de negócios e de pequenos empreendimentos que vêm sendo criados e implementados por iniciativa dos setores públicos e privados.

Na atualidade, além do Circuito Tere-fri, que divulga os empreendimentos e os atributos naturais existentes ao longo do trajeto da rodovia RJ-130, que faz a ligação entre os Municípios de Nova Friburgo e Teresópolis, foram criados outros circuitos com o mesmo intuito. Esses circuitos estão distribuídos por outras vias, estradas, caminhos e trilhas envolvendo quase todo o Município. Na atualidade, existem nove circuitos, assim denominados: Circuito Ponte Branca, Circuito Lumiar & São Pedro da Serra, Circuito Moda Íntima Ponte da Saudade, Circuito Moda Íntima de Olaria, Circuito Sabor Mury, Circuito Caledônia, Circuito Caminhadas do Centro e Circuito Cão Sentado.

A atual divisão político-administrativa do território do Município de Nova Friburgo apresenta-se distribuídos por oito Distritos. A figura 3 demonstra essa distribuição revelando aparentemente a geografia das dimensões de cada um deles com os limites e contornos, destacando o 1º Distrito como a Sede Municipal. Verifica-se que, tanto o Distrito de Campo do Coelho quanto a junção dos Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra formam um conjunto que representa a maior área física do município, que também compreende, juntamente, com os Distritos de Amparo e Riograndina, as áreas rurais que compõem o Município de Nova Friburgo.

DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO DE NOVA FRIBURGO



Fonte: adaptado (IBGE, 2000)

Escala: 1:5.000

Figura 3: Contornos e localização de todos os Distritos do Município de Nova Friburgo, verificando-se a proximidade entre os Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar e o distanciamento para o de Campo do Coelho.

Todas as áreas rurais de Campo do Coelho são reconhecidas pela reprodução agrícola, em especial pela exploração dos cultivos das oleráceas, principalmente, tomate, alface, couve-flor, repolho, beterraba, salsa, coentro e morango, dentro de um rodízio com outras variedades de plantios. Presume-se que o surgimento dessa atividade no Município tenha alguma correspondência com a entrada da Cooperativa Agrícola de Cotia no Município de Teresópolis, na década de 1960, segundo pesquisa de Rodrigues (1999). As áreas de reprodução dessa atividade se confundem ainda mais nos limites entre esses dois Municípios vizinhos. Conforme pesquisa realizada pelo autor (OLIVEIRA, 2002), ressalta-se, nas questões agrárias, o predomínio de pequenas propriedades de caráter familiar, além de observar-se nas relações de trabalho a existência de contratos de parcerias, arrendamentos de terras e também contratação informal do emprego de mão-de-obra braçal.

Verifica-se, como problemático, o uso indiscriminado de agrotóxico para a manutenção das lavouras, a inadequação do uso de técnicas de plantio como mostra a figura 4, e da utilização de tecnologias complementares aos cultivos, assim como a existência de entraves nas formas de comercialização da produção e também a falta de seguimento das diretrizes para melhorar o manejo e a conservação dos recursos naturais (solo, água e vegetação natural).

Os aspectos da paisagem revelam que as áreas rurais do Distrito de Campo do Coelho vêm apresentando processos de mudanças no contexto social, econômico e ambiental que permitem atribuí-las a influências das urbanidades. Tais fatos são evidenciados pela observação de mudanças no comportamento dos moradores e que são refletidas nos costumes diários dos indivíduos daquelas áreas. Essas considerações podem ser analisadas a partir dos trabalhos de Oliveira (2002) que, ao pesquisar São Lourenço e adjacências, verificou a presença maciça do uso de energia elétrica nas residências, e ainda sinalizou para o fato de que cerca de 90,0% das casas possuem antena parabólica e aparelhos de televisão, assim, representada pela figura 5.



Figura 4 – Uso do solo para plantio de hortaliças no Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ (OLIVEIRA, 2002)



Figura 5 – Infraestrutura das moradias dos agricultores do Distrito de Campo do Coelho, em Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

Essa realidade permite constatar a conexão da população rural com os grandes centros de poder, que disseminam informações e promovem meios que estimulam tendências de comportamentos e o consumo dos produtos de uso comum das populações urbanas. Portanto, não causa estranhamento encontrar, nessas áreas rurais, construções de casas e de lojas com o mesmo padrão encontrado nas cidades, equipadas com semelhantes aparelhos eletrodomésticos e também pela discussão das pessoas sobre assuntos relacionados a programas de rádio e televisão de grande apelo popular, como as novelas, jogos de futebol e noticiários.

A sede do Distrito de Campo do Coelho dista aproximadamente 12 km do centro de Nova Friburgo, possui um bom acesso que é feito pela Estrada Friburgo-Teresópolis. Difere das outras áreas do mesmo Distrito, por vir apresentando um crescimento “desordenado” de residências, do comércio e também pela existência de pouca atividade agrícola, quando comparada às outras. Algumas propriedades rurais foram desmembradas e transformadas em loteamentos para a construção de casas em pequenos lotes com infraestrutura precária, lembrando as áreas periféricas encontrada nas cidades. Verifica-se que, parte significativa dos moradores desses loteamentos trabalha e convive, freqüentemente, com as atividades localizadas na cidade, uma vez que não se identificam com a atividade agrícola e não possuem obstáculos para o deslocamento. Porém, mesmo como sede distrital, Campo do Coelho não se mostra como uma referência, que proporcione a afluência da população das áreas de produção agrícola. Mesmo aparentando um certo crescimento urbano, apresenta pouco vínculo com as outras áreas, sendo considerado pelos agricultores mais como uma passagem obrigatória para a cidade, do que um centro capaz de aglutinar interesses, promoção de negócios e visitação. Observa-se que ocorre uma maior confluência ligando as áreas rurais com a de Conquista, também localizada na Estrada Friburgo-Teresópolis a cerca de 20 km da Cidade de Nova Friburgo, pois além de expressar a tônica da atividade produtiva das demais, aglutina a comercialização da produção e de insumos pela existência do

Mercado do Produtor (Figura 6) e também pela presença de lojas de comércio dos produtos agropecuários.



Figura 6 – Mercado do Produtor de Conquista, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

As outras áreas rurais pertencentes ao Distrito de Campo do Coelho encontram-se mais distantes do centro de Nova Friburgo e fora das margens da Estrada Friburgo-Teresópolis, são acessadas por uma estrada asfaltada, com alguns trechos precários, mas que permite o escoamento da produção durante o ano inteiro. Possui como característica comum a presença das pequenas propriedades rurais, sendo que, na maioria delas, não ultrapassam o tamanho de 10 ha, predominando o cultivo intensivo das oleráceas com o aproveitamento das terras para o plantio de pelo menos de três espécies seguidas durante o ano. Para isso utilizam grande quantidade de fertilizantes químicos e de agrotóxicos. Diferentemente da sede do distrito e de Conquista, essas outras áreas possuem menos ofertas de transporte coletivo, em algumas com intervalos de duas em duas horas. Mas, mesmo assim, os seus habitantes se deslocam com certa frequência à Cidade de Nova Friburgo, apesar da distância considerável, que chega a ser de 54 km, entre São Lourenço e o Centro de Nova Friburgo. Em quase todas elas

encontram-se pelo menos uma escola municipal com ensino fundamental até a 4ª série e um posto de saúde.

Além do transporte coletivo, um considerado número de moradores possui veículo próprio, facilitando o deslocamento e o acesso ao comércio urbano e informações atualizadas, bem como a busca dos serviços médicos quando não atendidos pelos Postos de Saúde das localidades. (OLIVEIRA, 2002, p. 46)

A convivência social acontece tanto pelo vínculo que se faz junto aos trabalhos agrícolas desempenhados nas propriedades rurais, quanto pelas relações comunitárias e técnicas pertinentes a essa atividade, além da realização de dias festivos nas escolas e associações. Porém, nos finais de semana é comum a realização de torneios de futebol e para alguns a reunião nos botecos.



Figura 7 - Unidade do IBELGA, em Baixada de Salinas, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

Para o público jovem, a escola se apresenta como local de aquisição de conhecimentos, de formação cidadã e de relacionamento social. Nesse contexto, as dependências da Fazenda Escola do IBELGA, localizada entre Baixada de Salinas e Três Picos, conforme mostra a figura 7, é a única escola com ensino

fundamental e médio com curso técnico em agropecuária, que atende a demanda das áreas rurais, não somente daquelas pertencentes ao Distrito de Campo do Coelho, mas abriga até alunos de outros municípios, tornando-se com isso um centro de referência do ensino rural da região e ponto de convergência das ações relacionadas aos trabalhadores rurais, eventos culturais e de cursos extracurriculares para alunos e familiares. Esse mesmo público absorve os programas de televisão voltados para os adolescentes e adaptam a realidade local, notadamente nas atitudes, vestuário e linguagem.

Observa-se, ainda, no comportamento dos adolescentes, a tendência para o casamento na faixa entre os 15 e 18 anos, principalmente para as meninas, que invariavelmente engravidam mais cedo e passam a desempenhar funções de dona-de-casa e exercer trabalhos braçais nas lavouras ou daqueles outros que buscam na cidade a continuidade dos estudos nas faculdades ou de oportunidades de empregos nas atividades de comércio, nas indústrias e prestação de serviços. Timidamente vêm surgindo, nessas áreas rurais, pequenas confecções de moda íntima, ocorrendo principalmente na sede do Distrito de Campo do Coelho.

Nas proximidades da Estrada Friburgo-Teresópolis encontram-se alguns atrativos ligados ao turismo que revelam um potencial ainda pouco explorado nesse Distrito. Pode ser constatada a existência de hotéis e pousadas, empreendimentos bem estruturados de iniciativas privadas e de ONGs, como a Queijaria-Escola, um Apiário, diversos restaurantes, alguns hortos de plantas ornamentais. Pela localização, porte e atividade empreendedora, alguns participam ativamente do circuito turístico tere-fri, promovendo eventos e criando diferenciais formas de negócios.

Mesmo ocupando parte da área que abriga o Parque Estadual dos Três Picos (figura 8), a infraestrutura existente ainda é precária e pouco adequada para manter e criar condições para a conservação e preservação do parque e possibilitar a visitação dos turistas, inclusive para as trilhas que levam aos Três Picos, ponto culminante da Serra dos Órgãos com 2.310m de altitude.



Figura 8 – Vista parcial do Parque Estadual dos Três Picos, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. 2005.

O Distrito de Campo do Coelho se estende por um vale com diversas nascentes protegidas pela remanescente biodiversidade ainda presente da Mata Atlântica, que acompanha o percurso de vários riachos que ao se encontrarem formam inicialmente o Córrego São Lourenço e o Córrego Campestre, já bastante modificados pela atividade agrícola, formando o Rio Grande que abastece com suas águas as atividades produtivas e parte da Cidade de Nova Friburgo e segue ultrapassando o limite com o Município de Sumidouro, antes se mostra pinçado pelas propriedades rurais encrustadas nas suas margens, entre os pontos mais altos da Serra dos Órgãos, o Caledônia e os Três Picos. A Bacia hidrográfica do Rio Grande apresenta-se como uma importante referência na região (CUNHA, 1978), em face do fornecimento de água para as atividades de reprodução agrícola e do abastecimento de várias cidades da Região Serrana.

Tanto Rua quanto Oliveira (2002) relataram em suas pesquisas a existência de outras atividades desenvolvidas na região que, mesmo ainda tímida, atraem contingentes urbanos, como escaladas, trilhas, roteiros turísticos, dentre outros, com uma intensidade significativamente menor quando comparadas com essas mesmas atividades realizadas nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar.

Localizados na parte oriental de Nova Friburgo, os Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar ocupam uma extensa área, com cerca de 40% do total municipal. Neles se concentra importante parcela de remanescentes da Mata Atlântica que se destaca pela exuberância dos recursos naturais e pela causa da existência de conflitos entre agricultores, ambientalistas, IBAMA e polícia florestal, em face da Área de Proteção Ambiental de Macaé de Cima. Essa área compõe a cabeceira da Bacia Hidrográfica do Rio Macaé, apresentando-se como um frágil ecossistema e ao mesmo tempo exibindo uma riqueza de espécies nativas da fauna e da flora e de onde surgem diversas nascentes, inclusive aquelas que originam os córregos que irão formar o Rio Macaé.

A formalização sobre a importância da preservação da Mata Atlântica, nessa área e conseqüentemente sobre a permanência da diversidade de espécies vivas e dos recursos naturais, foi instituída pelo Decreto-Lei Estadual 29.213, de 14.09.2001 com a criação da APA Estadual de Macaé de Cima. Mesmo antes da decretação da APA já havia conflitos, que limitavam a expansão de áreas para a exploração da atividade agropecuária, e que foram se acentuando nos últimos anos, à medida que aumentava a participação dos novos moradores nas questões ambientais, que pouco ou não dependem desse tipo de atividade para sobreviver. Segundo Araújo e Mayer (2003), a discussão sobre a criação de uma área de preservação da Mata Atlântica, onde na atualidade abriga os Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra, remonta ao tempo do Brasil Colônia, em face das nascentes dos rios que abastecem cidades e as atividades de produção.

Pequenas frações de terras foram ocupadas por famílias de imigrantes a partir dos anos de 1818, doadas por D. Pedro I, surgindo assim a origem da denominação do Distrito de São Pedro da Serra. A região se dividia pela produção agrícola de subsistência e trabalhos artesanais e ao longo do tempo passou a servir de rota de tropeiros vindos de Minas Gerais e de outras regiões do interior do Estado levando mercadorias para serem comercializadas nas cidades da baixada como Itaboraí, São Gonçalo, além de Niterói e da Cidade do Rio de Janeiro.

O Distrito de Lumiar, criado em 1889 na fazenda de mesmo nome é o mais antigo do Município de Nova Friburgo. No passado havia muita rivalidade

política com a localidade de São Pedro da Serra, alternando por diversas vezes a sede distrital até a separação e a decretação da atual divisão distrital do Município de Nova Friburgo, em que o 5º Distrito pertence a Lumiar e o 7º Distrito a São Pedro da Serra. As duas sedes ficam bem próximas uma da outra, cerca de 3 km, estão situadas a cerca de 600 m de altitude e distanciam um pouco mais de 30 km da Cidade de Nova Friburgo. Os atrativos turísticos passaram a dominar a economia desses Distritos a partir dos anos de 1980 e na atualidade pode ser encontrada grande oferta de hotéis e pousadas que apresentam informações ao serem acessadas pela internet, além da divulgação de passeios, trilhas, banhos de cachoeiras etc. Os atributos naturais da Mata Atlântica, existente nesses Distritos, são os motivos principais para os turistas, conforme mostra a figura 9, o Encontro dos Rios, uma das atrações mais procurada por visitantes, localizada no Distrito de Lumiar.



Figura 9 – Encontro dos rios, atrativo turístico do Distrito de Lumiar, 2007.

O isolamento dos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, principalmente em relação à Cidade de Nova Friburgo, até meados do século XX, contribuiu para o estabelecimento de um processo de estagnação que perdurou por muitos anos e fez com que parte da população deixasse essas áreas pela falta de

infraestrutura e opções de trabalho. A alternativa que se apresentava na ocasião era de trabalhar na produção agrícola de subsistência e a partir dela realizar trocas de mercadorias entre os próprios indivíduos das comunidades, e destes com as comitivas de tropeiros e comerciantes ambulantes.

A abertura da estrada de Lumiar para a Cidade de Nova Friburgo representou um fator de transformação. Segundo Pereira (2004), esse momento marca a chegada da modernização, quando da lógica da troca passa-se então para a lógica da comercialização, isso nos idos dos anos de 1960 e, nos anos seguintes, presenciou-se o aumento de atividades não agrícolas, como a descoberta de Lumiar pela juventude dos centros urbanos nos anos de 1980, ao buscarem um estilo de vida alternativo e levando São Pedro da Serra a reboque.

O estabelecimento da comunicação, regular, com a Cidade de Nova Friburgo e com outros centros urbanos, permitido com a abertura e melhoria da estrada, trouxe a essas localidades oportunidades para a chegada de novas alternativas de trabalho e a valorização das propriedades em face da proximidade com a Mata Atlântica e possibilidade de exploração dos recursos naturais por lá existentes. Com o passar dos anos, parte dessas propriedades foram adquiridas por pessoas vindas de outras cidades e regiões, que enxergaram nesses atributos da natureza formas de transformá-los em atividade produtiva ligadas ao turismo e ao lazer. A especulação imobiliária, tanto para compra e venda quanto para aluguéis de casas e sítios para temporada tornou-se prática comum e passou a fazer parte da renda dos moradores dos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar. Alguns transformaram suas casas em pousadas e restaurantes, outros venderam suas propriedades para novos moradores e especuladores que construíram condomínios, novos hotéis, pousadas, sítios de lazer etc.

Percebe-se, nestes últimos dez anos, a ocorrência de transformações paisagísticas nas áreas desses Distritos, em algumas delas com mais nitidez, como é caso de São Pedro da Serra, Lumiar, e no Distrito de Campo do Coelho essas evidências são marcantes na Sede e em Conquista. Nelas vê-se principalmente o surgimento de construções mais modernas de casas, condomínios, e lojas comerciais, com a predominância dos novos moradores.



Figura 10 – Recentes construções em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ.
(OLIVEIRA, 2005)



Figura 11 – Mudanças no rural de São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ
(OLIVEIRA, 2007)

Verifica-se, conforme mostram as figuras 10 e 11, o surgimento com certa intensidade de condomínios, casas grandes e confortáveis com piscinas em vários pontos, inclusive no meio da mata, como nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar. Enquanto que em Campo do Coelho, a frequência desse tipo de construções apresenta-se em menor número e comparativamente pouco significativa, predominando loteamentos populares e construções mais simples.

2.3 Diferenciações de áreas nos processos rurais de Nova Friburgo

As diversas localidades, pertencentes ao Distrito de Campo do Coelho e aos Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra, objetos dessa investigação, destacam-se no Município de Nova Friburgo por apresentarem características bem específicas e evidentes da predominância rural e, em face das suas peculiaridades, tanto pelo sistema de reprodução econômica, quanto pelas questões sociais e ambientais inerentes à ocupação espacial. As contribuições de Rua (2002) sobre essas áreas rurais são apresentadas pela utilização dos aspectos que denotam comportamentos sociais e econômicos carregados de “urbanidades”.

Oliveira (2002), pesquisou a localidade de São Lourenço, povoado apresentado na figura 12, como uma área rural representativa das demais que formam o Distrito de Campo do Coelho, investigando a questão da sustentabilidade dos sistemas de reprodução agrícola aliado à temática ambiental. Assim como Rua (2002), ambos, em suas pesquisas, buscaram relacionar a questão da organização espacial aliada à lógica produtiva. Processo em marcha em várias regiões, que Graziano da Silva (1997), ao apropriar-se do termo desenvolvido por Gilberto Freyre, chamou de “rurbano” ou também de “novo rural”, em face das transformações que se evidenciam, mas que também poderá receber um viés do termo “urbanidades” como o apresentado por Rua.



Figura 12 – Chegada à localidade de São Lourenço, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

Alguns fatores observados nas áreas rurais de Nova Friburgo permitem analisar o andamento de um processo que submete esse rural à lógica urbana. Articuladas à cidade, verifica-se todo o processo de reprodução e consumo dos elementos necessários à manutenção do trabalho, seja com o predomínio do agrícola ou seja do não agrícola, mas que envolve o trabalho, a vida social e alimentar dos habitantes das áreas rurais desses Distritos de Nova Friburgo.

No que tange aos meios de reprodução agrícola, no Distrito de Campo do Coelho, verifica-se, em Oliveira (2002), a dependência do uso dos insumos modernos de fabricação industrial, que são tidos pelos agricultores, como de vital importância para a manutenção das lavouras e entre eles, como mostra a figura 13, a necessidade de aplicação de agrotóxicos para o sucesso dos cultivos das hortaliças.

Basicamente, tudo o que é produzido pela agricultura direciona-se ao mercado, caracteriza-se por uma atividade produtiva voltada exclusivamente para a comercialização. A pesquisa de Oliveira revela que a base da dieta alimentar dos agricultores de São Lourenço é adquirida fora das áreas rurais, geralmente na

cidade de Nova Friburgo. Isso mostra uma situação contrária daquela encontrada por Candido (1975), no interior de São Paulo, quando se produziam preferencialmente cultivos de gêneros alimentícios para a subsistência das próprias famílias, alterando, portanto, a dinâmica que existia a algumas décadas atrás e que representava uma das características das áreas rurais.

O Município de Nova Friburgo apresenta-se apropriado para a pesquisa sobre o tema, pois proporciona o encontro de diferenças nos processos de transformações das áreas rurais que permite a verificação de situações dentro dos seus limites municipais.



Figura 13 –Localidade rural de produção agrícola, Baixada de Salinas, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

Aparentemente, alguns aspectos se aproximam quando se generaliza o processo em andamento e detecta-se a presença de características comuns de “urbanidades” que evidenciam aspectos de urbanização, porém, ocorrem situações que se diferenciam pelas singularidades existentes em cada uma dessas áreas e que são fundamentais para a investigação desse processo. Essa generalização está presente no ensaio de Rua (2002), ao afirmar que esse é um fenômeno presente a

todo o espaço fluminense e ainda mais perceptível em Nova Friburgo, ao longo da Rodovia RJ-130, cuja área rural pertence ao Distrito de Campo do Coelho, e encontra-se, também, presente nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, como mostram as figuras 14 e 15.



Figura 14 – Indicações de suporte ao turismo em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)

As transformações que São Pedro da Serra e Lumiar vêm apresentando têm como fator principal à expansão da exploração turística, apontada por Carneiro (1998, p 65), visto que *“esta passa a ser o símbolo da nova condição social, tomando mais importância que anteriormente, quando a atividade agrícola era a fonte exclusiva de renda”*. Da mesma forma, Rua também salienta esse fato. Porém, tal condição não pode ser atribuída ao rural não-agrícola, quando se refere às localidades de São Lourenço e Barracão dos Mendes, no Distrito de Campo do Coelho com a mesma ênfase do processo que se estabelece em São Pedro da Serra e Lumiar.



Figura 15 – Informações sobre localidades e pontos turísticos em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005).

De acordo com Rua, o turismo seria “*o fator decisivo na urbanização*”, mesmo reconhecendo que “*as atividades ligadas ao turismo ainda são pouco marcantes*” e que a atividade agrícola é intensa. Na verdade, são apresentados alguns equívocos, dentre os quais a afirmação sobre a existência de “*bares numerosos*”, a “*freqüência de grupos de esportistas*” nas trilhas e escaladas e também ao atribuir aos menores carentes à fazenda-escola existente no Distrito de Campo do Coelho. As ocupações na cidade e fora da lavoura existem, mas não são tão significativas a ponto de serem apontados como fator decisivo para o processo de formação de um “*novo rural*”. O agrícola tem forte presença e condiciona o modo de vida.

As áreas rurais do Distrito de Campo do Coelho mantêm a atividade agrícola como base de sustentação familiar. Essa atividade segue o modelo da agricultura moderna, com plantio intensivo, exploração demasiada do solo e da água, bem como a adoção de objetos e ações que carregam tecnologias e informações construídas pelo capital monopolista, trazendo consigo todo um arcabouço sócio-cultural com forte influência do ambiente urbano. Nesse arranjo socioespacial, os objetos técnico-científicos formam a base da (in)sustentabilidade

dos meios de reprodução agrícola, obtida pela aquisição e uso dos insumos modernos.

Devido a grande produção e intensidade da exploração agrícola, a valorização das terras nas áreas rurais de Campo do Coelho é uma constante e de pouca oferta para venda, em face da rentabilidade da produção e da permanência dessa atividade ao longo do tempo. Tal situação é um dos fatores de diferenciação se comparado a Lumiar e São Pedro, onde a valorização das terras ocorre pela exuberância da natureza e exploração turística, não pela presença e significação da agricultura (com exceção de Vargem Alta pelo cultivo de flores). Verifica-se como prática comum em Lumiar e São Pedro da Serra a venda de pequenas propriedades agrícolas, que passam pela transformação, constituindo-se em condomínios e sítios de lazer, assim descrito por Carneiro (1998, p. 65).

Conscientes de que a hora de trabalho consagrada às atividades não agrícolas é melhor remunerada que a ocupada pela produção agrícola, pequenos proprietários sem condições de investir em alternativas mais rentáveis são levados a vender suas propriedades, que são transformadas em sítios de lazer, e a se assalariarem nas funções de jardineiros ou caseiros, muitas vezes na sua ex-propriedade.

Outro ponto de diferenciação entre esses Distritos mostra a existência de empresas e segmentos empreendedores de caráter familiar, que ajudam a fomentar as atividades que desempenham importância social, econômica e política em cada uma delas. As inúmeras pousadas, hotéis, bares e restaurantes existentes em Lumiar e São Pedro da Serra contribuem, juntamente com a exuberância dos recursos naturais como um dos principais atrativos para o turismo. Pode-se encontrar um contingente de pessoas vindas de outros Municípios, de outros Estados e até de outras Nações que, de alguma forma, influenciam as relações sociais dos moradores desses Distritos. Encontra-se a presença de ONGs, seitas de cunho religioso, condomínios sofisticados, pousadas e bares seletivos, que atraem um público bastante diversificado vindo, geralmente, dos grandes centros urbanos, por outro lado, nas áreas rurais do Distrito de Campo do Coelho, pode-se destacar a presença da Estação Experimental da PESAGRO, voltada para

pesquisas de apoio à atividade agrícola; o Mercado do Produtor (unidade do CEASA, em Nova Friburgo) que atende parte dos agricultores para a comercialização do que é produzido nas lavouras; a Fazenda Escola Rei Alberto I, mais conhecida como IBELGA, como uma instituição voltada para a formação educacional e profissional das crianças e adolescentes de origem rural e que vem se firmando como um centro de referência técnica para cursos e treinamentos de atividades ligadas à agropecuária, atendendo principalmente as famílias da região.

O apelo turístico de São Pedro e Lumiar apresenta-se com mais atrativos quando comparado aos existentes na maioria das áreas rurais de Campo do Coelho, visivelmente pelas paisagens que se mostram bastante diferenciadas uma da outra. Ainda mais pela presença da APA de Macaé de Cima, que surge como um fator determinante para a preservação dos recursos da natureza.

Os atributos da natureza, existentes nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, mostram-se mais atraente para os visitantes e para os novos ruralinos, vindos dos grandes centros urbanos e que, até certo ponto, se integram com alguma parcialidade aos antigos moradores. Quando eles não se posicionam contrários à expansão das atividades agrícolas que gera confrontos e conflitos relacionados à existência da APA. Essa integração vem possibilitando a construção de um novo tecido, talvez não tão urbano quanto aqueles contidos nas considerações teóricas de Lefebvre (1999), mas que torna possível a existência da pluriatividade para os novos “rurbanos”, se é assim que se pode denominá-los.

Por outro lado, as áreas rurais de Campo do Coelho possuem características que apontam para um lado mais tradicional e conservador, até mesmo pela tônica da atividade produtiva. Verifica-se que as novidades surgidas fora da atividade principal não apresentam relações de proximidade com o meio social e econômico, calcados na atividade agrícola que se estabelece fortemente nas propriedades rurais. Observa-se essa marca, que está presente até mesmo nos focos de aglomeração residencial, quando as práticas agrícolas aproveitam o máximo dos espaços disponíveis (Oliveira, 2002), seja ao redor da casa, numa pequena área; seja em locais bem próximos ao asfalto como mostram as figuras 16 e 17.



Figura 16 – Aproveitamento do entorno da casa para cultivos, Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo (RJ). (OLIVEIRA, 2002)



Figura 17 – Cultivo de hortaliça, próximo ao asfalto, no Distrito de Campo do Coelho, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

As áreas rurais de Campo do Coelho, quando comparadas a Lumiar e São Pedro da Serra, apresentam-se mais reservadas perante a entrada de inovações. O estranhamento é mais evidente, principalmente, quanto aos aspectos comportamentais. Talvez, esse fato seja decorrente do pouco contato com a diversidade de pessoas e com atividades não relacionadas à reprodução agrícola, e ainda pela inexistência de um melhor suporte para a permanência e abrigo do pequeno fluxo de visitantes que transitam por essas áreas. As atividades relacionadas ao turismo são consideradas incipientes e com pouca infraestrutura, que do contrário, provavelmente, possibilitaria uma interação mais forte para a construção de um novo tecido social. Entretanto, verifica-se um processo em andamento de modificação da paisagem, porém sedimentado na atividade agrícola comercial voltada para o mercado.

As análises efetuadas revelam diferentes impactos das urbanidades nas áreas supracitadas. Visto que essas, enquanto processo social, passam a ser inseridas em sistemas de ações e de objetos pré-existente e que condicionam diferentes formas para uma suposta redefinição da relação entre o rural e o urbano. Isso porque nos Distritos de Lumiar e de São Pedro da Serra, o espaço agrário pouco expressivo no âmbito municipal e em contraponto ao forte apelo turístico das belezas naturais são atributos locais que condicionam impactos singulares das urbanidades na área em tela. Por outro lado, no Distrito de Campo do Coelho, a importância do espaço agrícola sinaliza para formas específicas de redefinição do rural sob a égide das urbanidades.

CAPÍTULO 3

FRONTEIRAS: PROCESSOS EM TRANSFORMAÇÃO DO RURAL EM CAMPO DO COELHO, SÃO PEDRO DA SERRA E LUMIAR

Sob a luz das considerações para a definição de fronteira a que Turner *apud* Silva (2006) utilizou, alicerça a convicção da existência da fronteira dentro de um contexto cultural e social, além daquele que se estabelece pela concretude de uma linha divisória que delimita juridicamente países, estados e municípios. A linha divisória dessas pesquisas, quando se refere ao rural e ao urbano, muitas vezes apresenta-se muito tênue para a demarcação de um ambiente e de outro, quando envolve pessoas, culturas e as novas relações. Trazem consigo novas expressões, sendo que em algumas delas são apresentadas novas ruralidades e presenças do rural no ambiente urbano.

As áreas rurais dos Distritos pesquisados vêm mostrando características um tanto quanto conflitantes, pois ora apresentam aspectos de cunho urbano e ora rural. Em algumas delas, verifica-se que tais aspectos se mostram sob intensa mistura que, a princípio, poderá lhes conferir um estado de hibridez ou a aparência de uma colcha de retalhos integrada por diversos elementos. Por mais complexos que esses aspectos se apresentam não denotam estranhamentos nas relações de uns com os outros, como a presença de um pequeno shopping com lojas, restaurantes e atelier próximos à área de cultivo de inhame, assim como a existência de casas com padrão de sofisticação encontradas nas cidades com todo o quintal, ao seu redor, cultivado por hortaliças e utilizando técnicas de irrigação. Esses exemplos tornam ainda mais complexas as análises dos diferentes

emaranhados, quando se passa a considerar as relações humanas decorrentes da questão apresentada.

Portanto, no decurso da indefinição sobre o caráter não consolidado do rural e do urbano, permitiu-se investigar nessas áreas os aspectos apresentados sob o abrigo da categoria fronteira.

Como ponto de partida, ressalta-se a combinação de fatos sobre a formação do Município de Nova Friburgo com os atributos constitutivos dos Distritos pesquisados e com aqueles constitutivos dessa categoria da geografia.

Justificado, ainda, pela trajetória do processo de formação, que envolve conhecimentos sobre a dinâmica iniciada em Nova Friburgo, com a ocupação do espaço territorial, a continuidade do processo, as transformações derivadas dessa ocupação e os conflitos derivantes até a atualidade. Para o desenvolvimento desse contexto, foi necessário considerar as correlações entre as variáveis ambientais, econômicas, sociais e culturais com os elementos básicos de integração e organização do espaço, tal como a terra, a população e a produção (REBORATTI, 1990).

A abertura de frentes de colonização por imigrantes em Nova Friburgo é um fato histórico ocorrido na segunda década do século XIX, iniciando o processo de ocupação de áreas intactas de florestas que foram loteadas para a exploração agrícola por colonos europeus, escolhidos especialmente porque eram tidos como detentores de conhecimentos de técnicas de cultivos mais adiantadas do que as existentes naquela época, no país.

O fato de se pensar o povoamento de um espaço pouco ou ainda inexplorado, como o ocorrido em Nova Friburgo, suscita o estabelecimento do início de um processo de fronteira, ainda mais quando esse fato apresenta características singulares, que historicamente se apresentam como o início da chegada de colonos europeus no Brasil. Os primeiros imigrantes, a princípio suíços e logo em seguida alemães rurais e não rurais, trouxeram consigo novas técnicas agrárias, experiências de vida em áreas urbanas, sólidas culturas de sociedades alicerçadas por costumes e tradições seculares bem sedimentadas e

marcadas, sob tudo, por uma seqüência de períodos de turbulência sócio-econômico na Europa.

A análise desse processo, de uma colonização planejada, revela nos diversos estágios de exploração do município aspectos sempre relacionados ao surgimento dessa fronteira, ou seja, a especificidade da colonização européia em confronto com o assentamento em um ambiente desconhecido para a produção agrícola de gêneros alimentícios.

Partindo desse princípio, compreende-se que o assentamento dos imigrantes trouxe consigo uma forte herança cultural que, mesmo descaracterizada, ainda sobrevive e é cultuada até hoje com muito orgulho nas áreas pesquisadas, assim como em todo o Município. Porém, o objetivo inicial não obteve o êxito esperado, pois as tecnologias trazidas tiveram que passar por adaptações, assim como houve a necessidade de uma mudança radical nos hábitos alimentares desses colonos, já que os cereais básicos da alimentação européia não se adaptaram satisfatoriamente ao ambiente dos trópicos. Mesmo assim, a influência da cultura européia se fez presente em todo o Município, as adaptações das tecnologias, o folclore, os costumes foram absorvidos por grande parte da população e se misturou àqueles, então existentes, que antecederam os colonizadores.

De certa forma, pode-se denominar o período pós-colonização como um período intermediário de fronteira, uma vez que processou um momento de integração do espaço, quando um mínimo de organização e estabilização se fez presente. Esse fato pode ser percebido pelas relações que se desenvolveram nas questões agrárias, tal como a produção de alimentos, o uso da mão-de-obra, as técnicas empregadas na atividade agrícola, as formas de comercialização entre outros e nas estruturas territoriais traduzidas pelos processos de assentamento, criação de infraestruturas e regulação de fluxos. Nesse período, começou-se a estabelecer os núcleos de povoamento. Da criação da Vila de Nova Friburgo, em 1831, e ao tornar-se sede municipal, no ano de 1890, diversas modificações ocorreram, sendo que a abolição do regime de escravidão é considerada por Araújo (2003) como um importante fator da crise agrária que atingiu o Município.

Mas, com a chegada da ferrovia a Nova Friburgo, o núcleo central sobressaiu-se em relação às demais áreas do município e também a outras cidades da região, iniciando a construção de uma imagem de atrativos turísticos assentada nas condições do clima, dos recursos da natureza e como um importante entreposto cafeeiro. Firmando-se como um centro urbano em contraste com as áreas rurais, um tanto quanto desprezadas.

Além de atrativo turístico e ponto estratégico de distribuição da produção agrícola, a sede municipal em seguida, tornou-se, já no século XX, um reconhecido centro industrial, atraindo mão-de-obra das propriedades agrícolas e promovendo um momento de crise que refletiu ainda mais a separação do ambiente rural e do urbano.

Apesar da produção e da infraestrutura agrária do município, a população rural ficou cada vez mais subordinada às decisões políticas do centro urbano de Nova Friburgo. A produção rural prosseguiu com setores ligados à subsistência e um comércio feito por tropas que, dependendo da distância do interior de Nova Friburgo, demandavam dias para ir e vir ao centro da cidade. A estagnação econômica destas áreas tradicionais da formação de Nova Friburgo tornava o colono um verdadeiro caipira. (LISBOA, 2003, P 105)

Mediante esse fato, verifica-se que a hegemonia urbana evidenciou uma nova ordem nas relações entre o rural e o urbano, dentro do próprio município. Observa-se o momento em que se instala estruturalmente uma separação e que provoca o aumento do contraste. Os recursos passam, então, a serem direcionados prioritariamente para o centro urbano e como consequência refletindo nas áreas rurais, que entrariam em processos de descontinuidade por falta de infra-estruturas e investimentos.

Nas décadas seguintes aumentara o contraste existente entre as áreas rurais com o espaço urbano do Município de Nova Friburgo, provocando a marginalização da população rural do Município, a submissão política das áreas rurais ao centro urbano, a atração de recursos para os centros urbanos, a paralisação de investimentos no setor rural, a submissão da cultura rural à do meio urbano e um intenso êxodo rural. (LISBOA, 2003, P 105)

A análise sobre o que se desenvolveu em Nova Friburgo se direciona para o fechamento de um ciclo de fronteira, onde se instala a independência do centro urbano a partir da chegada do ciclo industrial. Mas, ao mesmo tempo, provoca a abertura de um outro, como a que relaciona a dependência político-administrativa com as precárias infra-estruturas relegadas às áreas rurais e como elas se interagem com os elementos básicos (terra, produção e população).

No início do século XX, a estrutura fundiária de Nova Friburgo apresentava a predominância de pequenas e médias propriedades voltadas para a produção de subsistência.

Na chegada da terceira fase de fronteira, instala-se um processo de transformação que utiliza-se de um dos elementos da produção, conforme considerações de Reboratti (1990) que, nesse caso, é apresentado pelo valor das terras ou pela demanda das propriedades rurais como mercadoria.

Em Nova Friburgo, esse fato tem início por volta dos anos de 1970, quando as áreas rurais passam por mais um momento conflituoso, uma nova dinâmica começa a se processar nas áreas interioranas desse Município. Com a valorização das terras, inicia-se um novo ciclo, porém diferenciados, pelo viés dos atributos da exuberância dos recursos naturais, ritmos de vida nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar e pela produção de olerícolas no Distrito de Campo do Coelho. A interferência no cotidiano dessas áreas rurais revela aspectos de diferenças na qualificação dos elementos básicos, isto é, da valorização e aquisição das terras que resultam novas dinâmicas de integração entre a terra, a produção e a população.

As subdivisões ou o parcelamento das pequenas e médias propriedades familiares implicam a situação de saturação das antigas formas do elemento produção, pressionando para a venda da terra ou para aquisição de novas áreas para plantio. A migração para o centro urbano foi outro fator que ocorreu com certa frequência na busca de trabalho para a sustentação familiar. A transformação dos sítios em pousadas e áreas de lazer decorre, geralmente, da aquisição das propriedades por pessoas vindas de outras cidades e que acabam abrindo frente de trabalho para os antigos moradores. Toda essa situação provoca uma mudança na

estrutura econômica e social dessas áreas, assinalando o fim da atividade de subsistência e do mercado estritamente local. O que vem a caracterizar um estágio ou uma das etapas de expansão da fronteira, de acordo com Reboratti (1990), que ainda indica dois caminhos que se direcionam para a consolidação e integração da área de fronteira para a sociedade central.

Um desses caminhos aponta para a continuação do processo sem que ocorram mudanças radicais na estrutura agrária. Nesse caso, áreas rurais que se enquadram no contexto dessa afirmativa são aquelas que pertencem ao Distrito de Campo do Coelho, uma vez que a exploração agrícola é um fato concreto e contínuo, onde as transformações acontecem com uso de tecnologias adaptadas às formas de cultivo, a introdução de variedades e insumos adaptados às condições de intensividade dos plantios, a comercialização dos produtos voltada diretamente para o mercado e a valorização das terras. O que também leva ao comprometimento dos recursos naturais e para o aumento da degradação ambiental.

O outro caminho demanda para o enquadramento das áreas rurais dos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar. Uma vez que a integração para a sociedade central se faz por mudanças bruscas na estrutura desses Distritos, quando a principal atividade econômica, no caso a da exploração agrícola, perde a sua importância e deixa espaço para o desenvolvimento de outras, como o turismo e a prestação de serviços (caminhadas, cachoeiras, pousadas, sítios de lazer, bares, restaurantes, artesanatos, confecções).

O fator importante para a diferenciação das ações nessas áreas está centrado no direcionamento das peculiaridades dos elementos básicos, que integrados entre si permitem a condução para as transformações nas áreas de fronteira.

Nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, a contribuição para as mudanças está vinculada aos atributos da natureza existente na região e com o interesse despertado pela entrada de um contingente de pessoas vindas de outros lugares em busca de alternativas de vida. Dessa forma, as mudanças não resultaram de iniciativas dos indivíduos desses Distritos. A participação deles no

processo se deu, inicialmente, um tanto quanto passiva. Ao passo que, no decorrer dos anos, eles vêm assimilando a nova ordem de transformação dessas áreas e tendo um papel mais ativo ao acompanhar os passos dos “estrangeiros”. Trocando, assim, as práticas agrícolas pelos trabalhos de prestação de serviços, como empregados ou como donos do seu próprio negócio.

Por outro lado, nas áreas rurais de Campo do Coelho, o interesse da população direcionou-se pela continuidade do processo produtivo agrícola, com a adoção de tecnologias, discutíveis sob ponto de vista ambiental, mas com significativos índices de produtividade para atender as necessidades do mercado e a sustentação econômica da família. Nela, desfez-se o hábito da produção agrícola com cultivos e criações de animais para a subsistência, praticamente toda a produção é comercializada. Diante desses procedimentos decorreu-se, conseqüentemente, a valorização das terras que são exploradas continuamente, onde o menor espaço ao redor das casas ou próximo às estradas também é aproveitado para o cultivo das olerícolas.

Como ponto em comum, observa-se que nas duas situações apresentadas, as mudanças transcorridas nas áreas rurais são decorrentes da entrada de elementos externos, que ao integrarem-se aos elementos básicos constitutivos da fronteira exercem papel de relevada significação para a ocorrência dos processos de transformação.

A dinamização dessas áreas rurais, ou seja, a saída do estágio de letargia e estagnação para um processo em transformação do espaço vem despertando o interesse político-administrativo das esferas públicas, além das iniciativas particulares para a exploração dos atrativos existentes e gerados em seus domínios. Nos últimos anos do século passado e nesse início do século XXI, verificam-se algumas ações visando à melhoria da infra-estrutura dessas localidades (estradas, escolas, telefonia, rede de eletricidade, pesquisas, comércio, habitações), além de formas organizadas da população, traduzidas por associações de moradores, agricultores, ONGs, agenda 21 local, dentre outras o que demonstra a ocorrência de processos de mudanças no comportamento da

população, a fim de melhorar as condições da organização do espaço. Porém, ainda pouco integradora e de pequena representatividade.

O asfaltamento da Estrada Serra-Mar (RJ-142), inaugurado no final do ano de 2006, vem possibilitando o aumento do fluxo de pessoas que buscam nos Distritos de Lumiar e Santo Pedro da Serra, usufruírem dos atrativos relativos ao turismo, nos feriados e finais de semana. Essa nova condição da estrada, que liga Nova Friburgo a Macaé e Rio das Ostras, permite que se gaste cerca de uma hora e quarenta minutos, do tempo necessário para que os moradores da Cidade de Nova Friburgo cheguem às praias de Rio de Ostras e adjacências. A melhoria das condições da estrada abre um precedente que envolve esses Distritos, haja visto que essa passa pelo Distrito de Lumiar, facilitando o acesso e a sua aproximação com outros centros, refletindo inclusive em São Pedro da Serra.

Uma empresa de transportes coletivos introduziu uma linha de ônibus, com vários horários, que foi criada para atender a demanda que envolve o Município de Macaé, mas precisamente pelo atrativo das indústrias que abrange a prospecção de petróleo e do crescente aumento do deslocamento de pessoas de Nova Friburgo, que exercem atividades de trabalho naquela cidade. Toda essa questão envolve não somente a facilidade de acesso aos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, mas também, oportunidades para que os seus moradores possam buscar alternativas de trabalhos relacionadas com a atividade petrolífera em Macaé e adjacências, direta e indiretamente.

Segundo entrevistas com moradores de São Pedro da Serra e Lumiar, já se percebe, visivelmente, com facilidade, o crescimento do fluxo de pessoas que visitam os Distritos e essa função é atribuída à melhoria das condições de acesso decorrentes do asfaltamento da estrada Serra-Mar. Pessoas originárias das cidades do litoral, principalmente de Macaé, são percebidas pelo trânsito de veículos daquela origem, demonstrando a chegada de um outro público que promove o incremento de novos negócios e que vem aumentando gradativamente, em face do potencial do poder aquisitivo desses novos visitantes.

3.1 Fronteiras e urbanidades

A não consolidação de processos, a instabilidade social e a projeção das urbanidades são expressões da fronteira nesses Distritos. Tal situação encontra-se presente nas dinâmicas produtivas, na valorização do mercado de terras e na conexão da população rural com a sociedade global. Para tanto, utilizam-se os canais acessíveis e disponíveis que permitem facilidades de comunicação e consumo dos produtos do marketing do capital tecnológico. Nesse contexto, verificam-se possíveis indicativos que de certa forma podem atribuir-se a atual fase das áreas rurais de São Pedro da Serra, Lumiar e Campo do Coelho e que estabelecem semelhanças com as considerações de Reboratti (1990) sobre fronteiras ativas.

Essa nova fase da fronteira traz uma variedade de elementos que carregam consigo um jogo de interesses voltados para a fidelização da população ao consumo de tecnologias e informações criadas e disseminadas pelos grandes centros de poder do capital. Eles são apresentados na forma de produtos/símbolos capaz de modificar comportamentos e introduzir-se na cultura e costumes das mais recônditas sociedades, que ora denomina-se por urbanidades. Verifica-se que o centro de criação e comando/gerenciamento desse jogo de interesses tem origem nos grandes centros urbanos, mesmo que a aplicabilidade venha a ocorrer especificamente em áreas rurais.

Como tal, essas exemplificações podem ser constatadas nas áreas rurais do Distrito de Campo do Coelho, ao verificar-se a dependência e o uso de práticas contínuas de cultivos numa mesma área, sem descanso da terra. Utilizando-se as técnicas e os insumos desenvolvidos por grandes empresas multinacionais, que detêm o controle de variedades das espécies de cultivos a partir do mercado de sementes, fertilizantes, agrotóxicos e de outros insumos necessários para a obtenção da produtividade e que são disseminadas por marketing das indústrias e empresas comerciais.

Assim sendo, nessa etapa da fronteira, o processo de valorização das terras está estreitamente vinculado à continuidade da exploração dos solos

permitida pelo uso dessas tecnologias. Haja visto o sucesso da produção que passa pela utilização dos insumos que, proporcionalmente, carrega para cima a cotação das propriedades existentes nessas áreas rurais. Porém, deve-se lembrar que outros fatores tendem a pesar com o passar dos anos e que estão ligados a problemáticas ambientais, tais como o empobrecimento dos solos, a contaminação e poluição das águas, o uso nocivo dos agrotóxicos, além da tendência para a subdivisão da propriedade familiar.

Nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, as questões ambientais também estão presentes, mas diferenciam-se das áreas rurais de Campo do Coelho, pois a limitação está atrelada à proibição de expansão do uso das terras para cultivos que estão incluídas na Área de Proteção Ambiental, a APA de Macaé de Cima.

A subdivisão da propriedade familiar possui uma importância significativa nesses dois Distritos, pois já é fato comum a venda das terras e a posterior transformação delas em condomínios, sítios de lazer ou pousadas. O uso da terra mostra uma marcante diferenciação entre os Distritos, enquanto que os proprietários de terras das áreas rurais de Campo do Coelho investem na produção agrícola, os de São Pedro da Serra/Lumiar buscam outras atividades alternativas de exploração das terras, não ligadas diretamente à necessidade de produção comercial da agricultura.

Uma característica comum a essas áreas rurais o que sugere ao enquadramento em uma possível fase final da fronteira, refere-se a um movimento de migração de parte da população para os centros urbanos. Esse movimento torna visível uma fase que envolveu a frágil infra-estrutura até então existente, relacionada à dedicação e a sobrevivência da população que basicamente dependia da produção agrícola.

Na atualidade, esse contingente migratório é constituído, principalmente, por jovens que buscam uma complementação da renda familiar com trabalhos realizados nos centros urbanos; em atividades do comércio, em lojas, supermercados, bares e restaurantes; nas indústrias e nas confecções. Em muitos casos, esse movimento não se apresenta solidificado, apresentando-se como um

deslocamento diário ou semanal. Verifica-se ainda, um movimento crescente daqueles que procuram melhores condições de trabalho, a partir da formação em cursos superiores oferecidos nas faculdades existentes em Nova Friburgo, e também para desempenharem funções de serviços técnicos.

Na cidade de Nova Friburgo, são oferecidos diversos cursos técnicos em instituições públicas e privadas. No SENAI, além dos cursos técnicos voltados para o atendimento das necessidades de mão-de-obra das indústrias, são promovidos também cursos gratuitos de aprendizagem industrial para jovens entre 15 e 18 anos. Verifica-se, com alguma freqüência, a presença de jovens nesses cursos, originários das áreas rurais, procurando habilitarem-se em modalidades de trabalhos que não se vinculam a atividade agrícola. Mas que pode ser exercido também nesses Distritos, em face da demanda de mão-de-obra para as confecções de moda íntima e que vêm sendo disseminadas no Município de Nova Friburgo e também por toda a região, inclusive nas áreas rurais.

Esse movimento migratório é variável, podendo apresentar um fluxo mensal e semanal, mas o maior deles é o fluxo diário com saída e retorno para as localidades através do uso dos transportes coletivos. Observa-se que, mesmo aqueles que passam a residir na cidade ou em bairros periféricos, não perdem o vínculo com a sua origem e procuram estar presente nos eventos familiares, comunitários e festivos dos Distritos.

O movimento migratório apresenta-se como um ponto fundamental da presença das urbanidades nessas áreas rurais. Esse fato ocorre tanto com os seus oriundos quanto com os novos moradores, ao carregarem consigo os símbolos adotados no meio que freqüentam. Porém, as urbanidades presentes nos meios de comunicação chegam a todos os cantos e se firmam pela indução ao consumo. Além do mais, recebem em parte a contribuição, até certo ponto, espelhada no comportamento da parcela da população de migrantes.

A integração da fronteira passa pela homogeneização dos costumes, isto é, se consolida ao integrar-se à sociedade central, urbana, centro do poder, do capital e da disseminação de idéias, de onde a indução para o consumismo dos seus produtos parte para todos os cantos em que exista civilização. A tradução das

urbanidades nas áreas rurais nos processo de fronteira se apresenta, então, atrelada ao cotidiano das pessoas que passam a adotar representações daquilo que se atribui ao moderno e dentre elas, uma das mais usuais, pode ser apresentada pelo uso e derivações do telefone celular. Quando a partir de um fato e da disseminação de idéias se passa a adotar as novas tecnologias até mesmo aquelas ligadas a agricultura.

As urbanidades influenciam o comportamento das pessoas nas áreas rurais, na forma de mudanças dos hábitos diários, quando costumes passam a ser adotado, transformando o tempo e o espaço, podendo aproximar ou distanciar as relações familiares, sociais e de trabalho. Estabelecer comunicação, via internet, com um mundo de informações, de criar necessidades de consumo, de acompanhar os costumes das cidades, na música, no vestuário, de alterar os hábitos alimentares, promovendo uma gama de ações e representações simbólicas trazidas dos mais distantes recantos do mundo. Procedimentos esses que invadem as áreas rurais com a intenção de conquistar o máximo do mercado possível, e que poderá envolver as frágeis estruturas econômicas e políticas nelas existentes, e comparativamente numa visão maior, associar tais influências com a problemática do que ocorre com as nações desprovidas do poder de negociação nos mercados econômicos mundiais.

Talvez esse processo justifique as mazelas que foram destinadas às áreas periféricas das cidades dos países não desenvolvidos, que num passado não muito distante expressavam símbolos do rural e na atualidade sofrem as conseqüências da expansão do mundo urbano. Num processo, que no Brasil, mais precisamente no Estado do Rio de Janeiro, pode ser exemplificado pelos Municípios da Baixada Fluminense, como Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé, Itaboraí e São Gonçalo. Completamente descaracterizados daquilo que foram e representaram no passado e que nessas últimas décadas os levaram a um estágio comum de homogeneidade em que as semelhanças se aproximam uma das outras pelos problemas sociais, econômicos e ambientais apresentados nos tempos atuais. Ressalta-se que eles surgiram dos desmazelos relegados ao não planejamento e a péssima infraestrutura básica implantada, ambos de responsabilidades político-administrativas

que proporcionaram um crescimento desordenado e a perda de valores históricos e culturais tanto do caráter dos recursos da natureza quanto aqueles construídos ao longo do tempo e que faziam parte da memória e do referencial da população. Representaram processos de transformação tanto da cidade quanto do campo, mas que trouxeram como consequência negativa à perda gradativa da identidade da população com a essência das áreas rurais existentes. Ainda mais que, os símbolos de identificação associados ao sentido de pertencimento foram sucumbidos pelos novos valores, pelos novos símbolos homogeneizadores, atribuídos ao transbordamento do mundo urbano.

Por outro lado, ocorre também a expansão do mundo urbano que não se processa totalmente em todas as áreas rurais, onde elas preservam valores e símbolos que manifestam as ruralidades então existentes, valorizando-as e as tornando diferenciadas das demais.

A via de mão dupla, muitas vezes leva esses aspectos do campo para a convivência com aqueles das cidades. Dessa forma, se houver meios de fomentar a importância dos atributos que caracterizam as marcas rurais de algumas áreas, acredita-se que elas permanecerão como rurais, mesmo sofrendo transformações vindas do mundo urbano e que poderão expressar através da natureza, de fatos e memórias as suas riquezas, muitas delas pelos valores culturais, pelo folclore, pelos hábitos alimentares e também pela produção. Quando esses atributos expressam as ruralidades, numa manifestação das essências do rural, valorizam-se e são apresentados como objetos que desperta o interesse dos habitantes das cidades. Mas, para que isso aconteça, faz-se necessário o recebimento de apoios e investimentos visando à manutenção e recuperação da história, da cultura, da natureza e da importância como fatores que significam riquezas e possibilitam a perpetuação de conhecimentos e a aquisição de identidades do cidadão.

O estabelecimento das urbanidades nos processos de fronteira existentes nas áreas rurais traz à tona indagações e questionamentos sobre as implicações que possam direcioná-las, ou seja, que as encaminhe para diversas direções e sentidos. Nesse caso, poderão ser condicionadas as relações positivas e negativas sobre o futuro dessas áreas.

A investigação das urbanidades permitirá entender os efeitos que ela proporcionará a essas áreas rurais. Logicamente, esses efeitos serão sentidos de formas diferenciadas. Uma vez que atingido o seu objetivo de chegar e conquistar o espaço, os resultados poderão desencadear situações diversas, às vezes inimagináveis para o momento inicial do seu estabelecimento. Já que, as áreas rurais preexistentes e tradicionais são afetadas pela fronteira capitalista, através das ações e objetos carregados pelo uso do marketing, a fim de introduzir e orientar novos costumes e hábitos, influenciando e produzindo mudanças de tal modo que as façam atender as novas relações produzidas em redes sociais nas mais diversas escalas geográficas.

3.2 Discutindo um perfil para o rural

O que é na atualidade um cidadão rural? É possível traçar um perfil e simplesmente visualiza-lo nos padrões pesquisados nas descrições sobre o “caipira” de Candido (1975)? ou imaginá-lo no padrão de um representante do agronegócio com todos os apetrechos tecnológicos e conhecimentos econômicos do mercado relatado por Silva (2003)?

O estereótipo criado a partir de Candido propiciou o ponto de partida para analisar-se o processo de transformação do cidadão e da sociedade rural nas últimas cinco décadas. Verifica-se que, mesmo sendo constatado que o rural não passa apenas pela atividade agrícola, o envolvimento com esse tipo de atividade das áreas rurais se apresenta marcante e influente dentro do cotidiano dessas sociedades. A pesquisa de Candido no início dos anos de 1950 revelava o início de mudanças nas características até então presentes do modo de vida do caipira, do Município de Bofete, no Estado de São Paulo. A indolência, o mínimo na dieta alimentar, o cultivo itinerante e para a subsistência, típicos de uma época, sofreram alterações a partir da nova ordem industrial que promoveu um fluxo migratório para as proximidades das cidades.

O esvaziamento das áreas rurais deixou, em algumas delas, um aspecto de abandono. Mas, em outras, com a entrada dos programas de extensão rural aliados às novas técnicas de cultivos e usos de insumos agrícolas, derivados da revolução verde, trouxeram uma renovada dinâmica de produção. Promovendo assim, mudanças no comportamento e nas atividades do trabalhador rural, tal como a adoção de outras práticas sobre o uso da terra, proporcionando às vezes transformações e relativas melhorias nos tipos de moradia, no incremento da indústria caseira; no incentivo de adesão ao cooperativismo e criação de associações do trabalhador rural, dentre outras. Redundando em modificações que caracterizam a passagem das formas de cultivo itinerante para outro, mais estático e mercadológico, resultando e promovendo alterações na paisagem.

As práticas de cultivos tornaram-se mais intensivas. A mão-de-obra mais escassa passou a receber a ajuda de maquinários, os meios de comercialização induziram a venda de praticamente toda a produção para o mercado. Os sucessivos governos, através dos agentes monetários, disponibilizaram recursos financeiros e incentivos para a criação de zonas de produção que visavam o incremento de determinados cultivos, principalmente para aqueles de interesse externo. As organizações de pesquisa desenvolveram variedades com relativo índice de produtividade e com alguma resistência a pragas e doenças aliadas à aplicação de agrotóxicos.

As necessidades de intensificação dos trabalhos nas lavouras voltadas para o mercado transformou-se, no decorrer dos anos, num processo divisório entre as práticas do passado, como os cultivos de subsistência e a adoção das novas tecnologias, instalando alterações comportamentais no cotidiano de grande parte da população rural. A continuidade da atividade agrícola, a satisfação das necessidades de consumo e a melhoria das condições de sobrevivência das famílias passaram a depender da realização de práticas de cultivos contínuos, com poucos ou praticamente nulos descanso do solo. Esse ritmo de intensividade empreendido nas lavouras comerciais promoveu um momento de definição para constatar-se a existência do rural agrícola e o não agrícola. Isto é, entre os que prosseguem diretamente nessa atividade, cultivando as terras, como proprietários,

arrendatários ou empregados; de alguns que possuem atividades afins ao rural, mas não de cultivos e que intermedeiam os processos de produção. Além daqueles que desistiram das atividades relativas à agricultura, venderam suas propriedades e passaram a exercer outras funções no comércio, na indústria, na prestação de serviços, como assalariados ou desenvolvendo seus próprios negócios.

Nos Distritos pesquisados, essa transição mostra-se marcante e diferenciadora entre o rural agrícola e o rural não agrícola. Enquanto que nas áreas rurais de Campo do Coelho o agrícola encontra-se bastante presente, nos Distritos de São Pedro da Serra/Lumiar as atividades agrícolas estão em um processo de descontinuidade e o rural não agrícola vem ocupando espaço através do surgimento de pluriatividades, exercidas tanto por antigos moradores quanto por aqueles que chegam investigando e desenvolvendo oportunidades de trabalho, explorando atributos naturais, patrimoniais e culturais que passam a expressar diferenciais encontrados nas áreas rurais. Nas figuras 18 e 19 são apresentadas algumas dessas características que são exploradas nas localidades de Lumiar e São Pedro da Serra.



Figura 18 – Antiga sede de fazenda transformada para o atendimento ao turismo, em Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)



Figura 19 – Aparência bucólica de São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ.
(OLIVEIRA, 2005)

As análises utilizadas para a compreensão de tal fato, em São Pedro da Serra e Lumiar, sugerem para a pesquisa de algumas variáveis significativas para o pequeno assentamento e insucesso das atividades agrícolas comerciais, condicionantes para esses dois Distritos. Sendo assim observadas que: as condições topográficas bastante irregulares limitam o uso de maquinários e promove a pouca diversidade de cultivos; a cultura do inhame, a mais presente, não possui larga aceitação comercial se comparado ao das hortaliças; os solos, em sua maioria são rasos e pedregosos, com propriedades físicas pouco adequadas para os cultivos mecanizados; a restrição e dificuldades para a expansão das lavouras são decorrentes, também, da legislação e fiscalização ambiental direcionada para essas áreas rurais. A exceção se encontra em Vargem Alta que apresenta significativo volume do cultivo de flores, e que é considerado, inclusive, como ponto de referência da floricultura no Estado do Rio de Janeiro.

Ao passo que, nas áreas rurais de Campo do Coelho ocorre uma inversão dessas condicionantes, apresentando algumas restrições, mas que são superadas e incentivadas pelas infra-estruturas existentes, como: a existência do Mercado do Produtor em Conquista; a proximidade de outros centros de produção agrícola do

Município de Teresópolis; a presença da Estação de pesquisa da PESAGRO; um recém inaugurado escritório da EMBRAPA; A Escola de formação rural do IBELGA e a facilidade de escoamento da produção.

Esses diferenciais justificam, em parte, a condução comportamental das populações dessas áreas rurais ao direcionarem os meios de sobrevivência atrelados às condições da natureza. Porém, o fomento dos processos em transformação dessas fronteiras ou o aporte dinamizador do interesse em explorar o espaço desenvolve-se, fundamentalmente, assistido pelo capital. Ele se faz presente nas atividades desenvolvidas nessas áreas, quando, por sua vez, transporta os símbolos que são adquiridos como necessidades produtivas e que fazem parte do cotidiano da população das áreas rurais do Distrito de Campo do Coelho.

Os hábitos de uma forma geral e anteriormente presente nessas áreas, tendem a passar por modificações acompanhando a dinâmica das adaptações para uma outra etapa da fronteira. Os novos hábitos são visualizados mais facilmente na população jovem que procura utilizar e os faz com extrema rapidez, as recentes informações, tecnologias e objetos de consumo, adaptando-os ao meio social e familiar em que convivem. Considera-se a juventude como parâmetro para justificar um processo transformador pelo fato de que os jovens, da atualidade, estarão brevemente substituindo posições de comando das ações que se praticam nesses distritos rurais.

Considera-se que o processo em transformação das fronteiras, no presente, perpassa pela entrada das urbanidades, que pela abrangência e poder de influência promove sujeições e adaptações dos integrantes das sociedades rurais a elas. Mas, quando esses indivíduos conseguem encontrar e desenvolver algumas formas de transformar essas urbanidades e adaptando-as às características inerentes ao contexto rural poderão oferecer e promover o desabrochar de novas identidades desses rurais.

3.3 Ruralidades sob o prisma das urbanidades

As reflexões sobre as diferenças existentes no contexto rural, sobre o que ocorre nas diversas áreas rurais, permite parodiar Milton Santos e afirmar que a “flecha do tempo hegemônico quando encontra o espaço se entorta”. Considerando-se que essa flecha traz em si todo um conteúdo carregado de urbanidades, mas que sofrerá adaptações condicionadas a existência de diferentes receptividades, permite observar-se que a inserção de processos de reprodução do capital, nas áreas rurais, poderá se alterar e sofrer a interferência das condicionantes físicas, sociais e culturais. Em face das diferentes formas de resistências aos conteúdos do capital hegemônico, mesmo com a inserção dessas áreas num processo geral de reprodução social do capital.

O rural apresentado por Candido (1975) já passava por um processo de transformação, em que muitas das dinâmicas sociais e econômicas alteravam o cotidiano dos indivíduos e refletia sobre o espaço. As ruralidades daquele período e naquelas áreas rurais formaram a expressão do “caipira”, que foi construído pela reunião de identidades associadas às formas de uso do espaço e aos processos sociais até então existente. Os processos de transformação ou a construção de novas identidades sociais pesquisados por Candido passaram pelo crivo do poder do capital, evidenciando o esvaziamento populacional dos “bairros” com a chegada das indústrias a São Paulo. A necessidade de mudança nas práticas agrícolas, se apresentava como um meio capaz de induzir a entrada e saída de elementos materiais e imateriais, sob o poder hegemônico do capital, manifestando a construção de outras identidades rurais, ou seja, a ressignificação do rural ou o surgimento de diferentes ruralidades.

Na atualidade, os elementos materiais e imateriais que constroem as novas identidades apresentam-se sob uma variedade de formas e intencionalidades que para Moreira (2004) são exercícios da política e de expressão de poderes assimétricos disputados por diferentes atores sociais e que se expressam nas áreas rurais através das prefeituras, IBAMA, INCRA, proprietários de terras, dos empresários do agronegócio, turismo, agricultores familiares e assentados,

movimentos ambientalistas e reforma agrária, proprietários de chácaras e sítios de lazer, condomínios etc.

Nesse rearranjo do rural, as ruralidades construídas e em transformação exprimem interesses que tem como origem o poder hegemônico do capital. As manifestações de identidades sociais das áreas rurais traduzem o interesse pela apropriação manifesta e imanifesta de bens do capital. A origem dessa racionalidade está centrada no poder do capital que se entrelaça nas formas de vida cotidiana dos indivíduos, grupos, comunidades, cidades e nações. A manifestação das ruralidades nos dias atuais, diferentemente daquele apresentado por Candido ao personalizar o “caipira”, está atrelada aos desejos dos indivíduos pela mercantilização daquilo que é, por eles, produzido. O rural, aquilo que é produzido no campo (FERREIRA, 1989) ou o rústico, ou o agrícola, ou aquilo que é apegado às coisas aldeãs tornaram-se moeda ao seguir a ordem do capital.

A comercialização do rural é apresentada sob diversas representações que se estende desde a produção agrícola, ao uso e a contemplação dos recursos da natureza, as manifestações culturais do folclore, da gastronomia, da música, enfim, de tudo aquilo que desperta o interesse e o desejo de consumo. As formas de produzir e despertar esses interesses e desejos segue a racionalidade desenvolvida nos centros do poder e não se diferencia, no alcance do objetivo, daquilo que se constrói para o mundo urbano. Em muitos casos, não se faz a distinção entre rural e urbano para a concretização desse objetivo. A massificação do produto leva o desejo e facilidades para a aquisição nos diversos recantos do planeta, como é o caso do celular, de alimentos e bebidas, aparelhos eletroeletrônicos, vestuários, etc.

As identidades sociais rurais são construídas nas áreas em que expressam as manifestações identificadas pelos costumes, pela cultura, pela produção. Ou seja, pelos atributos relacionados a sua memória e interação com o meio e atividades desenvolvidas. Porém, para que essas manifestações alcancem status e passe a ser consumidas e desejadas sofrem a interferência da ordem do capital, geralmente, derivada do mundo urbano. Isso quer dizer que, são articuladas pelo processo de criação e disseminação atribuídas às urbanidades. Mas que, ao chegar

às áreas rurais, sofrem as adaptações do meio e das identificações sociais necessárias à aceitação, e portanto, transmutam-se e passam a manifestar as novas formas de ruralidades.

As novas ruralidades não se apresentam tão somente nas áreas rurais. Como em uma via de mão-dupla, elas são consumidas e manifestadas largamente também nos ambientes urbanos das cidades. São percebidas nas reuniões de famílias, de grupos originários das áreas rurais, na música sertaneja, na literatura, na gastronomia, nos festejos, no consumo de produtos da agricultura alternativa, na implementação da agricultura urbana, pela comercialização de produtos da agroindústria caseira, nos pacotes turísticos dos ambientes rurais e pela exaltação as formas de exploração dos recursos naturais.

Nos Distritos de São Pedro da Serra e Lumiar as novas ruralidades apresentam-se identificadas materialmente às urbanidades. O público transitório, dos feriados, dos finais de semana e períodos de férias, e que busca essas áreas, na grande maioria, é de origem das cidades. Essas pessoas estão acostumadas ao cotidiano urbano e mesmo buscando a tranquilidade, o tempo mais lento, a afetividade e a proximidade da natureza (BAGLI, 2006) existente no campo, não se afastam totalmente dos prazeres urbanos. As relações desse público com o rural têm o caráter do contato e não do trabalho, querem o descanso, o ócio, o lazer, querem o afastamento das rotinas dos trabalhos. Por outro lado, para o atendimento desse público, necessita-se da criação de infra-estruturas adaptadas às condições e exigências das pessoas que, invariavelmente, buscam usufruir desses atributos. Diferentemente do processo de ressignificação do rural ocorrido nos países europeus, que foram pensados e estruturados por política e ações administrativas, no Brasil as novas ruralidades, normalmente, não são subsidiadas pelas esferas governamentais. Elas acontecem por iniciativas dos movimentos associativos de moradores, ambientalistas, ONGs, produtores rurais e ações privadas do comércio e prestação de serviços. Algumas ações dos governos, como melhorias de estradas, programas de apoio à produção e comercialização, geralmente fazem parte de algum programa direcionado para a região, como de um todo. Pouco se conduz para o apoio às diferentes especificidades

desempenhadas pelas iniciativas das áreas rurais. Normalmente, essas ações são genéricas, sazonais e de baixos resultados quando direcionadas à iniciativa dos pequenos e médios produtores e empreendedores. Os atendimentos governamentais decorrem, geralmente, para o fomento de iniciativas de grande porte, que privilegiam a visão macroeconômica dos interesses, para atividades respaldadas por questões políticas e de domínio do capital. No campo, exemplificado pela atividade agrícola, verifica-se o incentivo para a expansão do plantio e exportação da soja e para o aumento das áreas de cultivos da cana-de-açúcar para produção de etanol.

As novas ruralidades de São Pedro da Serra e Lumiar, carregadas de urbanidades, vêm sendo estruturadas pela conjunção de iniciativas dos novos ruralinos com os habitantes originários. Ressalta-se que os antigos moradores desses Distritos descendem de gerações que chegaram ao Município de Nova Friburgo a pouco mais de 180 anos, e que as adaptações às condições existentes naquela época ocorreram dentro de um processo de transformação do conhecimento e das técnicas produtivas. Verifica-se que pouco se fez para a preservação da continuidade das tradições, vindas das nações de origem. Pouco se percebe da memória, tanto dos aspectos imateriais quanto daqueles materiais trazidos pelos colonizadores de Nova Friburgo. A não ser pelos traços europeus já bastante misturados e pelos sobrenomes. Portanto, observa-se que as novas ruralidades que se apresentam nesses Distritos não estão ligadas ao consumo da memória, das tradições dos antigos colonizadores, mas sim a outros aspectos do rural associados ao lazer e ao turismo, pela convivência com florestas, cachoeiras, caminhadas, pelo ritmo lento do cotidiano das pessoas.

A infraestrutura que se desenvolveu, nas áreas rurais, está relacionada ao atendimento do contingente de pessoas que buscam esses atributos. Nesse aspecto, verifica-se que diversas iniciativas que promoveram as transformações, como o surgimento de pousadas, sítios de lazer, bares, restaurantes, lojas de artesanatos etc, envolvem tanto moradores desses Distritos quanto aqueles outros que vieram de outras cidades, em busca de diferentes formas de viver e trabalhar. Na complementação desses atrativos, surgem atividades desenvolvidas com o

intuito de incrementar a procura desses Distritos e que visam, principalmente, o público jovem. Esses são atraídos pelos festejos, como a comemoração do dia de São Pedro, pelos bares em Lumiar e São Pedro da Serra, pelas apresentações de grupos musicais, como o “Nó Cego” e pelo forró de Lumiar. Além da extensão de eventos para esses Distritos, como algumas apresentações do Festival de Inverno da Região Serrana. Outras atividades instalaram-se nesses dois Distritos e são responsáveis pela chegada de novos moradores e visitantes. Dentre elas pode-se destacar as reuniões do grupo do Santo Daime e o grupo das mulheres de Galdinópolis que cultivam ervas medicinais e comercializam seus produtos fabricados artesanalmente. Algumas comunidades encontraram, nessas áreas, condições favoráveis para se estabelecer e desenvolverem atividades afins, tal como grupos que cultuam conhecimentos de segmentos sobre ocultismo, outros relacionados a grupos GLS, a questões ambientais e também de alguns que buscam isolamento em condomínios.

Entre os anos de 1970 e 1980, nos Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra iniciou-se um processo de migração de um contingente de pessoas, principalmente jovens, atraídos pela exuberância da natureza e tocados pelos ventos da onda ecológica surgida nos países europeus impulsionado pelos debates do movimento ambientalista no Encontro de Estocolmo, na Suécia, em 1972, promovido pela ONU. A busca de alternativas de estilos de vida já vinha ocorrendo com o movimento hippie, que pregava uma filosofia contestadora da sociedade de consumo atrelado ao poder do capital, aderiu à vida em comunidades e em liberdade de comportamentos, sem regras e leis pré-estabelecidas. A criação dessas comunidades exigia um maior contato com a natureza, ou seja áreas onde as pessoas poderiam desfrutar dos recursos da natureza na sua essência mais pura, com matas, rios, cachoeiras, clima agradável e terra para cultivar plantas sem o uso de agrotóxicos. No Estado do Rio de Janeiro, naquela época, as áreas mais procuradas foram Visconde de Mauá, na Serra da Mantiqueira, pertencente ao Município de Rezende e localizada na divisa entre o Estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. As outras foram Lumiar e São Pedro da Serra, em Nova Friburgo.



Figura 20 – Retratando a atração de Lumiar pela juventude, nos anos de 1980. Nova Friburgo, (OLIVEIRA. 1981).

Como mostram as figuras 20 e 21, no início dos anos de 1980, presenciava-se em Lumiar e São Pedro da Serra, nos feriados e finais de semana, a visita de grande quantidade de jovens das cidades que se deliciavam e curtiam os prazeres do contato com a natureza e com o ritmo de vida dessas áreas rurais. Acampavam em barracas de camping, nos terrenos vazios ou no quintal de sítios, chácaras e às vezes nas casas dos moradores, que passaram a conviver e iniciar um processo de transformação social e econômica, pois essa novidade trazia informações e complementação da renda familiar, estimulando a abertura de negócios, mesmo com a precariedade das infra-estruturas, até então existentes.

A proximidade entre os habitantes de Lumiar e São Pedro da Serra e o contingente dos recém-chegados estimulou, a princípio, oportunidades de ganhos e a complementação da renda das famílias. Isso, porque eles atendiam as necessidades de estadia desse novo público, na maioria estudantes universitários. Passaram a comercializar o fornecimento de refeições, de produtos artesanais e caseiros, abrigo nas propriedades e nas próprias casas. A convivência pacífica passou a despertar interesses e afinidades, quando, então o convívio de feriado ou

final de semana produziu negociações de propriedades (casas, sítios, chácaras), amizades que se prolongaram e até mesmo união matrimonial.

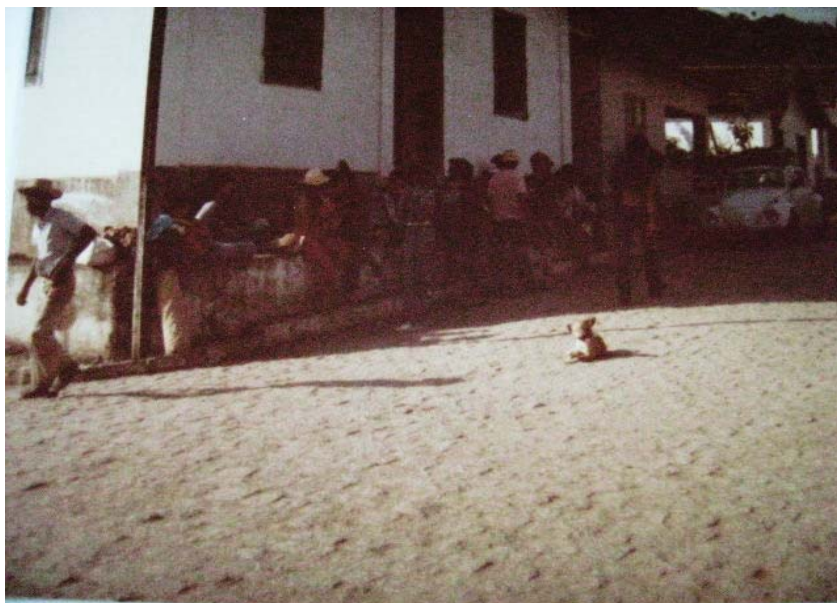


Figura 21 – Localidade de Lumiar no ano de 1981. (OLIVEIRA, 1981)

Com o tempo, as mudanças se faziam sentir, tanto pela realização das novas atividades de trabalho quanto pela chegada desse público, que passou a frequentar esses Distritos constantemente. Algumas casas transformaram-se em pousadas, pensões, lojas de produtos artesanais e bares. Propriedades foram desmembradas e se transformaram em condomínios, hotéis, pousadas e sítios de lazer.

Passou-se o tempo, e nesses últimos 20 anos o público foi se modificando, não é mais o mesmo do início da redescoberta de Lumiar e São Pedro da Serra. A ideologia libertária e contrária à sociedade de consumo, da juventude de anos atrás que interagia com os moradores perdeu terreno para o capital explorador. As formas de especulação passaram a determinar valores correntes de comercialização de bens e serviços vinculados ao uso dos atributos da natureza. Porém, ainda persiste simbolicamente forte os atrativos desses Distritos. Tanto São Pedro da Serra quanto Lumiar permanecem, na atualidade, despertando o interesse de pessoas que procuram um estilo de vida de tranqüilidade, de ritmo lento, de afetividade e de proximidade da natureza.

Essa busca revela um processo de mudanças no referencial pela idealização do melhor *locus* para se viver. O crescimento desordenado das cidades, o aumento dos índices de poluição, violência e desemprego são fatores que influem para se repensar sobre a melhor opção de morar e trabalhar nas grandes cidades. Uma situação que se apresenta oposta ao período do início do processo de industrialização quando chegou e se instalou no Brasil. Visto que os atrativos surgidos nas grandes cidades do país, propagandeando melhores condições de vida e trabalho, atingiram as áreas rurais promovendo a busca desse “eldorado” e o esvaziamento significativo do campo.

Nas duas últimas décadas, São Pedro da Serra e Lumiar vêm apresentando transformações nas paisagens, mudanças apresentadas nas figuras 22 e 23, que interferem na forma e nos símbolos que esses Distritos detinham no passado, em um período que evidenciava as características mais marcantes atribuídas ao rural, e que atraiu um contingente de pessoas que buscavam alternativas de viver e usufruir dos recursos da natureza, de uma liberdade mais presente e mais acessível do que aquelas existentes nas áreas urbanas das grandes cidades.



Figura 22 – Construções com lojas para o atendimento ao turismo, em São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)



Figura 23 – Preservação do coreto na reforma da praça de Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)

Tais transformações são sentidas à medida que se percebe, comparativamente, com alguns anos atrás, alterações no cotidiano dos habitantes antigos e recentes dessas localidades. Assim, destaca-se que o acesso desses Distritos ao Centro de Nova Friburgo e também para outros Municípios, inclusive para a Cidade do Rio de Janeiro, ficou mais fácil, conforme sinalizações mostrada pela figura 24, permitindo uma maior interação entre pessoas, comércios e outras atividades, de interesse tanto dos moradores quanto dos visitantes.

Devido a essa interatividade, surgiram construções de pequenos shoppings, de casas, de pousadas e de hotéis com padrões mais aprimorados e que marcam diferenças sobre o que existia, até então, e representava a condição de rural presente nas décadas de 1970 e 1980. As construções e os serviços, na atualidade, apresentam-se com mais requintes, conforme observado na figura 25, são voltados para outras categorias sociais, não mais para atender o público de estudantes que lotavam essas localidades no passado, que se contentavam com a simplicidade e a originalidade dos abrigos improvisados. Naquela época, o rústico expressava características buscadas pelo público jovem que se deslocava para as áreas rurais.



Figura 24 – Sinalizações para o atendimento ao turismo em Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)



Figura 25 – Serviços requintados para atendimento ao turismo, São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2005)

A melhoria das estradas e do transporte coletivo vem possibilitando o acesso dos jovens a cursos técnicos e ingresso em faculdades. Situação recente

que permite a busca de conhecimentos e tecnologias, que antes se apresentava pouco presente para a grande maioria dos moradores desses Distritos. A facilidade do uso dos meios de transportes terminou com o isolamento, que persistiu por muitos anos, e também vem permitindo o incremento do comércio e a chegada de informações sobre as novidades do mundo atual. No entanto, mesmo com a introdução dessas novas relações, percebe-se que esses Distritos ainda preservam características que revelam os seus aspectos de rurais.

São Pedro da Serra e Lumiar carregam nos aspectos invisíveis do tempo mais lento, no diferencial de funcionamento das atividades, nas relações do homem com a terra e na proximidade da natureza, características fundamentais que expressam a ruralidade presente, mesmo com a invasão das urbanidades que chegam atreladas aos diversos símbolos do mundo do capital. Atreladas a essas características imateriais, juntam-se outras que ao serem reprocessadas, passam também a expressar as novas ruralidades presentes. Delas se destacam os trabalhos artesanais, a manipulação e o comércio das ervas medicinais, os cultivos de alimentos sem agrotóxicos, a preservação dos festejos, os roteiros ecológicos de lazer e dos hotéis-fazenda etc.

Nesse contexto, de um mundo globalizado, em que se estabelecem necessidades e costumes, as ruralidades se apresentam como opção para o modo de vida tanto dos habitantes do campo quanto para os das cidades e indica possibilidades para a atuação econômica, social e ambiental em diversas atividades. Diversas pesquisas sustentam a importância da variável ambiental como um viés que permite expressar as novas ruralidades, reafirmado por diversos autores ao referirem sobre exemplos transcorridos na Europa e na América do Norte. Revelando que as relações com a natureza impulsionam e valorizam as ruralidades. Porém, para que essas relações se dêem, faz-se necessário uma conjugação com os outros seguimentos, político, social e econômico que, quando inseridos no contexto das áreas rurais e respectivamente aos moradores, possibilitam as diversas manifestações de novas ruralidades.

Uma breve análise comparativa sobre as transformações do rural que se processam na Europa e nessas áreas rurais do Brasil permite apontar diferenças

fundamentais nas lógicas que as estruturam. Primeiramente, verifica-se que a União Européia desenvolveu e conduziu o PAC - Política Agrícola Comum, um programa de apoio às zonas rurais de favorecimento as políticas produtivas. Independentemente das críticas ao seguimento do modelo produtivista norte-americano, essa iniciativa encontrou na estrutura camponesa de base familiar que gera a produção rural, atributos que expressam as ruralidades (SARACENO, 1996), e dentre eles estão questões relacionadas à temporalidade, a tradição e a produção. Na Europa, são pequenos vilarejos centenários (alguns deles chegam a ter mais de mil anos e trazem memórias, tradições e culturas) que ao se associarem às atividades produtivas se diversificam e se valorizam. A atividade agrícola camponesa se desenvolve como um complemento das demais atividades, assim sendo, observa-se que o maior percentual da renda dos habitantes desses vilarejos provém de trabalhos vinculados a outros tipos de atividades (MARQUES, 2007). Dentre elas, destacam-se aquelas que têm no turismo o ponto principal de atração de consumidores, que juntamente com o clima, os recursos da natureza, a conservação de patrimônios históricos, expressam tradições na fabricação de vinhos, queijos, azeites, artesanatos, nas festas típicas e na produção de pequenas e médias indústrias têxteis e de artigos de couros.

No Distrito de Campo do Coelho, algumas ações de ONGs e organizações públicas e privadas vêm sendo desenvolvidas com intuito de valorizar iniciativas de pessoas daquelas áreas rurais. Dentre elas podem ser citadas a Cooperativa da Mulher Rural de Nova Friburgo, que originou o Centro de Cidadania e Integração da Mulher Rural de Nova Friburgo em 2004, criando um espaço para a promoção da inclusão social e do empreendedorismo da mulher rural para gerar renda e emprego, assim promovendo a autonomia e a auto-estima da mulher rural. A Queijaria Escola também localizada no Distrito de Campo do Coelho, em Conquista, é um centro de referência ligado ao turismo, prima pelo exercício de atividades e produção diferenciada, desde a fabricação de derivados de leite de cabra até a chocolataria e a comercialização desses produtos, além do que promove cursos e treinamentos sobre essas temáticas.

Nas suas dependências, encontra-se o museu do suíço, considerado a referência principal sobre a memória da colonização suíça no Brasil. Porém, verifica-se o pequeno vínculo existente entre esse empreendimento e os habitantes das áreas de entorno, que o consideram sofisticado demais e sem ligação com a principal atividade existente nessas áreas rurais, que é a agricultura. Da mesma forma, o circuito Tere-Fri de incentivo ao turismo também se apresenta estranho aos moradores, pois não consegue integrá-los ao sistema de atividades inerentes ao processo de atendimento ao turismo local, apesar de apresentar-se como um promissor potencial de empregabilidade e melhoria da renda familiar.

Os movimentos associativistas das áreas rurais de Campo do Coelho apresentam-se relativamente atuantes, principalmente quando as questões envolvem a atividade da produção agrícola. Decorrente da atuação das associações dos produtores rurais se deve a existência de organizações governamentais, privadas e do terceiro setor atuando com os moradores desse Distrito. Da mesma forma, observa-se que esse fato revela uma característica peculiar de relevância das lideranças locais, uma vez que ela pode ser demonstrada pela representatividade política que as áreas rurais possuem. Nos últimos anos, os moradores dessas áreas vêm sempre conseguindo eleger vereadores para câmara municipal e, no pleito eleitoral de 2006, conseguiram eleger o seu representante para deputado estadual que antes ocupava a vereança municipal.

As ações de incentivo e de apoio de infra-estruturas para a permanência da atividade agrícola nessas áreas refletem o interesse das lideranças e faz com que o agrícola se manifeste como o principal meio de sustentação da renda do trabalho produtivo dos habitantes do Distrito de Campo do Coelho. Porém, a visão futura sobre a sustentabilidade dessa atividade mostra limitações, pelas práticas produtivas utilizadas, enfatizadas anteriormente pelo uso indiscriminado dos insumos modernos, pela exaustão dos recursos naturais e pela subdivisão das propriedades familiares em pequenas parcelas de áreas para produção.

As ruralidades desse Distrito vêm sendo manifestadas pela predominância da atividade agrícola e das variáveis relacionadas a ela. As pluriatividades do

rural se apresentam pouco significativas quando envolvem os habitantes das áreas rurais de Campo do Coelho. A diversificação de atividades de cunho rural não agrícola apresenta-se basicamente no eixo da estrada Friburgo-Teresópolis e pela iniciativa de organizações que pouco se envolvem com os moradores das áreas rurais. Porém, verifica-se em algumas poucas propriedades rurais a diversificação da produção agrícola, para a busca de alternativas sobre aquilo que a maioria dos produtores cultiva. Pois além de diversificar a produção poderá agregar valor a esses produtos.

Dessa forma, verificam-se iniciativas de produção e experimentos com o uso das técnicas de hidroponia em estufas com morango, alface (figura 26), agrião, pepino, cultivos irrigados com variedades de tomate, a diversificação com a fruticultura, a comercialização de produtos desidratados como o caqui e o morango, o cultivo do Shitaki, a produção e comercialização de polpas de morango e do açaí retirado da planta do palmito, da piscicultura (figura, 27), da noz macadâmia, etc. Essas atividades apresentam-se como possíveis alternativas produtivas que possibilitam oportunidades futuras para a sustentabilidades das sociedades rurais.



Figura 26 – Alternativas do rural: cultivos hidropônicos, Florlândia da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

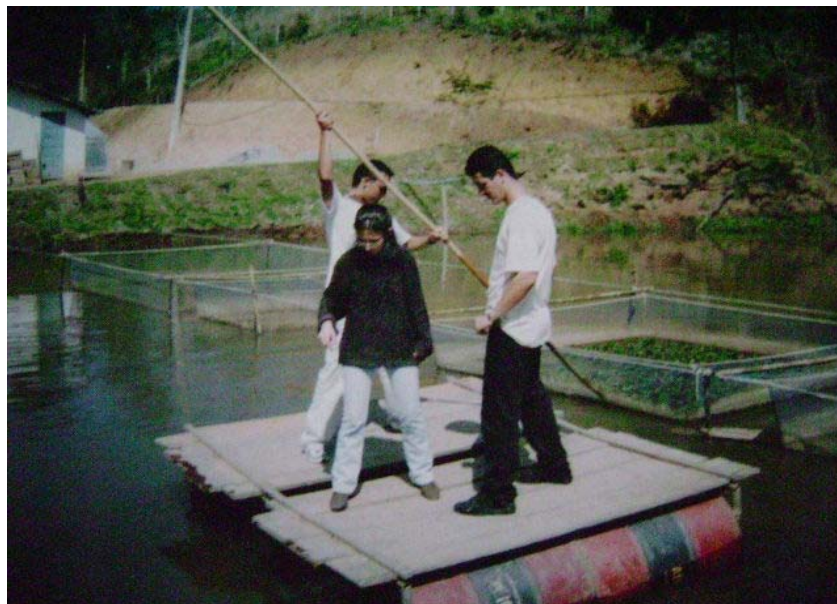


Figura 27 – Alternativas do rural: piscicultura em Florlândia da Serra, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2002)

A diversificação das atividades rurais, mesmo aquelas vinculadas ao agrícola, necessita de aperfeiçoamento, de tecnologias e recursos financeiros para que possam sobressair-se e conquistar mercado, atrair o público consumidor e sustentar-se. Assim como o ser humano possui a capacidade de criar e desenvolver suas idéias, as sociedades as quais eles pertencem e nesse caso, as rurais, reúnem massas pensantes que juntamente com os atributos por elas construídos ou preservados formam as características que vão expressar as nuances, ou a essência do rural.

A essência dessas áreas rurais pode manifestar características próprias se respeitado aquilo que ela traz de significativo e de identificação para com os seus habitantes. Cada uma delas possui identidades que as tornam diferenciadas das demais, mesmos aparentando certas semelhanças pela proximidade e pela formação histórica e geográfica. Uma vez respeitadas essas diferenças e incentivadas pelo uso dos meios apropriados, elas poderão desenvolver e valorizar as suas ruralidades sem perder as características de rurais, mesmo absorvendo tecnologias e os aparatos contribuídos pelas urbanidades.

Assim como, observa-se que, quando alguns aspectos das ruralidades passam a ser internalizado pelas cidades não as descaracterizam, da mesma forma essa possibilidade poderá ocorrer pelo inverso. Quando então, as urbanidades chegam ao campo, poderão contribuir para que haja a conjugação com os conhecimentos e técnicas existentes nas áreas rurais, possibilitando, assim, a manifestação das diversidades relativas a elas. Oferecendo o aprimoramento e a descoberta de atrativos e novos contornos dos atributos rurais, despertando interesses e promovendo a entrada de novas informações e valores.

Sobretudo, quando as urbanidades são tratadas de modo a ajudar e a aperfeiçoar técnicas que se adaptam as condições locais e promove o desenvolvimento de atividades necessárias a melhoria das condições de vida dos moradores das áreas rurais. Contrariamente ao que usualmente se observa, quando as urbanidades, sob a forma de objetos e ações, são utilizadas como instrumentos que fazem com que as condições dessas áreas se adaptem as técnicas de outras origens, numa tentativa de homogeneização dos costumes, das idéias e das manifestações das sociedades de uma forma geral.

As urbanidades quando chegadas às áreas rurais possuem a capacidade de despertar desejos de mudanças, enfatizam para o consumo, estimula a necessidade de posse, promove a aquisição de tecnologias e de conhecimentos. Oferece premissas que induzem para a entrada em um novo mundo que aparentemente se propõe a representar a vanguarda. Mas, além da alienação e dos formatos que conduzem para o estabelecimento de uma uniformidade de comportamentos, as urbanidades também despertam para possibilidades de aperfeiçoamento das manifestações do rural, ou seja, do aprimoramento de algumas formas que ajudarão a expressar as novas ruralidades.

As mudanças nas áreas rurais, sob o prisma das urbanidades, introduzem ao debate questões relacionadas ao tempo, a ocupação e a reconfiguração de espaços. A colonização de Nova Friburgo, no século XIX, inicia o fato histórico sobre a entronização no Brasil de um processo diferenciado de abertura de fronteira. Tal fato implica no surgimento de povoados e vilas que aos poucos foram se transformando em cidades. No passado, áreas inicialmente rurais,

passaram por processos de urbanização com a introdução de infraestruturas de apoio às necessidades básicas para a chegada do crescimento e o desenvolvimento de núcleos urbanos e ainda, em grande parte delas visando o estabelecimento de indústrias e setores de complementação no comércio e prestação de serviços.

Com o passar dos anos e o desenvolvimento tecnológico, principalmente o da informação, percebe-se que os espaços e o tempo se encurtaram, aproximando cidades, indivíduos e as áreas mais distantes rurais ou não, permitindo o acesso através das diversas formas de rede a aquisição de conhecimentos, do uso e adaptação das novidades introduzidas no cotidiano das pessoas e no mercado de consumo do capitalismo. A essas novas ferramentas que se apresentam sob diversas formas e símbolos, diferenciam-se dos processos de urbanização de outrora, pois se apresentam através de signos imaterializados, muitas vezes imperceptíveis pelos indivíduos, mas capaz de influir comportamentos sociais, transformar culturas e se concretizarem pela homogeneização dos costumes e da paisagem. Porém, os resultados podem apresentar diferenças e divergências, dependendo da escala social que atinge. Podendo criar, a princípio, um sentido de ordem, principalmente em sistemas mais consolidados e afeito às inovações, mas é capaz também de originar enormes discrepâncias naquelas sociedades que apresentam profundas desigualdades sociais.

A chegada das urbanidades nas áreas rurais não coincide com o processo de urbanização como ocorria no passado. Na atualidade, os meios de comunicação adiantam o processo e fazem com que os indivíduos obtenham conhecimento, por vezes distorcidos, das tecnologias e informações e adaptam a sua realidade, mas sem deixar de consumir os produtos induzidos pelo mercado. Os processos de urbanização vêm a reboque das urbanidades.

Algumas áreas rurais conseguem aproveitar a chegada das urbanidades e em um processo transformador conseguir utilizá-lo para expressar as novas ruralidades. Dentro desse processo, destaca-se iniciativas em São Pedro da Serra e Lumiar e em menor escala nas áreas rurais do Distrito de Campo do Coelho que ainda representam a continuidade da reprodução agrícola comercial, mas também carregada de urbanidades.

Capítulo 4

UM RURAL IMAGINÁRIO: PARA NÃO CONCLUIR

Ao iniciar a construção de um rural imaginário, primeiramente, deve ser ressaltado que o imaginário pode nos levar aos mais diversos caminhos e a proposta é que partir da racionalização deles, possibilite encontros que se relacionem com o mundo real ou que venham a descobrir possibilidades de transformações que leve a melhoria das condições de vida nas áreas rurais.

Geralmente, as concepções mentais dos indivíduos, tal como o significado de rural, reserva mentalmente os momentos construídos por imagens criadas e retidas na memória, mas que podem sofrer transformações, superporem-se e alterarem-se, segundo Trindade (1997), e portanto passar por interpretações que diferem da realidade.

Para uma pessoa de origem rural e que permanece constantemente nesse ambiente, de uma forma geral, externará os seus signos reais, concretos e conhecidos a partir da existência de um universo rural simbólico, capaz de envolver os sentimentos, o comportamento social e as atitudes do cotidiano que também se relacionam com o sistema produtivo ou as relações de trabalho. Por outro lado, ao transpor-se pelo imaginário, esse homem rural poderá criar e mobilizar imagens que permitirão a idealização do modo de vida em um outro meio, como o de uma cidade, que talvez pouco freqüente ou que até mesmo nunca esteve, mas que já ouviu falar.

No contexto dessa discussão, as transformações que ocorrem nas áreas rurais, a partir das urbanidades, de elementos não concretos e muitas vezes longe

do imaginário de certos indivíduos resultem na incapacidade de produzir algum tipo de reação materializada, ainda mais que lhes falte à presença de alguns signos em sua realidade e pela falha de percepção simbólica daquilo que está sendo representado. O indivíduo sabe que existe, mas não compreende essa existência. Muito menos sobre as funções que determinam e criam necessidades para o uso e o funcionamento. Simplesmente aplica, consome, utiliza. A rapidez das transformações quando aliada a dificuldade do homem simples das áreas rurais, para compreender a relação imaginário-real do mundo, na atualidade, pode resultar, como uma regra geral, parte das desigualdades proporcionadas pela imposição de sistemas de origem capitalista. Quando ocorre o choque na construção do real, que entra em descompasso com o imaginário, pela não compreensão daquilo que está representado, ou pela desvirtualização daquilo que se apresentava como verdadeiro, ou que não oferece acessibilidade e proporciona desenvolver algo fantasioso e que foge a realidade do mundo concreto que ora se apresentava.

Tal confronto pode ser apresentado pela imposição de necessidades, como a de um indivíduo oriundo de uma área rural que se depara frente a um caixa eletrônico de um Banco e não sabe como proceder, pois a máquina não lhe responde como um atendente, uma pessoa real a que estava acostumado a lhe prestar serviços e informações. Tal situação também acontece com pessoas que vivem nas cidades, mas revela um profundo abismo sobre os efeitos das inovações tecnológicas e informacionais que se apresentam para os indivíduos que residem e sobrevivem nas áreas rurais.

Portanto, a adaptação de pessoas a uma racionalidade diferente daquela presente em seu meio, exige uma busca de conhecimentos e uma velocidade de reação que se apresenta muito longe do cotidiano da maioria dos habitantes rurais. Isso mostra também a existência de grandes disparidades dentro da racionalidade criadora desses sistemas, que não se importa onde chegar, como chegar e a quem atingir. Verifica-se, portanto, as desigualdades em uma escala global, quando essa questão passa a ser comparada entre o que ocorre nas áreas rurais das nações desenvolvidas com o vivenciado nas nações pobres ou em “desenvolvimento”,

como se atribui ao Brasil. Mesmo assim, no Brasil, as disparidades nas escalas sócio-econômicas são muito acentuadas, beneficiando poucos, com distribuição de riquezas sem uniformidade que permita alcançar a maioria dos elementos que habitam e trabalham nessas áreas.

A realidade revela áreas rurais carentes de suporte para as atividades de trabalho e para o apoio as formas de produção que fogem a escala de produção agrícola para exportação e produção de energia, com ações sócio-econômicas necessárias e de interesse local. Revela ainda, a importância de como a implementação de alguns procedimentos políticos e administrativos proporcionariam a satisfação e o interesse dos indivíduos em seu ambiente social e de produção da renda.

A internalização do conhecimento e a decodificação das urbanidades poderão oferecer condições para que se possa desempenhar um senso crítico e criar meios para avaliar as inovações tecnológicas e informacionais que são dirigidas para a realidade rural, desenvolvendo a capacidade para a compreensão das informações e das condições de uso real dos meios de produção, já que os indivíduos que vivem nas áreas rurais serão os usuários e protagonistas daquilo que se apresenta como novos objetos e ações, e que promoverão a produção de bens para o consumo próprio e de outras pessoas. Ainda que, ordene e incentive o uso adequado dos recursos da natureza, uma vez que esses recursos serão à base de sustentação dos meios de produção.

Imaginar um novo rural, passa pelo rompimento de regras, normas e tecnologias ditadas pela racionalidade imposta pelo mundo do capital. Racionalidade que busca homogeneizar as formas de produção, dominar os meios de comercialização e induzir ao uso das tecnologias e informações. Esses atributos são apresentados sob o símbolo da modernidade, mas invariavelmente são derivantes das formas criadas e desenvolvidas para o atendimento ao sistema de acumulação da riqueza e do capital monopolizador do consumo e da produção.

O novo rural brasileiro, apresentado politicamente como inovador de tecnologia e de alto índice produtivo utiliza a racionalidade norte americana que é aplicada nas grandes propriedades. No Brasil, a produção agropecuária é

basicamente voltada para o mercado externo e conduzida por conglomerados internacionais, que utilizam a mão-de-obra barata e com restrita expectativa de ascensão profissional. Contrariamente a esse novo rural, as novas ruralidades possuem a capacidade de expressar a transformação do rural esquecido, explorado no passado e esvaziado de recursos para o ressurgimento de práticas do passado, refeitas pelo aprimoramento de técnicas e ajustamento as exigências atuais do mercado consumidor. As novas ruralidades recuperam imagens do passado reconduzindo e adaptando as necessidades do presente daquilo que ainda se encontra retido na memória ou recuperando e refazendo a própria memória, que expressavam os costumes e as culturas que se desfiguraram ou que quase se perderam em face da chegada e do domínio das homogeneizantes racionalidades.

Expressar as novas ruralidades não quer dizer simplesmente retroagir ao passado, voltar ao tempo, mas recuperar, readaptar e atualizar as expressões que caracterizam as áreas rurais, seus valores; promover a sustentabilidade das ações produtivas, culturais e sociais; a preservação de riquezas construídas e naturais, materiais e imateriais, como a história, a essência do rural, a fantasiosidade, o folclore, a gastronomia, a sociabilidade; a adaptação dos meios de produção sem descaracterizar aquilo que se produz; buscar a viabilização do sistema produtivo preservando e melhorando a qualidade do produto; diversificar a base de sustentação para se tornar menos dependente das variações do mercado, criar atrativos, atualizando informações e aprimorando conhecimentos e técnicas, e usando ferramentas do marketing e da administração de negócios, além do investimento na infraestrutura de base produtiva e social.

Uma forma de expressão das novas ruralidades é apresentada na figura 28, não tanto pela atividade em si, mas pela atuação e o envolvimento das pessoas que as desenvolvem. Nessa figura são mostrados alguns produtos da agricultura orgânica de uma propriedade do Circuito Ponte Branca, que está localizada na área rural de Nova Friburgo. Essa é uma iniciativa de pessoas que vieram da Cidade do Rio de Janeiro em busca de alternativa de vida, mas que encontrou uma forma de ocupação e de boas perspectivas de negócios, pois os produtos já são

conhecidos e distribuídos em Nova Friburgo, na Cidade do Rio de Janeiro e tornou-se também um ponto de atração turística.



Figura 28 – Produção da agricultura orgânica do Sítio Cultivar, em Nova Friburgo, RJ. 2007

Outras atividades que expressam novas ruralidades vêm sendo desenvolvidas nessas localidades rurais, aproveitando conhecimentos e recursos que a própria natureza oferece. Entre elas, pode-se destacar a oficina das ervas estabelecida na localidade de Galdinópolis, que mesmo com a precariedade da infra-estrutura consegue reunir pessoas da comunidade e trabalhar na colheita, preparo, embalagem e comercialização dos produtos, exemplificado na figura 29. A oficina das ervas vem aprimorando esses produtos, melhorando a qualidade e incrementando a embalagem como um diferencial de mercado, participando de feiras e exposições, permitindo que as pessoas envolvidas no trabalho possam criar expectativas para uma melhoria dos seus ganhos e condições de permanecer na localidade. Verificou-se que, essa realidade está acontecendo em face do envolvimento das pessoas da oficina das ervas com uma instituição que desenvolve programas com o objetivo de promover o aprimoramento de pequenos e micro-empresendimentos, através da orientação e do apoio a esse tipo de iniciativa.



Figura 29 – Novas ruralidades, produto da Oficina das Ervas, Galdinópolis, Distrito de Lumiar, Nova Friburgo, RJ. (OLIVEIRA, 2007)

Um rural, a princípio, imaginário e que dissemine a melhoria da qualidade de vida das pessoas rurais não se apresenta tão utópico, mostra-se viável e possível desde que ocorram formas de apoios, de incentivos e de iniciativas. O interesse público e privado far-se-á de vital importância para a permanência do rural, desde que aglutine esforços para a não descaracterização da essência do rural, que ajude no aprimoramento dos conhecimentos contidos pelas pessoas e pela sociedade.

As urbanidades sempre chegarão as mais recônditas áreas rurais, mas, isso não quer dizer que, ao chegar, transforme-as de tal modo a ponto de torná-las urbanas, semi-urbanas, descaracterizadas ou atrasadas e completamente fora do contexto do que se chama de desenvolvimento. As urbanidades, como a flecha do tempo, do conhecimento, da tecnologia e das novidades, poderão subsidiar o aperfeiçoamento daquilo que existe e assim contribuir para a permanência do sentido do rural.

Ao iniciar essa pesquisa, buscou-se a possibilidade de conceituar o rural e os parâmetros que pudessem oferecer bases concretas para defini-lo e que expressasse concretamente um espaço, uma paisagem, um lugar ou um território. No decorrer da pesquisa, descobriu-se que em emaranhados de conceitos e

subjetivações, essa busca de um rural unificado, capaz de enquadrar-se numa forma, numa definição, não se realizaria. Uma vez que diversos rurais estão presentes não somente no mundo concreto, mas também naquele que se idealiza. Ainda mais que tanto o rural quanto o urbano fazem parte de processos que ora se aproximam e ora se distanciam, mas que permanecem diferenciando-se por uma gama de variáveis, que passam de tempos em tempos por transformações.

Poderia-se, num passado não muito distante, se pensar no fim do rural em face das transformações que a ele foi empreendida. Teria-se como base a análise de processos ainda em curso sobre o rural e a causa desse fim, retratando o domínio do capital e o apelo do urbano, que impuseram condições de restrição para a continuidade das atividades de trabalho e de se viver dignamente para a grande maioria das pessoas que viviam nas áreas rurais. Essa condição foi determinante, pela entrada das novas tecnologias de produção e que resultaram num esvaziamento sem precedentes do ambiente rural. De fato, essa situação, foi estabelecida, mas não resultou no fim do rural e sim no agravamento de problemas tanto das cidades quanto do campo. As nações ricas se vêem, na atualidade, tentando bloquear contingentes de imigrantes dos países mais pobres, e nesses, o inchaço das cidades traz um desequilíbrio geral nas condições de vida das populações. Enquanto que algumas áreas rurais conseguem reverter situações de esvaziamento e pobreza, em outras, elas acabam seguindo por vias que promovem a sua total descaracterização.

Talvez, o termo utilizado como renascimento do rural não seja o mais apropriado, já que o rural nunca morreu, mas se alterou profundamente e passa por processos de renovação, de recuperação de valores e da transformação dos seus antigos atributos e simbolismos, inseridos por inovações, tecnologias e atrativos. Sendo que, significativa parte desse processo provém da entrada das urbanidades nas áreas rurais.

Por sua vez, o rural que permanece traz do passado uma gama de conhecimentos e valores que envolvem no imaginário das pessoas lembranças e adjetivações que podem se transformar em negócios, em moeda de mercado. Dependerão, para tanto, de adaptações aos padrões de vida dos novos tempos,

permitindo assim, o estabelecimento de condições para a concretização das idealizações rurais e, portanto, permitir a disseminação e o consumo das essências do rural.

Logo, o rural, que se transforma, pode se apresentar sob diversos aspectos e com potencial para o desenvolvimento das pluriatividades inerentes ao imaginário das pessoas. No entanto, a responsabilidade por parte da continuidade do rural e da permanência do seu sentido ou da sua essência estará atrelada ao apoio político, econômico e financeiro dos organismos governamentais, dos empreendimentos privados e de outros setores de apoio, para que se possa promover a melhoria das infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento das iniciativas rurais. Visando tanto às condições de vida dos habitantes das áreas rurais quanto daqueles que desejam usufruir, de tempos em tempos, dos seus atributos.

Mas, vale ressaltar que as usuais formas de apoio que se observam, na atualidade, apresentam-se geralmente ineficientes, ainda mais que as ações, geralmente governamentais, são geridas de fora para dentro e de cima para baixo. Isto é, desconsidera-se as opiniões, os conhecimentos e as diferentes realidades encontradas nas áreas rurais. De uma forma geral, essas ações não são desenvolvidas pelo conhecimento de pesquisas que revelam as nuances dos atributos físicos e sociais dessas áreas. Procura-se enquadrá-las aos formatos comuns de exploração, e com isso homogeneizar as diversidades que expressam os sentidos do rural existentes nos diversos rurais distribuídos pelo mundo afora. Com isso, simplesmente, deixa-se perder tudo aquilo que expressa a essência do rural, que os torna singular e diferenciado.

Talvez, a expectativa do fim do rural estivesse condicionada a essa projeção de domínio do poder hegemônico sobre as fragilidades que aparentemente se visualizavam sobre as coisas rurais. Quando, então, o transbordamento do urbano, como numa grande avalanche exterminaria com todas as múltiplas variações do rural ou como se fosse uma tendência natural do caminhar do rural para tornar-se urbano. Antes de se pensar ou repensar o rural ou os vários rurais, deveria-se considerar que, dentro de cada um deles, existem

diferentes elementos, humanos e não humanos, materiais e imateriais, mas que se interagem e necessitam da vida, assim como são capazes também de produzirem a vida.

Antes mesmo do surgimento das teorias e conceitos sobre a existência, a permanência, a morte ou o renascimento do rural já acalentava e supria a vida e se estendia pela quase totalidade da superfície terrestre. No transcorrer dos tempos, os seus espaços foram retalhados e surgiram pequenas, médias e grandes aglomerações de pessoas e atividades que, subdividiram e edificaram em parcelas as suas conquistas e revelaram sentimentos de posse, de domínio e estratificações sociais e de raças.

O domínio do homem sobre o próprio homem e deste sobre o espaço e sobre as coisas nele existentes trouxeram marcas que vêm desde longos tempos até aos dias de hoje e ainda deverão perdurar por muitos anos.

A imaginação do homem ainda consegue se desvencilhar dos grilhões que o aprisionam ao mundo das formas e que os enleva aos mais distantes e imprecisos desejos. Neles, inclui-se aquilo que se visa construir para uma vida harmoniosa e que se apresenta, às vezes, como utópica para a realidade atual. Nessa busca, o imaginário humano descobre, cria e revela o seu poder de prosseguir em frente para a conquista do idealizado.

Um rural imaginário também poderia recair nessa visão utópica pela tentativa de harmonizar as diferenças, sobretudo aquelas relacionadas à natureza humana. Mas, as possibilidades para os processos de continuidade das áreas rurais deverão estar relacionadas ao aperfeiçoamento dos meios que promovem o melhoramento das condições de vida, e nesse caso surge a necessidade de primar-se pela sustentabilidade dos recursos nelas existente. Recursos esses que estão atrelados à continuidade dos valores, que oferecem caráter singular para cada uma das sociedades rurais, e se distribuem também pelo caráter singular dos elementos da natureza, identificadores das áreas rurais.

Para que os efeitos das ações que se destinam a essas áreas tenham chances de sucesso não necessitam de fórmulas milagrosas ou planos mirabolantes. Necessitam simplesmente de apoio, respeito e responsabilidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABRAMOVAY, Ricardo. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo, texto para discussão n° 702*, Rio de Janeiro. IPEA. 2000. 31 p.
- _____. *O Futuro das Regiões Rurais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- ARAUJO, João Raimundo de. Construindo a história de Nova Friburgo. In: ARAUJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel. (Coord.). et al. *Teia Serrana*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. 320 p.
- BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSETO, Maria E. Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- BECKER, Bertha K. *O mercado carioca e seu sistema de abastecimento*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, abr./jun. pp 33-60, 1996.
- BOURDIN, Alan. *A questão local; tradução de Orlando dos Santos Reis*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito, Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. 277 p.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- CARNEIRO, Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro: CPDA, n° 1, p. 53-75. out/1998.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 510 p.
- _____. *The Power of Identity*. Malden (EUA), Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- CIDE. *Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: CIDE, 2001, 580 p.

- CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1986.
- CUNHA, Sandra Baptista da. *Ambiente e características hidrológicas da Bacia do Alto Rio Grande (Nova Friburgo)*. Rio de Janeiro, 1978, 188p. Dissertação (Mestrado em Ciência) – PPGG/UFRJ.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: que é?* Recife: Editora Massangana, 1987.
- GEORGE, Pierre. *Geografia Rural*. São Paulo: Difel, 1982. 252 p.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: EDUNESP, 1991. Introdução.
- GRAZIANO DA SILVA, José. *A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira*. São Paulo: UNICAMP, 1996, 217 p.
- _____. *O novo rural brasileiro*. *Revista Nova Economia*. Belo Horizonte, v.7, nº 1, p 53-81. Mai. 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, 102 p.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914 – 1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 565 p.
- IBGE. *Censo Demográfico do Estado do Rio de Janeiro e Contagem da População do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- _____. *Noções Básicas de Cartografia: III – Elementos de Representação; 1. Planimetria; 1.4 Localidades*. <http://www.ibge.gov.Br/home/geociencias/cartografia.html> – acesso em 02/11/200.
- JACCOUD, Raphael Luiz de Siqueira. *História, contos e lendas da velha Nova Friburgo*. Nova Friburgo: Múltipla Cultural, 1999, 472 p.
- KAYSER, B. *La renaissance rurale: sociologie des campagnes dum monde occidental*. Paris: A. Colin, 1990. 319 p.
- LEFEBVRE, Henri. *Espacio y política, el derecho a la ciudad II*. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1976, 157 p.
- _____. *O direito à cidade*; tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. Cap. Cidade e Campo.

- LISBOA, Edson de Castro. Café e escravidão em Nova Friburgo no século XIX. In: ARAUJO, João Raimundo de; MAYER, Jorge Miguel. (Coord.). et al. *Teia Serrana*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 79-106.
- MARQUES, Helder. *Ruralidades Européia: memória, patrimônio e paisagem*. Palestra-UFF. Niterói. Março/2007.
- MARTINS, José de Souza. Introdução: as coisas no lugar. In: *Introdução crítica à sociologia rural*. MARTINS, José de Souza (Org.). São Paulo: Hucitec, 1981.
- MENDRAS, Henri. A cidade e o campo. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz. *Sociologia Rural*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- MINGIONE, Enzo; PUGLIESE, Enrico. A difícil delimitação do “urbano” e do “rural”: alguns exemplos e implicações teórica. Tradução de Teresa Lello. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, abril 1987.
- MOREIRA, José Roberto. Identidades sociais em territórios fluminenses. In: *Cultura, Política e Extensão Rural na Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: CPDA, 14 jan. 2004.
- OLIVEIRA, Victor Pereira de. *A sustentabilidade da relação pequeno agricultor-ambiente, em São Lourenço, Nova Friburgo, RJ*. Niterói, 2002, 102 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – PGCA/UFF.
- PAHL, R. E. “The rural-urban continuum” – *Sociologia Ruralis*, vol. 6. 1966.
- PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. *Juventude Rural: para além das fronteiras entre campo e cidade*. Seropédica, 2004, 179 p. Tese (Doutorado em Sociedade e Agricultura) - CPDA/UFRRJ.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo (Org.). *Vida rural e mudança social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1975.
- PMNF. Prefeitura Municipal de Nova Friburgo. *Dados Gerais – características sócio econômicas* <http://www.pmnf.rj.gov.br/dadosgerais>. acesso em 29 nov 2006.
- PONGRATZ, Hans. Cultural Tradition and Social Change in Agriculture. In: *Sociologia Ruralis*. Assen (Netherlands). Vol XXX, nº 1, 1990.
- REBORATTI, Carlos E. *Fronteras agrarias em América Latina*. Barcelona: Geocrítica, 1990, nº 87, 1-59.
- REDFIELD, Robert. *The Little Community and Peasant Society and Culture*. Chicago: Midway Reprint. 1984
- REMY, Jean. Pour une sociologie du rural ou le statut de l'espace dans la formation des acteurs sociaux. In: *Recherches Sociologiques*. Vol XX, n 3. 1989.

- RIBEIRO, Miguel Ângelo. “*Considerações sobre o espaço fluminense: estrutura e transformações*”. In MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (org), Estudos de Geografia Fluminense, Rio de Janeiro: Infobook. 2002, p. 13 a 26.
- RODRIGUES, Ivete Oliveira. *O espaço agrário na sociedade urbano-industrial: o exemplo da produção de hortaliças no Município de Teresópolis*. Rio de Janeiro, Set./1999, 126p. (Dissertação de Mestrado) – PPGG/Instituto de Geociências/UFRJ.
- RUA, João. “*Urbanidades e Novas Ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: Algumas Considerações Teóricas*”. In MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (org), Estudos de Geografia Fluminense, Rio de Janeiro: Infobook. 2002, p. 27-42.
- _____. *Urbanização em Áreas Rurais no Estado do Rio de Janeiro*. In MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (org), Estudos de Geografia Fluminense, Rio de Janeiro: Infobook., Rio de Janeiro, 2002, p. 43-69.
- _____. *A ressignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica*, Revista da ANPEGE, ano 2, n. 2. Fortaleza, 2005, p 45-66.
- SANTORO, Paula (Org.); PINHEIRO, G. Edie (Org.). *O planejamento do município e o território rural*. São Paulo, Instituto Pólis, 2004. (Cadernos Pólis, 8)
- SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993, 157 p.
- _____. *TÉCNICA, ESPAÇO, TEMPO – Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. 190 p.
- _____. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. 308 p.
- _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 174 p.
- SARACENO, Elena. *O conceito de ruralidade: problemas de definição em escala européia*. Tradução Ângela Kageyama. Programa de Seminário INEA sobre Desenvolvimento nas Áreas Rurais. Texto. Roma. Out. 1996.
- TRINDADE, Liana; LAPLANTINE, François. *O que é o imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- SILVA, Carlos Alberto Franco da. *Grupo Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira*. Cuiabá: Entrelinhas, 2003.
- _____. *Fronteira agrícola capitalista e ordenamento territorial*. In Santos, Milton (et al.), Territórios, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP & A, 2006. 2ª ed.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Crítica da sociologia rural e a construção de uma outra sociologia dos processos sociais agrários. *Ciências Sociais Hoje, 1991*. São Paulo: Vértice Editora, 1991.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Crítica da sociologia rural e a construção de uma outra sociologia dos processos sociais agrários. *Ciências Sociais Hoje, 1991*. São Paulo: Vértice Editora, 1991.

VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias – o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. *Destinos da ruralidade: um zoom sobre a Itália*. Caxambu: XXIX Encontro Nacional da ANPOCs, ago/2005.

_____. *Destinos da ruralidade no processo de globalização*. Estudos Avançados 18. São Paulo. 2004.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)